

MARIO DE ALMEIDA

# LISBOA DO ROMANTISMO

RODRIGUES & C.<sup>a</sup> -- LIVREIROS EDITORES.  
RUA DO OURO, 188. -- LISBOA. -- 1917.

## Lisboa do Romantismo

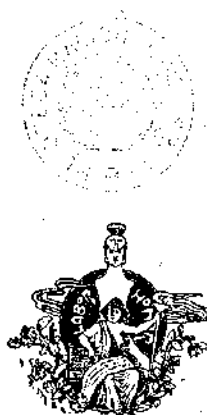


MARIO DE ALMEIDA

---

# Lisboa do Romantismo

*(Lisboa antes da Regeneração)*



RODRIGUES & C.ª — LIVREIROS EDITORES —  
RUA DO OURO, 138 — LISBOA — 1916.



*No illustre jornalista*

SENIOR

MANUEL GUIMARÃES



ESTA OBRA FOI PUBLICADA  
PELA PRIMEIRA VEZ EM FOLHE-  
TINS NO JORNAL DE LISBOA  
«A CAPITAL», COM O TÍTULO  
DE «LISBOA ANTES DA REGE-  
NERAÇÃO».



OS «CASACAS-DE-BRICHE»



## OS «CASACAS-DE-BRICHE»

A epopeia do Imperio sossobra em Waterloo, Napoleão agonisa em Santa Helena, Marat, Danton, Robespierre volveram do nada para o nada, a Convenção foi uma nuvem de sangue que passou, o sopro da Revolução que zuniu n'uma rajada épica, do mar do Norte até ao mar Tyrrheno, caiu, abateu perante a Europa colligada; voltam os Bourbons para Napoles, entram os Bourbons em Hespanha; Luiz XVIII commenta Tacito n'um canto das Tulherias; um rei caduco domina em Inglaterra pelas vozes de Palmerston e de Pitt, na Austria, Metternich congloba os elementos da Santa Alliança e Monroe prepara o imperia-lismo americano com a famosa doutrina; é a reacção do poder d'outr'ora, a liga dos reis contra os povos, o pacto de familia, a velha theoria de Luiz XV que renasce mais vivaz e mais imperiosa; Pio VII volta para Roma, não ha já illuminados, não ha já pedreiros livres, os ultimos jacobinos morrem, moralmente, depois do Thermidor, a *Tugendbund* esfarrapa-se, Kotzebue esmaga sobre o punhal de Sand, Kosciusko, extingue-se ignorado, e Ney é offerecido em holocausto a d'Enghien. Mas a Revolução, que

parecera ter morrido, nunca fôra tão viva, nunca dera tão vigorosamente os seus resultados. A semente de 89 germinára em vinte e cinco annos, principios de nacionalidade e de liberdade que rebentavam aqui e acolá com a vehemencia de botões na primavera: os *carbonarii* planeiam a Italia *irredenta*, a Grecia foge á tutela ottomana, a America latina fragmenta-se, a França sacode os Bourbons, a Hespanha impõe-se a Fernando VII. E' uma agitação, uma efervescencia que prepara o maior logro da historia contemporanea: o parlamentarismo; Lafayette, Sterrochini, Del Diego, Fernandes Thomaz sonham a lei — e por toda a Europa apenas se ouve um grito formidavel: — Constituição! Constituição!

E em Portugal forma-se a tribuna que deu, por momentos, lições á Europa. Um grupo desce do Porto, velhos-novos que ninguem ainda antevira, discursando, orando n'uma rajada d'entusiasmo, sem os colletes à l'abre d'Eglantine, sem as gravatas de Saint-Just, ignorando o *jabot* de Robespierre; não usam a toga de Brutus, mas teem a alma de Mucius Scævola; com as faces cesarianas de Collot d'Herbois ou de Barnave, envolve-os a grandeza oratoria de Mirabeau; é uma Gironda adaptada, uma burguezia solida e confortada que sonha os bens da liberdade sem os excessos da liberdade. Não é um grupo utopista — é um grupo temporão. Não são reformistas, são iniciadores de uma reforma, acompanham o movimento do seu tempo, inspiram-se em Villèle, copiam da Assembleia Nacional, nunca da Convenção. Grandes? É duvidoso. Sinceros? Incontestavelmente. Que querem elles? Quererem a

lei acima da «infallível casaca», o acêso de todos, a derrocada do privilégio, o fim da opressão. *The right man in the right place!* — diz Palmerston na sua colheita expressão popular; *mehr licht*, mais luz, como murmura Goethe moribundo. É o que elles querem. Destacam-se luminosos — porque as suas mãos são puras de sangue, permanecem indomináveis — porque teem a fé, morrem justos — porque foram severos. Clamores de liberdade em boccas tremulas, entusiasmos de vinte annos em sexagenarios exhaustos, olhos incendiados em vistas apagadas. O braço hesita — mas a voz fulminante, suggestiva, arrempeça ideias aos punhados, convence, impõe, alastra, faz esse simulacro de revolução, onde nem uma gotta de sangue é derramada, expelle esse grito de mil gritos, ulula n'uma tarde cinzenta, em volta do Paço da Rainha, o brado europeu :

— Constituição ! Constituição !

Ephemera constituição que um passeio militar derrubava, mezes depois. Mas a intensa alegria do ideal realiado explode, enorme, é toda uma agitação fulgurante, como se tivessem nascido entre nós os Direitos do Homem. Renascem os *pater conscripti*, renasce a oratoria romana, «Portugal muda de pelle», «começa a saber-se o que seja o direito da Nação», a obra proteccionista de Pombal resurge, extinguem-se, lentamente, a casaca de seda preta, a cabelleira de nós, volta a saragoça, usa-se o bu-rel, a estaménha triumphal — e o briche é a materia prima das casacas. Borges Carneiro, Fernandes Thomaz, Silva Carvalho, Mousinho da Silveira, os vintistas convictos,

são, por excellencia, os Casacas-de-Briche. Usam-na enorme, expressamente grosseira, portugueza em todas as costuras, «de grande gola encanudada, voltada, debruada sobre colletes immensos de baelão vermelho abotoados em prata». O chapéu de pello é ainda um *quid médium* hesitando entre a alta fôrma do *incroyable* do Tivoli ou do Palais-Royal — e o *tromblon* vastissimo, desaconchegado, o tubo de 1830. A gravata escura colleia o pescoço em voltas multiplas, atarraca, congestiona, afoga um collarinho de largas pontas, molle, que conserva direito, por vezes delirante d'altura, como o usavam os *fashionables* de Jorge III. Debaixo do braço, entalada no sovaco, a *baldine* flexivel, a de Byron, terminada n'uma azelha de chicote, tremula, anciosa por vergastar o mundo. As presilhas sabem com negligencia, com estudado saber, das botas altas, fôscas, onde habitualmente, por suprema elegancia, o canhão é debruado em côr differente. «São melros em roupa de cerimonia», «trajos indecentes para homens de idade», commenta, com rancor, o velho Niza. Com effeito! Trajos sufficientes para galvanisar de horror o defuncto Pina Manique.

É uma elegancia singular, a que desce do Porto. Em breve descahirá no *pisa-flores*, mas tem, por enquanto, sobriedade. O que a anima não é o esforço de parecer bem, mas o desejo de ser portugueza. A ideia de nacionalisação irradia para toda a parte: ha de, mais tarde, perder-se sob D. Maria II. Por agora, o patriota repelliá a França; d'ella queria, apenas, a ideia revolucionaria. O movimento romantico que começa a esboçar-se, na pintura em Géri-

cault. nas letras em Dumas pae, em Hugo, em Walter Scott, — nem se suspeita á beira do Tejo. É ainda o gosto romano; no theatro, Catão, a vida de Paulo Emilio; nos corredores de um velho convento beneditino, Scyla, Mario, os Gracchos... Entra-se n'uma sala como Publius Cinna no triclinio de Livia, mão erguida, gesto largo e solenne, discurso *ore rotundo*, conceito grave, hirtio como as pregas d'uma toga esculpida em marmore. É, de resto, a mesma febre intensa de 94, quando todos tinham um nome latino e todos se vestiam á grega. Estranha gente, que passa n'um turbilhão, que suppõe levantar o mundo e desaparece deixando unicamente vestigios. São felizes aquelles que, como Fernandes Thomaz, hão-de morrer pouco depois, confortados na illusão de que deixaram inabalavel o seu movimento; sem que uma vida só tivesse sido sacrificada; para esses, o supremo orgulho d'uma revolução humanitaria, elevada, generosa e nobre, que traz uma Carla e um aneio novo. Aos outros espera-os o exilio, onde haviam de morrer alguns, onde morrerá, annos antes, devorado de saudades, o poeta que, na Arcadia, fôra Filinto Elysio. São, então, sombras errantes, sem logar no mundo, corpos vagabundos onde falecem almas mortificadas usando a magua do seu grande sonho calido. Começa o grande exilio, com flutuações, retornos subitos, expulsões dolorosas, selecção de portuguezes, bocadinhos d'amor que se arrancam com odio, martyrio, lagrimas, saudade, lucto, braços tremulos, abertos n'uma suprema e voluptuosa dôr para essa patria pequenina tão ciosamente querida, tão furiosamente amada, offertas mudas

de todo o sangue das veias, de todo o alento da alma; ar-  
queia-se a formidável auréola iriada com todos os prantos,  
matisada com todos os desesperos, começa a augusta ma-  
gestado dos vencidos, lentamente robustecida, crescendo  
indomável de lê até áquelle gesto immenso, até áquelle  
grito formidável que varre tudo, despedaça tudo, leva  
adiante de si o anachronismo, a prepotencia, a casta. Os  
homens de 20, depois do triumpho, conhecem o soluço;  
reapparecem menos postiços, menos declamatorios porque  
soffreram. Os que julgam que a ideia se mata, chamavam-  
lhes um sonho mau quando elles eram, irrefragavelmente,  
o principio d'uma grande realidade. Pode vir D. Miguel,  
pode vir o lamentável retorno que pretendia resuscitar  
um seculo lugubre. O grito que chegou aos astros não  
morreu. Ha, pelos cantos onde se conspira, em velhos  
solares de provincia, em barracas sordidas do Porto, um  
lento suspiro abafado que repete uma palavra, a mesma  
que estrugira, a mesma que voára :

— Constituição ! Constituição !

## AS FILHAS DE D. JOÃO VI



## AS FILHAS DE D. JOÃO VI

Um homem baixo, bonacheirão, com tendencia para a obesidade, uma vaga parecença com Carlos IV d'Hispanha, uma fugitiva semilhança com Luiz XVI, usando com frequencia meias de um verde estridulo, larga sobrecasaca côr de folha morta, peruca sempre desleixada, espirito sempre indeciso e vagabundo, olhar incerto, pousando a medo, com lampejos de loucura, com a myopia allemã do pae, a hesitação mental e beata da pobre doida que foi a mãe. Tortuoso de conceito, com um terror sagrado de Pina Manique, rindo de Bocage, detestando José Agostinho, falando de Saint-Just como d'um monstro, prohibindo o nome abominavel de Robespierre, tendo para a Grande Revolução uma palavra que era um rônco: — «Pedreiros livres!» — polichinello movendo-se pelos cordeis que puchavam os casacas-de-briche, embrulho incommodo que se embarca n'uma nau, que se remete para o Brazil, d'onde volta, sempre como embrulho, com uma ligeirissima idéia da Constituição, approvando, negando, concedendo, sempre fóra das suas prerogativas porque as não conhecia, cioso das suas regalias porque as malbaratava, — os fran-

cezes tel-o-hiam cognominado *Le débonnaire*, a historia chama-lhe D. João VI, o *Clemente*, os seus contemporaneos *El-rei-o-nada*.

Em volta d'elle ha a grande familia dos patriarchas. Em treze annos tem nove filhos, vê morrer apenas D. Antonio, o principe da Beira, que transita como uma sombra e desaparece, levado pela escarlatina, aos seis annos, casa tres filhas em Hespanha, faz do marquez de Loulé seu genro, passa a vida affastado da rainha, com quem se reconcilia oito ou nove vezes, tem o aborrecimento perenne de Luiz XV, pouca, murcho e inerte, como uma bola de carne, nas corridas de Salvaterra e, quando pode, foge para o convento de Mafra a resar o seu eterno cantochão :

Nós temos um rei  
Chamado João  
Faz o que lhe mandam,  
Come o que lhe dão  
E vai para Mafra  
Resar cantochão.

As filhas iam crescendo, vivendo para destinos diferentes, nenhuma para destinos felizes. Eram seis creaturas miudinhas, tendo todas, na infancia, a pelle morena, afogueada, verrugosa da mãe. D. Augusta de Calça-Pina, vagamente acafata, ligeiramente governanta, fôra recebida em Versailles, quando lá estava o nosso embaixador Sousa, entrevira a filha de Maria Antonietta, que foi mais tarde a duqueza d'Angoulême e que era então *Madame Royale*, trouxe para Portugal o penteado estranho da princezinha,

copiou das gravuras de Sanfort, entalou as infantas nos corpetes á Du Barry, emparedou-as nos brocados hirsutos de *lady Pitt*, pouco faltou para as altear com os incríveis chapéus á Théroigne de Méricourt. De Senancey, ao vel-as com um ar de precoce tristeza, hirtas, emboceladas na moda delirante de Calça-Pina, exclama : — *Comment peuvent-elles vivre là dedans ?* — E a mãe, que parecia feita de madeira, mas mal feita, que não tinha gosto para vestir-se, desgraciosa, de cabello aspero e rebelde, disforme no quadril, disforme no hombro, achava-as encantadoras e approvava. A tutela da inconcebível mulher prolongou-se até que um vólvo a levou, empertigada e sécca, remotamente parecida com aquella *Madame* de Noailles que a pobre Maria-Antionietta chamava *Madame l'Étiquette*. As infantas tornaram-se mulheres, mas já marcadas pela tolice atroz que lhes comprimiu a infancia, profundamente des-similhanes e excessivamente mal educadas. — *Ce qui est à remarquer dans cette famille de Portugal* — diz Laura Pernon, duqueza d'Abrantes, — *c'est que pas un enfant ne ressemble à sa sœur ou à son frère !* — Carlota Joaquina podia, talvez, explicar a razão, mas esqueceu-se de o fazer ; entre o almirante Costa Fêio, o marquez de Marialva, o Santos, almoxarife do Ramalhão, a duvida podia perpetuar-se, eternisar-se. E, de facto, subsistiu, subsistia ainda para Rebello da Silva e para Latino Coelho.

Passa, porém, como certo que as quatro primeiras eram de D. João VI, o que não impediu que todas seis tivessem, como de resto es dois irmãos D. Pedro e D. Miguel, uma instrucção deficientissima e desleixada. A infanta Maria

da Assumpção nunca tinha ouvido fallar de Camões e não fazia a mais pequena ideia do que fossem os *Lusiadas*. Maria Thereza, a primogenita, tinha uma orthographia monstruosa, capaz de estarrecer um bolheiro, o que não obstava a que escrevesse no fim das suas cartas : — *Viva el-rei D. Miguel Absoluto!* Foi sempre muito absolutista, defensora acerrima do antigo regimen; estava em Cadiz quando foi da *Villafrancada*, e a sua alegria incendiou-se, enorme: applaudiu, tripudiou, escreveu, com letra mais aperfeiçoada, o seu habitual *Viva D. Miguel Absoluto*. O historiador navarrez Echegarra pretende demonstrar que foi ella quem matou os seus dois maridos (o infante de Hespanha D. Pedro Carlos, e depois (1838) D. Carlos, viuvo de sua irmã D. Maria Francisca) mas não explica como, tomado d'um subito pudor, logo a seguir á sua frase malaventurada. É verdade que, mais abaixo, tambem diz que a infanta era linda, redimindo assim a predilecta de D. João VI. Com effeito, uma gravura de Pradier, bastante commum nos colleccionadores da *taille-douce*, mostra-nos uma mulher alta, forte, cheia, com os traços accentuados de Juno mas com a elegancia varonil de Bellona: era realmente bella.

Como a irmã, que ignorava Camões, D. Maria Isabel suppunha que no Brazil só havia pretos. Teve depois occasião de verificar o contrario, e quando da viagem que o Dom Prior de Cedofeita fêz a Lisboa, ao ouvi-lo explicar como a terra era redonda, desvairou, perdeu a cabeça em pleno paço da Bemposta, gritou — «Um hereje!» — com todas as forças da sua alma, e nunca mais consentiu que

lhe fallassem do prior. O pobre homem nunca poudo comprehendêr! Era branca, nutrida, rosada, boa e virtuosa, tinha um grande ar de bondade que lhe temperava as feições um pouco duras, um ar bonacheirão — como o do pae. E essa curiosa creatura que até ignorava Goya, que era, contudo, do seu tempo, lembrou-se de fundar o museu do Prado, suggerindo ao marido, Fernando VII, tão ignorante como ella, a ideia de juntar n'um só edificio todas as obras primas da pintura dispersas pela Hespanha. Não viu a realisação da sua bella ideia porque morreu, mezes depois, de uma forma horrivel: estava grávida e teve um accidente; um dos medicos, teimoso como Fagon, inhabil como La Chaise, um d'estes medicos de côrte que já no seculo XIX ainda fazia a medecina do anterior, a sangria e o emético — julgou-a morta, fez-lhe a operação cesareana para salvar o filho, retalhando á vontade e sem reboço. A rainha voltou a si para morrer logo em seguida, na mais tremenda de todas as agonias. Tinha vinte e um annos. Alguns annos mais, n'essa soturna e adormecida côrte de Hespanha viveu a irmã, a infanta Maria Francisca, que casára no mesmo dia com o irmão de Fernando VII. Tinha uma grande veneração por D. Miguel e passava o tempo n'uma correspondencia interminavel com a marquezia de Chaves. Era da força das outras, com a variante de ter um bello talhe de letra. O duque d'Ossuna escreveu algures: — *Como é possível que tão linda calligraphia encubra tão feia orthographia?* — E a embaixatriz de França, em Madrid, que era irmã de Descazes e do sangue da Sévigné, affrontava-se com aquillo, perdia a respiração,

sibilava com rancôr: — *C'est un crime!* E quando a infanta morreu, em Inglaterra, a embaixatriz não desarmou. — *Elle causait bien!* — dizia alguém em guisa d'oração funebre. E a descendente dos Sévigné protestava: — *C'est possible! Mais elle écrivait mal.*

A mais popular de todas, a Regente, a Infanta Isabel Maria, sossobrou também no escólho da orthographia, mas resgatava este defeito com um sorriso encantador. Hide de Neuville, embaixador de França em Portugal (sempre os embaixadores!) dizia: — *Elle était fort jolie, son visage exprimait, en même temps, l'intelligence et la beauté!* — Inteligente? Sem duvida. Na sua quinta de Bemfica, (dos bens do Infantado) onde vivia, tomou o gosto ao constitucionalismo e, apesar de Regente, não se chegava. Era a mais velha das irmãs que tinham ficado em Portugal e não occultava a sua sympathia por D. Miguel. As dissensões intestinas afastaram-n'a; ia então para a quinta da Amora, do outro lado do Tejo, onde passeava a sua hysteria, a mais completa e mais perfeita das hysterias. Estava para casar com o príncipe de Condé, o ultimo dos Condés, quando, de bordo da *Windsor Castle*, desembarcou um tenente de marinha — e o marinheiro gostou tanto de Portugal que se esqueceu de ir embora, e foi demittido. O casamento rompeu-se, e a infanta, mais hystérica, mais enrodilhada nos seus nervos, refugiou-se, quasi de todo, na Amora. Morreu septuagenaria, rodeada de padres, obcecada por um terror indizível do inferno — de que se aproveitaram dois inglezinhos herdando uma fortuna redonda.

Bem mais interessante, com muito menos vida, foi aquella débil princeza que se chamou Maria da Assumpção. O cunhado, o marquez de Loulé, ousára, já depois de casado, namoral-a também. Era insignificante. O seu melhor tempo perpassou no curto reinado de D. Miguel; acompanhou-o sempre e, apesar de solteira, dizem que morreu de parto, já com um ligeiro *embonpoint* de trintona: parece, comtudo, que foi do cholera-morbus, em Santarem. Nas *Viagens na minha terra*, diz Garret que foi enterrada n'um caixão de folha, mal embalsamada, e na egreja do Santo Milagre. Foi em 35; a folha rebentou, empestou a egreja. Começa então a odysseia do triste prior: durante um anno pediu, supplicou, impetrou que lhe removessem o caixão importuno. Debalde. Exhausto, mudou-o para o cruzeiro da egreja, em campa rasa, onde lá está ainda, do lado da epistola. E assim desapareceram de todo os restos da infanta....

Venus renasceu mais uma vez na ultima, a formosissima Anna de Jesus Maria. Era modelar; mas Neuville desdenha: — *A quoi ça sert-il, puisque c'est à Loulé?* — Com effeito, era de Loulé, Antinous, Cinq-Mars, Narciso, um dos mais bellos homens do seu tempo, como lhe chamava Fletcher, empertigado nos seus collarinhos. Vagamente se sussurrou uma historia: a infanta, n'um dos corredores do Paço, ordenára ao marquez que lhe apertasse uma liga e como aquelle feliz mortal tivesse ainda uma hesitação, *par respect*, cicia Neuville, a infanta repetiu a ordem com mais intimativa, estendeu, mostrou um delicioso prolongamento de pé. — *C'était, pourtant, un joli pourboire* —

acorescenta o incorrigivel embaixador. Mas quando o marquez, pressuroso já, recolhia o seu *pourboire*, El-Rei apparece, franze o sobrolho — e o casamento ajusta-se em quatro palavras. Chamaram-lhe logo o *Sorte Grande*, mas como elle era muito patuleia, e ella muito cabralista, não tardou que deixassem de se entender. Tiveram o seu exilio, voltaram em 34. Elle continuou sendo o *Sorte Grande* em politica, o *Sorte Grande* até na morte porque morreu de repente no seu palacio de Belem duque, presidente de conselho, carregado de honras e de favores; ella passeava o seu nervosismo hereditario pelos salões de Lisboa. Assiste aos bailes da Assembleia Lisbonense, apparece nas Larangeiras, muito em S. Carlos, nas *soirées* da condessa de Vianna — e vae morrer a Roma, d'um anthraz que gangrenou, quando, definitivamente separada do marido, pensava em installar-se no palacio Aldobrandini.

Para fortunas diversas viveram as seis filhas de Carlota Joaquina. Todas trouxeram o peso d'uma raça acabada, nenhuma foi feliz, teve a singela e doce felicidade das mulheres. A mãe, nos seus partos quasi bienaes, constantemente repetidos em treze annos, exgotou-as, transmittiu-lhes o pobre sangue dos Bourbons de Hespanha; o pae, todas as taras da *Piedosa*, todas as d'elle, as hereditarias, longinquas, que já vinham de D. João V e de D. José. Todavia, a fecundidade permanece; mas os filhos de Carlota Joaquina, são, lembrando a bella expressão de Pasteur, *du sang à faire des malheureux!*

## A MEDALHA DA POEIRA



## A MEDALHA DA POEIRA

As quatro janellas do salão amarello estão semi-cerradas. Fóra, maio refulge. O meirinho da antecamara cabeceia de pé, encostado a uma columna de faiança de Sèvres. As pesadas sanéfas de velludo rôxo adormecem em prégas molles, sem um movimento, sem um braço palaciano que as affaste n'um gesto decidido. Chegam, vagos, os rumôres da rua. A meia luz escassa come os tons neutros da alcatifa, incide nos pés de cobre d'um grande tremó Imperio. Silencio. Na mesa de pau santo onde o monarcha assignára a promessa de Constituição, um enorme budha em marfim, monstruoso, todo umbigo, parece dominar com as orbitas sem olhos um povo inumeravel de estatuetas, espalhado aqui e além, por sobre os marmores. Cadeiras largas, feitas ainda para a magestade das anquinhas, estendem os braços, esperam. Tapetes d'Aubusson, pannos d'Arrás. Solidão. No tecto apainelado a carvalho, a esphera armilar rebrilha a vermelho e oiro, espreita o vasio das quatro paredes onde dorme o aborrecimento. E no canto mais escuso, por detraz d'um biombo em seda de Kai-Tong, abandonado de todos, repellido por

todos, meio estendido n'um campapé, um velho de cabellos brancos, de patilhas brancas, mais Habsburgo do que Bragança, mais morto do que vivo, só, inoccupado, agitando nervosamente as mãos, parece escutar attentamente o socego adormecido do palacio: É El-rei.

Contaram-lhe um dia como Luiz XVI fugira de Paris e fôra preso em Varennes. E elle, agora, espera o seu Varennes. É uma angustia que dura ha dois annos, que vae ainda durar mais tres. Seria talvez n'essa tarde de maio, no dia seguinte, no outro mez, se a hespanhola perfida que ruminava a sua perda na humidade do Ramalhão, o não supprimissem antes. Um suspiro frouxo torna ainda mais pesado o silencio do salão amarello. Na antecamara, a pendula bate regularmente o meio-dia e, logo a seguir, a toada argentina do costumado minuete de Cimarosa vibra estranhamente no calor suffocante da tarde de verão.

O conde de Soure affasta um reposteiro, procura o rei com a vista, inclina-se ligeiramente, responde com gravidade a uma pergunta muda:

— O senhor Infante sahio esta madrugada da Bemposta e está em Villa Franca.

— Em Villa Franca?

— Em Villa Franca.

— E o que foi elle lá fazer?

— Por enquanto, quasi nada. Mas disse alguma coisa.

— Ah! Disse alguma coisa... E que disse elle?

— Disse: «Morra a Constituição!»

— É pouco. Toda a gente o diz!

—Mas disse-o á frente de quinhentos soldados.

E contou. Logo de madrugada, D. Miguel sahira surra-teiramente do palacio e, de combinação com o brigadeiro Ferreira Sampaio, amotinára o vinte e trez d'infantaria, que levou de roldão, n'um frémito de enthusiasmo, ao encontro da divisão transmontana. Eram claros os planos do Senhor Infante; tratava-se de rasgar definitivamente a Constituição. E agora, soberbo, refulgindo de vida e de mocidade, desempenado em cima d'um potro d'Alter, animáva com a voz e com o gèsto, ameaçava de marchar sobre Lisboa — e reclamava, com instancia, El-rei. Mal ia para os pedreiros livres, sobretudo se a divisão chegasse. Era, d'esta vez, o sangue que se evitára em 20. E o palaciano, desorientado, suggeria ao monarcha a milicia, o sete d'infantaria, a força opositiva, todos os elementos conglobados para esmagar essa ninhada de toupeiras que detestava e não queria vêr o sol radioso da Grande Revolução. O conde de Soure, affecto a D. Miguel, *ancien-regime*, aterrado com aquella diversão que o ia talvez baldear para incertos destinos, ardia em puro fogo constitucional — e propunha medidas tão violentas que nunca, sequer, tinham passado pela mente do famoso Santérre.

O velho desenroscou-se do sophá, passou lentamente os dedos pela testa. De novo surgiu a visão de Varennes. E chegára aos cincoenta e seis annos, toda a sua vida fôra uma transigencia para que, já pendido sobre o tumulto, tivesse a dôr de vêr o filho revoltado, como tinha tido a magua de saber a mulher sonhando a sua supressão. Agora, era o fim; e o seu encolher resignado d'hombros marcava

realmente, o fim da sua auctoridade de pae, da sua dignidade de rei...

Dias depois, affirmava um grande amor á Constituição. A pressão exercida de todos os lados era enorme. E como podia suppôr-se que, intimamente, a sua sympathia pelo antigo regimen prevalecesse, quando em baixo rugia a soldadesca, defronte do Paço da Rainha Catharina, mandava as infantas á janella, a explicar:

— O pae não quer ser absoluto!

— Ha-de ser! Ha-de ser! — clamavam, da rua, os pretorianos.

El-rei passava as mãos pelos olhos no seu gesto habitual, indeciso e hesitante. E transigia:

— Bem! Pois então serei!

E aquelle velho que suspirava pelo descanso definitivo, andou ao sabor de todas as paixões como uma carcassa sem governo que a agitação das aguas baloiça no oceano sem fim. Rei Lear esbulhado do seu throno, a sua corôa foi, em verdade, uma corôa de espinhos. A promessa de Constituição era uma nuvem de fumo tenue que elle descuidosamente assoprou. Foi a Villa Franca, rodeado pelas tres infantas, reunir-se ao filho, entregar-se-lhe. Varennes ainda. O enthusiasmo explodiu. Todo o paiz repudiava com rancôr as ideias liberaes, acclamou D. João VI. O carro em que voltou para Lisboa foi desatrelado, puxado depois por brigadeiros, por capitães que maculavam no pó da estrada o ouro das suas agulhetas, soberbos, triumphantes, plethoricos do orgulho de puxarem a carruagem de tão bondoso rei. No dia seguinte, a *Gazeta* publicou

os nomes d'estes «notaveis motores humanos» e o capitão Ruy Barbosa, lacrimoso, indignado, protestou contra a falta da sua pessoa na lista memoravel — porque puxára também, também se atrelára e injustamente lhe haviam omittido o serviço e o nome. D. Miguel impunha-se, e aquella sombra de rei, sem prestigio, sem energia, atormentada, vacilando como uma chamma de véla no redemoinhar de todas as paixões e de todas as torpezas, referendava simplesmente, d'olhar vago e absorto — o terrivel olhar dos velhos! — as exigencias de Villa-Flôr, d'Angeja, dos condes d'Avintes e da Figueira. Apparceu então a medalha commemorativa, a medalha da *villafrancada*; no verso, a legenda «Heroica fidelidade transmontana»; no anverso, «Fidelidade ao Rei e á Patria». Todos tiveram a medalha, ciosos de mais aquelle *hochet*; o visconde de Santa Monica dava-lhe o primeiro logar nas condecorações do seu uniforme, e o conde de Soure, que relembra o sete de infantaria e outros meios de repressão, também a usou largamente. Fidelidade ao Rei e á Patria! O rei, na revista ao vinte e trez d'infantaria, levou-a na sua farda. Os officiaes da divisão transmontana tiveram-n'a como o rei. E a medalha da revolta, colhida na felonía e na traição, era um objecto de horror entre os liberaes esmagados, silenciosos. Quando ella repassava, brilhando n'um peito que se julgava esteio e que era apenas um degrau, uma exclamação medrosa traduzia o desdem:

— A medalha da poeira!

Com a medalha da poeira suspensa da sua casaca verde-negra, El-rei tremia com receio de que a mulher o

mandasse matar. Era um sêr lamentavel, terrificado, deperecendo celere, supplicando mudamente, humildemente a paz dos seus ultimos dias. Quando o conde d'Amarante chega a Lisboa, á frente dos seus transmontanos, abraça-o chorando d'alegria; n'essa mesma noite, a medo, com a voz da consciencia, faz o elogio de Borges Carneiro. A loucura da mãe accende-se, por vezes, no seu olhar apagado. Tem a mão incerta e tremula; o filho apavora-o e como se não bastasse toda a crueldade fria do moço que pretende dal-o por coacto, é ainda o infante que o avisa, sem fundamento, de que as lojas maçonicas tencionavam assassinal-o. Soffreu, remiu. Noites passadas no silencio da alcova, tremendo senilmente com o pavor da morte, dias horriveis sem o conforto decidido e corajoso de um homem entre tantos homens. E é quando o cardinal-patriarcha espalha a sua pittoresca pastoral em que D. João VI é *a luz da nossa cura, a respiração dos nossos narizes*, que o Rei, tocado por aquella dedicação que se exprime d'uma fôrma tão estranha, mas que se advinha tão commovida, vae a S. Vicente, procura o prelado, se lhe lança aos pés e longamente chora a sua velhice amarga que o não deixa morrer em paz. Já não é um mau rei, — é apenas um pobre rei, sombra desgraçada de rei que, a um tempo, repelle e enternece. E n'esta epopeia de soffrimento e de doublez faz o ultimo e desesperado esforço em favor da sua tranquillidade; sae, com indifferença, da sua prisão real, affecta um passeio a Caxias e bruscamente embarca na *Windsor-Castle* que fundeia no Tejo. D'ahi proclama em segurança. Livre, em territorio d'Inglaterra, é de novo

constitucional. D. Miguel, commandante em chefe do exercito, é mandado viajar pela Europa. Em terra os liberaes recommencam apparecendo. Olham-se com surpresa e murmuram aturdidos :

— Acabou-se a medalha da poeira !

---



S. MIGUEL ARCHANJO



## S. MIGUEL ARCHANJO

Aquelle moço bello, de cabellos negros, olhar rasgado e provocante, espartilhado na sua farda escura, d'alta gola doirada; esbelto, fogoso, meridional, com effluvios que sugestionam, langôr que faz sonhar as mulheres, — é o terceiro rei popular de Portugal. Na sua loucura sombria e phantastica passou D. Pedro medievo; n'uma claridade de sonho, epico e cavalheiroso, desapareceu D. Sebastião, na tarde d'Alcacer-Kibir. Agora é elle terceiro e ultimo. Vem de gladio vingador, olhos chammejantes, limpar a terra da Revolta e da Ideia Nova; portuguez cruzado de hespanhol, impetuoso, ardente, impulsivo, é um dos Titans que, na guerra, accumularam Pelion sobre Ossa n'um clamor de triumpho e de orgulho. Cruel, estouvado e maldoso. É portuguez. Os crepusculos quentes de Queluz viram-no, muitas ocasiões, enleado n'uma pensativa melancholia sem forma e sem nome, arranhando, dolente, uma guitarra d'alquilador; mas, eis-o que se ergue d'arremêço, faz relampejar a espada de fogo, fulmina, anathematiza, condemna, estende o braço arrogante, amaldiçoando e renegando; é Miguel, o representante do Senhor, que esmaga o dragão

do liberalismo, bello e formidavel como o de Raphael, bellicoso e ousado como aquelle outro chefe da milicia celeste: — é S. Miguel Archânjo.

Curta expansão do genio a caminho da epopeia! Entre uma tarde cinzenta de fevereiro e um dia refulgente de maio, seis annos passaram rapidos. Seis annos ensanguentados e sombrios mas seis annos bern portuguezes de entusiasmo, tão vivazes, tão fortes que ainda hoje teem vestigios. E, desconhecendo ainda a pesada amargura de Sines, um rapaz de vinte e seis annos, a bordo da sua pesada fragata, por entre a neblina que lhe esfuma as margens do Tejo e envolve em mysterio as collinas doces e amaveis da Outra Banda, — tráz grandes projectos e grandes sonhos. E enquanto os largos olhos avelludados sondam curiosamente as margens abençoadas, começa em terra o formidavel delirio que vae viver quatro annos e agonisar durante um seculo. Reunem-se grupos enormes, gesticulantes, discutindo o Messias que chega á terra portugueza. Ha, pelas esquinas, oradores apoplecticos e desbocados que vociferam: — *Vae chegar! Vae chegar!* E em roda o côro repete, deliciado: — *Vae chegar! Vae chegar!* A cidade está em festa, empavesada, transbordando de galhardetes e bandeiras. Um doceiro das cruces da Sé, antecipando cincoenta annos a reportagem moderna, affixou, na sua loja, um lefreiro magistral, de fulgurantes inaniçulas onde a multidão, espécada, soletrava: — A «*Perola*» demanda a barra! Um selleiro da rua dos Correeiros pintou na sua porta, a ôcca e a vermelhão, o archânjo S. Miguel, a cavallo, de longos cabellos ondulados, brandindo

uma lança faiscante e por debaixo, em letras de palmo, elucidava: — *Este é o nosso bom rei S. Miguel I que vem restaurar a Patria!* O notario Sebastião Pereira arvorou uma bandeira branca onde se lia, em letras d'ouro: — *Viva o valente de Villa Franca!* — e até o «Roberto Pim-pim», um typo conhecidissimo da rua, que apanhava bordoadas por uma pá velha, por habito ou por mera distracção, rouquejava na sua algaravia aguardentada, semelhante á de preto: — *Viva Dom Miguel! Viva Dom Miguel!* de companhia com outro mariola, o «Paixão-fiel-de-feitos», gatuño, vadio e burlão, ambos acolytados por uma incalculavel porção de creaturas inconfessaveis mas profundamente miguelistas, obsecadas por aquelle bondoso rei que gostava tanto de toiros e estafava com tanta galhardia parrelhas de piléas em batidas afucinadas até Quêluz. Havia doces á D. Miguel, lenços á D. Miguel, botas á D. Miguel, todo um estendal baptisado com amorosa idolatria que a multidão, desordenada de jubilo, levou a Belem n'essa tarde famosa para que o tenente-general, ao desembarcar, logo deparasse com as affectuosas provas da dedicação do seu povo. A *Perola* fundeu entre a chuvinha miuda que não conseguiu, todavia, dispersar a multidão ennegrecendo os areaes da Junqueira e que, n'um relance, viu o mancobo aureolado saltar ligeiramente na praia fulva, desdenhar o velho *landau* do Fletcher, o primeiro que viera para Lisboa, e desapparecer a palacio. Foi a orgia. Até de madrugada, em toda a margem, magôtes delirantes accenderam enormes fogueiras, as fogueiras portuguezas da clara noite de S. João e, durante horas, como rondas de walki-

rias, n'um *sabat* furioso dançaram e beberam, urrando sem cessar :

Rei chegou !

Rei chegou !

Em Belem desembarcou.

N'um fragor d'apothéose El-rei, cuja noiva ainda não tinha dez annos, por entre vivas interminaveis «ao rei absoluto», fez um simulacro de juramento á Carta perante as Côrtes reunidas, depois de ter recebido a regencia da infanta Isabel Maria. E logo circularam estranhas novas. Dizia-se que El-rei não jurára ! Em substituição dos Santos Evangelhos, a edição dos *Burros*, d'Agostinho de Macedo, recebêra. o complemento das palavras sagradas e em plena magestade da Camara o duque de Cadaval occultára D. Miguel aos deputados da nação no momento preciso da formula que empenhava a sua honra. Com o favor popular crescia a sua impassibilidade. Foram os dias temerosos do ministerio de Cadaval, Leite de Barros, que mais tarde havia de ganhar o seu condado de Basto, Rio de Mendonça, Villa Real, Louzã. Immediatamente as côrtes foram dissolvidas e as camaras municipaes supplicam a D. Miguel que «cinja a corôa», terminando definitivamente a Constituição. El-rei passeando o magico efflúvio dos seus olhos de velludo, moreno como um cigano, com a languidez de Fortunio, o descuido garrido de de Berry, cavalga pela cidade, petulante, cheio de garbo, ladeado pelos marquezes d'Anjeja e de Loulé, pelos condes da Figueira, orgulhosa fidalguia, dominadora e altiva que faz scintillar

ao sol peninsular uma chuva d'oiro desprendida das dragonas d'uniforme. O entusiasmo recrudescce. Era frequentemente levado em triumpho, n'uma idolatria sem causa e sem reflexão e, para lhe agradar, n'um reflexo de cõrte, espancavam-se os liberaes. Então relampejava-lhe o olhar meigo e a mesma crueldade nativa de Carlos IX fusilando huguenotes atravez d'uma janella bastarda do Louvre, renascia no moço de apparencia contemplativa — e só aplacava nas viellas que elle, disfarçado, percorria em cata dos seus faceis e favoritos amores, repicando uma viola, envolto n'um capote cinzento de briche, dissimulando a face popularissima debaixo d'um vasto chapcu de pêllo de lebre.

Mas a este rei estranho que quatro quintas partes do paiz acceitavam, calorosamente, no pavor do incerto futuro d'uma rainha de dez annos e a quem a Universidade enviava deputações de lentes, trucidados em Condeixa, — faltava o prestigio das armas para que a sua popularidade subisse ao apogeu. E foi só depois que o general miguelista Povoas bateu, n'uma escaramuça ligeira, o liberal Saraiva Refoios, obrigando o exercito da Constituição a emigrar para a Galliza, que o clamor idolatra de Lisboa se tornou indescriptivel. Foi o guerreiro christão exterminando a impiedade. As mulheres abençoavam-no, vultos immoveis deixavam que as barbas se lhes ensopassem em lagrimas d'alegria quando elle passava, formoso, galopando com a longa vâra entalada ná sêlla, á maneira dos campinos; e nas salas lobregas dos hospitaes, os moribundos erguiam as mãos ao céu em favor d'aquelle rei tão bom, tão justo e tão clemente, que amava os pequeninos e só

dos pequeninos queria os seus prazeres. Por isso as préces publicas foram infundaveis, interminaveis os *ex-voto* pendurados em todas as egrejas de Lisboa n'aquelle dia medonho em que El-rei, viajando para Queluz n'um carro puxado por duas mulas *malhadas*, n'um solavanco mais violento, partiu uma das pernas. Foi, em Lisboa, uma tempestade de desespero que apenas acalmou ao saber-se que a fractura não tinha importancia. Mas como a cura fosse demorada, o povo voluntariamente se recolheu, se privou das alegrias que não podia, de momento, partilhar com o rei. A cõrte cahiu n'uma monotonia pavorosa; não havia caçadas, nem folguêdos, nem toiradas. Todos regougavam latim solicitando a attenção de Deus para os ossos de D. Miguel; e, enquanto Sua Magestade continuava de perninha, os lisboetas, enternecidos, cantavam *Te-Deums* aos centos. No dia em que elle, de novo appareceu em Lisboa, forte, curado, mais bello, a alma da cidade explodiu n'um grito memoravel e a sua ternura estranha e sugestionada, fundiu-se na quadra popular, cheia de poesia e de enlevo:

Quando os passarinhos choram  
Que não tem entendimento  
O que fará quem não vê  
D. Miguel ha tanto tempo !...

Recomeçou aquella vida de cõrte, que ia buscar ás classes communs as razões mais fortes do seu divertimento. Enquanto a forca funcionava no Caes do Sodré, El-rei agia n'uma exuberancia de vida, á boa luz do sol. Eram as jantaradas épicas, á maneira de Gargantua, com João

Sedloven, o picador, o Damasio e o celebre Leonardo, sota das cavalariças. A *morgue* do theatro lyrico, os seus amores insonsos com a Bruni, bailarina e empresaria de S. Carlos, em breve murcharam, definharam de todo nas recitas abafadas da *Muda di Portici* para revoltearem em redor da saia escarlate da Margarida Adriôa, uma saloia redonda e esplendida que fazia sorrir o macabro Telles Jordão e que era cantada por Curvo Semedo, Barradas, Pedro Lopes, todos os poetas do tempo. A sua semilhança de gostos com o povo era a causa maior da sua aura popular. Familiar, provocava a familiaridade. Paráva em longas conversas, aqui e acolá, com tricanas, ovarinas, vendedeiras do mercado — e a multidão ao vêr aquelle rei sem vaidade, inflamava-se, dava a vida por elle, porque o sentia do seu sangue e do seu temperamento vulgares. Entre a filha de um sapateiro e a filha de um barbeiro, achava, ás vezes, logar um curto idyllo de côrte — e a todas El-rei deixava, como recordação, um filho, feito galhardamente, á portugueza. Os seus crimes são resgatados pela exuberancia facil e descuidosa dos seus actos. Não é Habsburgo, D. Miguel; é Marialva. Outros homens hão de vir, igualmente crueis, mas vêm já tintos do inglesismo, do francesismo que trouxeram do exilio, mais civilisados talvez, mas cobrindo de tons neutros a verdade da vida lisboeta. D. Miguel é o ultimo rei portuguez. O povo no seu subtil entendimento bem o comprehendeu, e é por isso que o ama, é por isso que vibra, estremece, palpita quando elle passa, sentindo vagamente, com a presciencia das multidões, que depois d'elle não voltará

outro, nunca mais, jámais. E na sua ternura simples, ao senti-lo formidável e amoroso, bom e mau, homem feito á imagem do povo, colloca-o no céu polytheista da sua devoção e n'um grito soberbo em que vae toda a sua rude alma, exclama, exclama sem fim :

— É S. Miguel! É S. Miguel Archanjo!

---

## A CIDADE DO LIXO



## A CIDADE DO LIXO

O inglez Twiss, que veio a Portugal nos fins do seculo XVIII, deixou um curioso livro de recordações sobre o que viu em Lisboa. Uma das coisas que mais espezitaram o *cant* perfeitamente britannico d'este insular respeitavel, já engravatado á Marceau, com a arguta critica de Lioncelli, foi, sem contestação, a vida miseravel dos pateos de Lisboa, toda a pachorra indolente e despreoccupada do vadio estiracado nos recantos de sol, as creanças caçando percevejos, o mulhierio estridulo intrigando e descompondo. E, por cima das barbudas comadres, por cima de todòs os antros que Lisboa conservou e ainda hoje conserva, o bom inglez descobre uma porcaria immemorial, gothica, formidavel, já patinada pelo tempo, um requinte d'estrumeira, um gosto muito vivo e muito pronunciado pelo sujo que tranformou os bairros ovarinos da Esperança e da Madragôa em *ghettos* abominaveis onde havia peste no estado endemico, qualquer cousa — diz elle — tão fétida e tão ascorosa como uma cabana de lapão. E ainda, com severo pasmo, observa o viajante, nos pateos da Ribeira, grandes macacos unicamente occupados em catar a ver-

mina dos marítimos em descanso, coçando ao sol, com negligencia, todas as chagas exóticas adquiridas ao longo do litoral africano. T'wiss evapora-se em horror.

Lisboa era, com efeito, uma coisa torpe. Fechada n'um cinto de verdura, envolvida em quintas por onde escorria a agua, murada em frescura, sombra, solidão perfumada de pinheiros, — a cidade de D. Miguel era, no seu tempo, a mais sebenta de todas as capitães europeias, como ainda hoje, de resto, corre esse risco. O desleixo sobre o lixo aggravava-se com o desleixo sobre a ordem. Não havia milicia, não havia policia capazes de contorem e disciplinarem um caudal de descontentes e de vadios que contaminavam o ar, empeçonhavam as grades onde se encostavam, expeliam todas as injurias, atacavam toda a gente. O dolo e o roubo assumiram proporções épicas — e só raramente eram punidos. No curto reinado de D. Miguel, *quinhentos e setenta e quatro assaltos conhecidos se fizeram publicamente, á mão armada, para roubar, muitas vezes, os mais miseraveis antros, — sem que, d'uma forma effectiva, pudesse haver repressões e castigo para exemplo.* Mas, em compensação, o bolheiro da sége das actrices da Rua dos Condes foi preso n'uma noite de 1829 por ir, pela rua do Ouro, cantando o hymno constitucional e durante muito tempo a creatura soffreu, na cadeia, o castigo de tão espantoso crime. No largo de S. Domingos acumulavam-se, ás tardes, os profissionaes do roubo, *uma multidão de mulheres perdidas e de rapazes vadios que ali estão a jogar e a praticar actos indecentes (os peores !) e a proferir palavras deshonestas com escandalo da vizinhança*

e de quem passa. Quem transitava era roubado impunemente e por pouco que levasse um colete encarnado, um simples par de luvas, com rapidez se arguia de jacobino e, sob esse caviloso pretexto, surrado com boa data de bordoadas — e desprovido, em seguida, do relógio, do alto chapéu de pêllo e até, muitas vezes, da gravata, quando, por acaso, era de seda. Os malsins de D. Miguel assistiam de quando em quando e, por ocasiões, ajudavam. Em 32 era chicoteado com aparato quem tivesse cinco botões no colete, o que significava sem remissão: «viva D. Maria II». Os amigos de D. Pedro revelavam-se pelo ultimo botão do colete, desabotoado, pelas côres azul e branca do vestuário, usavam as calças á *lord Grey*, feitas d'uma fazenda em quadrados brancos e pretos e, sobretudo, pelo *lorgnon*, o *lorgnon* á Théroigne de Méricourt, que renascia — e logo indicava o mais irreductivel inimigo de D. Miguel ou do conde de Villa-Verde. Tudo era um pretexto para paulada, tudo, um motivo para cadeia — excepto o crime. E ainda mesmo, annos depois, o assassinato permanecia impune frequentemente, sobretudo quando havia dinheiro. Um certo José Anastacio máta, publicamente, um homem. *La garde a voulu le mettre en prison á quoi Anastacio c'est opposé en criant qu'il était extrêmement riche. (L'Abeille)*. Sobre esta liberdade de crime reinava uma incrível liberdade licenciosa. Havia bordeis quasi ao ar livre. Pina Manique iracundo, fulminante, truculento, já não existia — e, ao tempo, a paixão politica afogava, assoberbava tudo. Em 1835 *não se pode passar pela travessa de S. Domingos; na rua do Arsenal, as enxergas vecm para o meio da rua,*

para limpeza, juntamente com os farrapos mais imundos e mais reveladores. Depois das oito horas, as ruas estreitas da Baixa grulham de vicio e de planos de luxuria. Bandos de mulheres desbocadas, nivando como bacchantes, accumulam-se no Rocio, em volta das obras que já então transformavam a praça, no inverno, n'um charco de lodo e de lama. Na *debacle* do regimen tripudiam os padres, o frade espreira ainda; nas egrejas, as naves regorgitam; todas as pustulas de Lisboa marcam local na Conceição-Velha e em S. Julião e logo pela manhã era um interminavel desfile de mendigos hediondos que, nas horas matutinas, pediam uma esmola, e á noite, nas Portas de Santo Antão, exerciam o antiquissimo e rendoso officio dos *lire-laine* com uma tranquillidade e uma segurança invejaveis. Uma onda de comadres de capote e lenço, curiosa modificação da *duenna*, cheirando a rapé, com um vago perfume de bedum, alastra, e invade com tal violencia que se vae pensar, a serio, em lhes prohibir a entrada no Passeio. É o bom tempo do commercio d'amores. Aqui e alli apparece o valentão, de relações longinquas com a Intendencia, vestigios do Grondona, cacete nodoso, vasto capotão de briche, chapau repelente e sebaceo, que tem por missão *descascar os liberaes*, amachucar os *pisa-flores* que se penteiam no *Catélineau* da rua dos Capellistas, falando d'alto a favor de D. Pedro. A guarda foge d'elles. São os guardas tambem, famigerados guardas que fazem preferir o convívio dos ratoneiros. É um horror. É uma abominção. Ninguem vive seguro dos seus bens. Lichnoswski, que viaja em 42, traz consigo, por toda a

parte, um sacco de duplos-luizes que lhe dá calafrios de dia e de noite torturantes pesadellos. *Est-ce que ce scrarit un peuple de voleurs?* — pergunta elle, admirado. E sob esta atmosphera de latrocinio campeando sem reserva, as condições higienicas da cidade são tão deploraveis *que se morre mais n'um anno do que outr'ora em dez.*

No entanto, nunca os arrabaldes de Lisboa foram tão lindos e tão frescos. Os freixos das quintas do Campo Pequeno eram, talvez, os mais formosos de Pórtugal, mais ainda que os de Ratton, no Passeio Publico, um Eden revoltado, ensombrado, onde a fidalguia arejava, respirava longe dos palacios do Bairro-Alto. Cantava ainda, então, a fonte do satyro, que tão bem frei Luiz de Sousa descreve no seu limpido e harmonioso portuguez. A matta de S. Domingos era quasi a mesma ainda, fradesca, magnifica, recolhida, com o seu relógio de sol meio gasto pelo tempo, as suas ruas de buxo, em torcicollos de labyrintho ingenuo. Desde o palacio de Palhavã até para cima da quinta da Regente, todo o formosissimo valle de Bemfica, o mais suave e mais delicado dos nossos arredores, era um vasto e largo pomar emaranhado e rescendente, onde Vertumno e Pomona espalhavam, com simplicidade, os fructos que Lisboa devorava. Em volta da cidade ignobil corriam as aguas, cicciavam as fontes, rumurejavam verduras, os montes amaveis atapetavam-se com a modesta flora campestre, estridente de côres, sensual, quasi selvagem. Numa prêga voluptuosa Quéluz suspirava com o mais ligeiro vento, Bellas tinha ainda os formidaveis carvalhos onde Beckford scismára, onde Bocage vertêra para portuguez

as *Plantas*, de Castel, Cintra era a floresta, a solidão que a melancolia teutonica de D. Fernando havia de escolher para levantar um castello do Rheno, taciturno, sombrio e soberbo. No valle, ao lado dos bens do Infantado, um parque á franceza, d'áleas ensaiabradas e lagos de cimento, horda uma collina escalada pelos pinheiros bravos; um palacio emerge da verdura; são as Laranjeiras. E toda esta exuberancia de vida é um cinto de natureza opulenta que envolve um barril de lixo.

Lisboa fermentava. A *Revista Universal*, em 40, pede lastimosamente, mas muito a serio: — *Tambem conviria muito varrer e limpar as ruas e as praças «de oito em oito dias, pelo menos», para que não sejam intransitaveis em certas occasiões como frequentemente acontece, sobretudo no inverno.* O lixo faziam-no, com desmedida prodigalidade, a incalculavel porção de *ferrós-velhos*, que, sem reboço, lançavam á via publica o rebutallo do seu commercio. Além dos ambulantes, havia os de poisos certos d'onde as posturas forcejavam por desalojar-os. Durante a semana, aos domingos, dias santos, um estendal das coisas mais miseraveis, mais heterogeneas, apodrecia e liquidava pelas ruas—que ninguem varria. Estendiam-se pelo Corpo Santo até ao Pelourinho, Terreiro do Paço, invadiam a rua do Ouro, o Rocio, pegaram com a feira da Ladra que atravancava a rua occidental do Passeio desde a calçada da Gloria até á praça das Hervas, junto da Alegria de baixo. Sempre odiado, sempre repellido para o Campo de Sant'Anna, (d'onde llepois foi para Santa Clara) este mostruario de coisas sem nome viveu desde 1809 até 35

e só desapareceu, de junto do Passeio, quando das obras d'este. Empestava. Lisboa popular munia-se alli; o *ferrovelho* era o symbolo, era o typo, provava a vida da cidade. E Beckford que chamava a Lisboa *a cidade dos cães*, poder-the-hia ter chamado *a cidade do lixo*...

---



## OS AGUADEIROS



## OS AGUADEIROS

Como, n'essa manhã, o bom rei D. Miguel estava melhor, vendeu-se muito pouca agua em Lisboa. Foi em abril de 1829. As caseiras d'Alfama, durante todo esse mez, vociferaram em torno do chafariz de Dentro, todo o Bairro-Alto se precipitou para as trez bicas da rua Formosa. Em volta, agachados sobre os barris, os gallegos impassiveis que tinham carpido a doença do senhor rei, saudavam-lhe, agora, as melhoras. Companhias inteiras d'aguadeiros erguiam os braços ameaçadores ao mais simples pedido d'ũa penna d'agua; um capataz do chafariz do Caes do Tojo, condoido, vendeu um barril por entre grande grita que o tratava de vendido. Os trinta mil gallegos de Lisboa apenas se interessavam, apenas viviam pela saúde do rei.

Era quanto restava dos seus tempos de esplendor. Quando vieram elles para Lisboa? Talvez nos principios do seculo XVIII, talvez antes; foi, decerto, por esse tempo que a sua emigração se tornou mais intensa. Fervilhavam pela margem do Tejo, dormiam ao sol, em todos os recantos da Ribeira. Nas *Grandezas de Lisboa*, frei Nicolau d'Oliveira falla de meio milheiro de patifes que vadia-

vam e andavam ás cargas; não explica, porém, se eram gallegos. A venda da agua, por esse tempo, ainda estava na mão dos *ribeirinhos*, mestiços, pretos e pretas, horriavelmente sujos, levando a mercadoria em grandes quartas de barro d'Extremóz. Mas tudo leva a crêr que a gente de côr foi absorvida, n'esse serviço, por aquellas pacientes e laboriosas «machinas de suor» segundo a pittoresca expressão de Coelho de Figueiredo. Eram, então, formidáveis. O auctor da *Voyage en Lisbonne*, em 1796, exhala o seu rancôr, o seu desespero. Peores do que os *lazzaroni* de Napoles, infinitamente peores do que os guias de Milão ou de Florença, arripiantes como os mendigos da Andaluzia, assaltavam, devoravam o viajante que desembarcava, inundavam-no de serviços, desembaraçavam-no de todas as bagagens. Não havia que resistir. Por essa occasião, existiriam, talvez, quarenta mil que, não mercadejando ainda a agua, catavam, publicamente, a vermina, uns aos outros, na soleira das portas ou na sombra dos pateos. Posto que a opinião geral lhes dêsse fóros de honradez e de probidade, eram antipáticos por excesso de servilismo; toda a gente os repellia; Nicolau Tolentino não se cansou nunca de os guerrear na satyra, Barbosa du Bocage fazia-os heroes facetos das suas incomparaveis phantasias, o proprio Agostinho de Macedo representava o gallego como um symbolo de parvoice aliada á estupidez.

Em vão. Foram crescendo. Honestos, economicos, fazendo uma vida á parte, alimentando-se com a parcimonia de spartanos, eram, já no tempo de D. Miguel, quasi que os unicos carregadores d'agua da cidade. Antes da Regene-

ração a Camara organisou-os. Havia então em Lisboa (1840) vinte e seis chafarizes, com variado numero de bicas, sem contar quinze outras lúcas isoladas, algumas celebres como a da Carreirinha do Soccorro ou a da Boa Vista (dos Olhos), onde a crendice popular encontrava virtudes. Cada trinta e trez gallegos formavam uma companhia d'aguadeiros sob o comando de um capataz ou de um caño; o numero de companhias, em cada chafariz, era igual ao dos tubos de correr agua. As bicas tinham a mesma organização. Só no chafariz do Rei, o mais reputado de todos, os tubos eram nove sendo, todavia, dez as companhias; primitivamente tinha tido apenas seis, mas passando a nove, contou no seu serviço trezentos e trinta mariolas muito ufãos do seu chafariz, muito quesilentos e especialmente ativos da sua hierarchia; para elles, ser gallego do chafariz do Rei era como ser duque e par d'Inglaterra no tempo de Carlos II; e eram perto de trez mil e quinhentos, com o numero da Camara, sempre descontentes, sustentando com a avidez propria da sua raça, uma questão que se arrastou trinta annos a proposito d'uma parte da cidade que dispensava os seus bons officios por ser directamente abastecida pelos Arcos das Aguas Livres. Com effeito, era incalculavel o numero de pessoas que tinham, como particulares, aguas do aqueducto, ou porque pertenciam a edificios que o Estado havia vendido, ou mesmo porque o Estado as cedia, praticando a avença.

Foi tambem durante esses trinta anos que se conservou suspensa sobre os aguadeiros a velha questão que ameaçava destruir a sua omnipotencia. Tratava-se da canalisação

das aguas de Lisboa. Em 1823, Francisco Sodré apresentou um projecto, mas era de tal forma phantastico que nem amedrontou os gallegos. Propunha a collocação, em cada chafariz, de oito carros de bois com trinta pipas cada um, para a distribuição da agua, e mais dois carros para serviço d'incendios. Havia, n'esse anno vinte e quatro chafarizes na cidade; eram duzentos e quarenta carros, quatrocentos e oitenta bois que os puchassem, um numero indefinido de homens para os guiar. Sodré abateu n'um tumulto de risola, os aguadeiros tripudiaram. Grande pausa de vinte e dois annos até 1845 em que o general Antonio Bacon apresenta novo projecto de canalisação, cahindo a fundo sobre os gallegos na mais verrinosa de todas as catilinarias, accusando-os de só virem a Portugal arranjar o seu pé de meia. Era a mesma coisa que elle, Bacon, cá viera fazer. O projecto ficou em projecto. Em 1847 Francisco Martins trouxe outra proposta; ainda n'esse anno Duarte Cardoso de Sá tentou fazer approvar uma outra, muito parecida com a de Bacon. A Camara rejeitou ambas e só mais tarde, oito annos depois, a terra tremeu. cedeu e começou o fim do imperio dos aguadeiros.

✓ No entanto, elles juntavam o pé de meia que Bacon tanto havia reprovado. Placidamente iam vendendo incontáveis manilhas d'agua (dezeseis anneis, cada annel quatro péimas). Faziam tambem o recado que o lisboeta tanto apreciou sempre; já então levavam a carta de namoro mas não usavam ainda a corda d'uma forma commum. Iam ás compras, pousavam, sem cessar, na estalagem dos Andrades, um immenso antro, proximo das Olarias, onde

as encomendas da provincia se reuniam. Como hoje, guardaram sempre a sua lingua, a sua attitudo favorita, escarranchados nos barris pintados de verde, em volta das aguas cantantes, ouvindo e contando interminaveis historias no seu dialecto imutavel. Esse typo moderno do Zé popular, vagamente minhoto, de beiços rapados, largas suíças, provêm, talvez, d'elles, dos gallegos de 40. A face larga, serviçal, era raramente rebarbativa. Vasta camisa, fortemente decotada, sem gravata, jaqueta em bombazina de lã grosseira, debruada nos punhos e na cintura com pelles ordinarias de coelho, cinco ou seis botões enormes, de madreperola, em cada aba. Era um pouco a jaqueta do campino. Por debaixo do collete, meio desabotoado, a camisa surgia na mesma dobra habitual nas ovarinas, com a tradicional cinta vermelha cabindo com uma negligencia puramente gallega e que elles repuchavam constantemente para melhor segurarem os calções de briche cõr de garrafa verde-negra, terminados por debaixo dos joelhos com dois fôlhos muito curtos e muito brancos, de bordados lóscos; uma grossa meia de lã cobria-lhes as pernas; nos pés, a rude manufactura dos sapateiros d'Alfama mas onde ás vezes se via a larga tivella de metal branco, sobretudo nos dias de festa, quando se juntavam, abandonando o chariz, ao pé da velha cancella verde do Passeio, nas pedras agudas do largo de S. Domingos ou vadiando regaladamente pela Ribeira e pelo Terreiro do Paço. X

Foi então, durante as luctas liberaes e absolutistas, que todos os gallegos de Lisboa se tomaram de extranho amor pelo rei. Eram todos ferrenhos admiradores de S. Miguel

Archânjo. Quando elle adoecia, havia prantos em todos os chafarizes; ao melhorar, agapes sem limite. Foi por isso que, n'uma d'essas ultimas manhãs d'abril, na franca convalescença do rei, resolveram uma festa religiosa na ermida dos Terramotos, galaica até aos alicerces. Uma comissão do aristocratico chafariz do Rei organisou a homenagem e a festa foi, realmente, magnifica: muita alegria estrôndosa, foguetes, urros, sermão, missa cantada. Em 29 d'esse tépido abril, por esse motivo de peso, Lisboa não teve agua; até mesmo a mudança, esse prazer tão grato aos lisboetas, soffreu um eclipse momentaneo. Não houve fretes. Apesar dos avisos, as donas de casa, pouco ao facto da fé politica dos aguadeiros, não se tinham prevenido de véspera. Não houve sedições, mas os pedidos feriram. Um barril d'agua valia, n'aquellas horas bemditas, muito perto d'um crusado; os mariolas, porém, foram incorruptiveis. Um barril? Não. Nem um annel, nem mesmo uma penna. Como era possível vender uma gôta d'agua, sequer, n'aquelle dia excelso em que se celebravam as melhoras de tão formoso rei! Ali estavam, por exemplo, quatro palifes do chafariz da Esperança, pensativamente empoleirados sobre os seus barris verdes, tratando de arcar, com rapidez, os botões de metal de quatro inconfessaveis jalecos. E no entanto, nenhum d'esses suevos subiria uma escada n'esse momento solemne. Era assim.

Já estralejavam foguetes junto à ermida dos Terramotos; um grande magote reuniu-se perto do chafariz das Janellas-Verdes, defronte do palacio que foi, depois, o da

Imperatriz-duqueza; pelo convento dos Marianos, a Alcantara, passavam festivamente ás duzias, aos bandos, divorciados do barril, muito lépidos, com os bordados brancos hirtos do trical, com os capotões de briche, das noites frias, enrolados, como cordas, ao longo das costas aliadas. Ao voltar das esquinas, um grupo chocava outro, dois chafarizes encontravam-se. As companhias fraternisavam, com magna copia d'alarido, perante Lisboa sequiosa, embasbacada, julgando incrível aquillo tudo. Outro grupo, maior, passou, levando á frente uma pobre velha mente-capta, quasi hemiplegica, a *velha do passarinho do atirador*, um typo popularissimo da rua, andrajosa, hedionda de lixo, um pobre diabo, mas com o rictus tão feroz, uma tal expressão diabolica, que lembrava aquelles monstros de face humana que, nas ruas de Paris, conspurcaram o cadaver da princeza de Lamballe. Tinham-na ido buscar a um antro da rua do Machadinho onde a vizinhança a vigiava d'alto. E foi tambem para os Terramotos, com os seus bons amigos aguadeiros, já prodigiosamente embriagada ás dez horas da manhã, talvez sem ainda ter mettido na bocca um pedaço de pão.

A bica da Ribeira das Naus, na sua maxima força, trepou, em seguida, pela encostada da Fonte Santa. Esses, teimaram em levar os barris e, ao longo das aduelas, ornamentaram-n'os com toda a especie de flores campestres, malmequeres, papoilas e muita herva da fortuna roubada pelos quintaes, aqui e acolá. Os barris iam cheios — mas de vinho, o que deu logo uma rija animação áquelles solitarios ermos do alto dos Sete Moinhos. Dez mil

gallegos rodearam a ermida, ululáram, festejando o rei com libações desmesuradas. Um padre expediu celeremente uma missa — mas na capela só tinha penetrado a commissão promotora: um capataz e trinta e trez gallegos do chariz do Rei. A multidão, resmungando, assistia fóra. A função religiosa descabiu em função bacchica, volvia-se n'uma merenda animada quando, perto do meio dia, irrompeu, d'improviso, a força publica; a companhia da Ribeira das Naus conservava ainda os seus barris — mas lamentavelmente vãos, de forma que a agitação creceu, rumorejou, transformou-se em desordem, uma Babel de gritos ferozes, de ameaças inconcebíveis em palavrões duros como calhãos. E os senhores aguadeiros foram surrados com vehemencia, por ordem do regedor do bairro da Madragoa. Tão placida demonstração acabou n'um tumulto de desastre; aquella extraordinaria festa custára aos gallegos uma sova e duzentos e dezenove mil réis. Nessa mesma noite, em virtude da orgia matinal, *a velha do passarinho do atirador*, fundamentalmente paralytica, completou a sua hemiplegia. Regressou á rua do Machadinho, tolhida de todo e Lisboa deixou de a ver á porta da *Loja do Hespanhol*, no largo do Camões. seu poiso habitual.

---

MORRER!



## MORRER!

N'uma clara madrugada, em julho de 1829, Manuel Godinho, veterano da Legião Portuguesa ao serviço de Napoleão, levantou-se do seu cochicho de Bello-Jardim, vestiu os velhos calções d'anta, enfiou as curtas polainas de botões, cruzou sobre o dolman côr de pinião e sobre o peitoral vermelho as correias brancas da ordenança, pôz na cabe a o schako deformado — e foi á villa da Praia alistar-se, voluntario, no exercito do Conde de Villa-Flôr.

Agora, n'um bastião desmantelado do forte da Luz, Manuel Godinho faz o seu quarto de sentinela. Depois de quinze annos socegados, no canto da sua ilha, encosta-se, de novo, á espingarda, no gesto habitual de quem passou a vida olhando em frente. E o soldado, aprumado ainda nos seus cincoenta annos, sacudindo, negligentemente, uma ou outra das suas dragonas vermelhas, encosta o bigode grisalho ás costas da mão apoiada no cano, d'olhos glaucos, onde fulge por vezes o clarão d'extinctos dias de glória — e vigia porque sabe, porque lhe disseram que em volta da Terceira paira, talvez, uma esquadra migueлиста e elle vestiu a sua farda de cpopeia, limpou a antiga pederneira para

que o seu velho coração moço sinta a aurora da liberdade triumphando e ainda vibre, entre lagrimas e fé, n'uma explosão suprema de lusiada. Está alli, defronte d'aquellas aguas que navegaram os seus maiores e toda a aventura dos antepassados reapparece, devagar, no homem que, confusamente, com indizível emoção, renasce para o fogo, para a defeza da Carta, agora que Portugal começa a conhecer o sagrado bem da liberdade, esse bem tão ignorado, tão desdenhado mas com que elle topára, a cada passo, nos campos ensanguentados da Europa. O soldado da Terceira quer mostrar como se combate e como se morre; foi por isso que deixou o seu campo de luzerna, o seu pardieiro de Bello-Jardini, para, no esplendor da tarde agonisante, forte como um moço, firme como um veterano na sua velha farda desbotada, onde apenas um ou outro detalhe fôra modificado, provar que hem pôde o tempo abater o corpo perecível mas não dobra a energia dos homens. Elle, que nunca vira D. Pedro, amava, comtudo, a sua ideia porque representava todo o passado em que vivêra estrangeiro, mas tão invadido d'epopeia, tão impregnado de gloria que vibrava com ellas, chorava por ellas, como uma creança, ao lembrar coisas que não voltariam nunca mais — jámais. Outros tinham sulcado aquelle mar que se desfazia, offegando, nos rochedos da praia, fulgindo como uma immensa placa de prata sob as chammas vermelhas do poente; e ainda hoje se fallava d'elles, falar-se-hia sempre d'ellos até áquelle dia, perdido entre os desgnios de Deus, em que o derradeiro homem exhalasse, sósinho, o derradeiro suspiro. O que era, então, a vida, tão curta, tão difficil, ao lado

d'aquelles épicos trabalhos que tornavam os nomes immortaes? Dos seus cincoenta annos vivêra apenas sete, levado n'um tal fragôr de victoria, n'uma tal explosão d'entusiasmo heroico, que lhe haviam passado como um sonho tenue esses curtos sete annos. Manhãs luminosas em volta da fogueira dos bivaques, contemplando farrapos de nuvens no azul ferrate, gracejar, soffrer, depois andar, trilhar a Prussia, sob rajadas de neve, combater, combater sem fim, entrevêr, por vezes, uma mancha cinzenta e pequenina — a do Imperador — como uma nódoa estampada no ouro do Estado-Maior. Aquella epopeia dos outros, levava-a consigo, occulta na magua de não ser a sua tambem e na verdade, comprehendia, agora, como fôra uma radiosa dadiwa de Deus o voltar são e com vida para o seu canto natal. O seu velho coração portuguez pulsára sempre pelos outros: agora, já moroso e cansado, batia pela soberba ideia de patria. Algum mysterioso designio o afastára das chaminas sangrentas de Montmirail, lambendo o céu, espalmadas na negrura da noite; escapára da morte no sombrio matadouro de Saint-Dizier, batendo-se, como um louco, em pleno nevoeiro, nas ruas incendiadas de Moscow marchára impassivel, em cadencia, sem que nenhuma parêde de palacio, sem que nenhuma torre de Kremlin abatessem para o sepultar entre pedras queimadas. E voltára! Voltára com os cabellos brancos, como outr'ora tinham voltado, tambem, os soldados de Fontenoy. Viéra aureolado com a mais formidavel, a mais collossal de todas as epopeias para servir no seu exercito ainda — e com os olhos rasos d'agua, na fileira, elle, o soldado de Lutzen e de Bautzen, vira pas-

sar deante de si, descalço e pálido, a caminho da sua forca, o general Gomes Freire. E não morrerá na Moscowa, não morrerá em Leipzig — para vêr aquillo! Com que revolta sombria e muda, vergando pesadamente a cabeça, não voltára aquelle velho espectro de gloria a procurar, de novo, as rochas da sua ilha, para morrer entre ellas como morrerá tambem, longe, no fim dos mares, aquelle Outro que Deus não quizera ter feito portuguez! É só agora, treze annos depois, comprehendia. Era ali, no chão da sua terra, no ar da sua terra, no horizonte bendito da sua terra, com toda a nobreza d'Homem, com toda a bravura d'Homem, na sua velha farda cerzida e remendada, que elle havia de cair — depois de vencêr. E com infinita emoção, como se balbuciasse um nome de mulher, com a lentidão, com o recolhimento com que se pensa n'uma coisa querida, o velho soldado murmurou: — Morrer!

Com effeito! Morrer! A situação era difficil. Villa-Flôr, na reacção energica do seu desfalecimento no caso desgraçado do *Belfast*, multiplicava-se. E na agitação d'aquelle general tão bravo, tão activo, de remota parecença com Kléber e com Hoche, ninguém diria que fôra elle um dos condecorados com a medalha da poeira. Está preparando a sua gloria de soldado com o desembarque malogrado dos miguelistas na Praia da Victoria, lança a primeira pedra do seu futuro ducado da Terceira. Em volta d'elle, com a calma decisão dos bravos, o nucleo do Mindello espera. Já viera a noticia da entrada da *Petrola*, já sabiam da recepção triumphal feita ao Rei, em

Lisboa. E ali, cercados pelo Oceano que batia, sem descanso, a rocha plutonica, erectos no alto das falasias, dissimulados pelos fortes philipinos, esperavam, a todo o momento, a frota d'aquelle rei tão duro e tão imperioso, que vinha com terriveis ordens d'ataque. Aquelles bravos que iam vencer, receavam ser vencidos. Já a Terceira, que trez seculos antes resistira á Hespanha e por ella fora esmagada, sonhava com largos dias de lucto e de lagrimas. E o pensamento dominante do soldado Manuel Godinho era, de facto, o pensamento de todos. Morrer! Morrer! Morrer cem vezes! A Patria não esquece, a Patria vinga. Elles não sabiam talvez bem o que fosse a Constituição, o que fosse a Carta, mas Villa-Flôr tinha-lhes dito, em ordem do dia, «que era o bem de toda a gente» e elles criam do fundo da sua alma ingenua e simples, ansiavam por esse singelo bem de toda a gente, n'um tal desejo de victoria, n'uma tal aspiração de triumpho — que toda a ilha fremia d'entusiasmo, trepidava como uma caldeira de vapor prestes a explodir.

Julho finda n'uma apothecose de luz. E por todos os primeiros dias d'agosto, a excitação dos homens, forçados á defensiva, interrogando mudamente o mar infinito, na expectativa e na ignorancia, — sóbe de ponto, alastra, no desesperado desejo de acabar uma agonia moral na certeza da morte ou da victoria. E é na madrugada de 11 que no horizonte, em semi-circulo, surge a resumida frota real. Emfim! Villa-Flôr, n'um dos bastiões do forte de Santo Antonio, sonda a vastidão liquida. A matriz tóca a rebato, as companhias formam, carregam, automaticamente, em

doze tempos, os artilheiros passeiam carinhosamente as mãos callosas pelas guélas de bronze, entre as ameias as peças espreitam — mudas por enquanto. Finalmente o fogo abre e, n'um torvelinho, duzentos e cincoenta homens, trazendo consigo o famoso capitão Candido Vilhena, desembarcam da esquadra, põem o pé na areia fulva, formam rapidamente em duas columnas d'ataque que procuram estender em colchête uma vez transposta a linha da falsia. Quasi no mesmo forte, a dez metros de distancia uns dos outros, fusilam-se liberaes e miguelistas. Mas o assalto, mal ordenado, fôra mal lançado e a phalange invasôra recua, reembarca precipitadamente, perseguida por um immenso clamor de triumpho dos terceirenses. E sob o sol canicular, termina a aventura, termina a agonia — os peitos dilatam-se.

Na restinga do sul do porto um grupo reduzido de liberaes, que avançou inconsideradamente, retira, por momentos, deixa um prisioneiro. É um soldado estranho quasi um velho, com uma farda méscлада, vagamente parecida com a dos granadeiros do primeiro imperio, de singular loucura nos olhos dilatados, contrastando com a impassibilidade militar do seu porte. É o veterano da Legião Portugueza ao serviço de Napoleão, é o soldado Manuel Godinho. De roldão, enquanto os outros tomam as chalupas vivamente, o homem é empurrado d'encontro a um penhasco negro, de granito, um sargento, n'um gesto, junta seis homens. E, n'uma suprema ironia, pergunta ao prisioneiro:

— Queres alguma coisa?

Que pode querer Manoel Godinho n'aquella tarde de luminosa victoria? É bem simples o que elle quer. Com a acuidade dos ultimos momentos é um soldado que vê toda a sua vida cheia e grande, que sente que em si já nenhuma outra gloria pôde caber, depois de tantas, senão a da morte varonil deante de seis espingardas. Pensa na tarde tão proxima ainda em que desejou desaparecer, prostrado pela fadiga d'uma raça heroica, sete vezes secular — e diz com simplicidade:

— Quero morrer!

E foi assim que o veterano de Napoleão veio a dormir o seu ultimo somno em terra portugueza.

---



## EXILIO



## EXILIO

Logo á sahida d'Evoramonte, na baixa, a estrada inflecte para o sul e a fita branca e poeirenta estende-se, a perder de vista, por toda a vastidão do Alentejo. Calor, névoa rosada no horizonte, esfumando em sonho os casaes barrados de amarello. No silencio fresco da manhã esvoaça, fremente, a vida da planície. Ao passar dos estabulos as récuas resfolegam, fôssam presentindo gente; nos mame-lões destacados um balido mais agudo rebola na amplidão elastica juntamente com um grito d'homem, um ladrido de cão contemplando, n'um assombro, o sol nascente. O matto restólha, rumorejam, vagamente, os choupos da varzea, dobrando em cadencia ao sopro leve da madrugada quando já as linguas de fogo do astro que desponta accendem incendios curtos, fogáchos breves nos vidros das herdades e nos charcos estagnados; o perfume acre da char-néca sóbe da terra humida, ondeia na aragem com olencias simples de rosmaninho e de tojo. A pouco e pouco o véu de sombra que fuge da Hespanha empurra consigo, lentamente, para fóra do curral, a boiada pensativa. Paz.

Magestade. Crepusculo. No alto, um planeta curioso espreita.

Foi por essa manhã que elle partiu, abandonando-se ao chouto de um cavallo ligeiro d'Alter, silencioso, amargo pela primeira vez, seguido por meia duzia d'outros tão silenciosos, tão espectraes como elle. Uma escolta segue impassivel, com os bridões, as armas, os cinturões tau-xeados de metal, rebrilhando na apothese do nascente, irisando a luz em curvas de capricho; e atraz, no couce da columna, quatro mulas brancas e gordas carregam os bahn's toscos que são toda a exigua bagagem d'aquelle homem palido, sulcado d'olheiras, que fita o horisonte vermelho, de olhar absorto, com a tempestade dentro da alma, agitando todas as paixões sob a apparencia resignada do triste e pensativo Manfredo. E que atravez da candura timida da manhã está vendo, pela primeira vez, aquelles sagrados campos de Portugal que subitamente se lhe tornam tão queridos, tão queridos que o seu desejo mudo é estender os braços, beijar a terra dos maiores, de joelhos, soffregamentê, n'uma grande explosão de lagrimas redemptoras. Aqui e além, n'um pedaço de verde, entre pedras, uma vacca lenta pára de retoçar, ergue vagarosamente a cabeça, fitando com olhos meigos e enormes a cavalgada que passa e no seu apagado entendimento, com a expressão quasi humana com que desvia o focinho para seguir ainda o grupo negro e phantastico, parece resolver comsigo:

— É El-rei D. Miguel que vae para o exilio...

E volta a retoçar.

No canto bendito onde cresce e rumureja a mésse, já loira, de junho, o trigo ondula em reflexos fulvos, linhas de espigas maduras, em cortejo, cumprimentam, erguem de novo as hastes carregadas, batem de vagar umas nas outras — e ciciam :

— É El-rei D. Miguel que vae para o exílio...

E as papoilas em sangue repetem, convulsionadas :

— É El-rei D. Miguel que vae para o exílio...

A luz vae crescendo ; o sol já brilha alto. E aquelle mesmo sol glorioso e peninsular que, do espaço, chispando, arremecendo fêchias incandescentes, viu Saldanha bater os miguelistas na jornada d'Almoster e viu Terceira desbaratal-os na tarde angustiosa da Asseiceira, — aquece-o com effluvios carinhosos, inmutavel, mostrando-lhe, no seu caminho pelo azul, o caminho doloroso do exílio. O olhar procura adormecer a dôr na magia dos cambiantes mas todo o seu sentir se revolta, se confrange, remexe no estranho caso. Mau tempo para reis ! Um cahira do seu cadafalso com tal fragôr que abalára a Europa inteira, outro perdêra um grande e vasto imperio na tarde enterrecida de Fontainebleau e n'aquella outra mais desgraçada em que, pela primeira vez, pisára o convez do *Bellerophon* : o velho Carlos X refugiara-se, para toda a eternidade, no seu feudal retiro de Goritzia. E era agora elle, e não seria o ultimo, porque o destino esperava fevereiro de 48 para expulsar Luiz Philippe, aguardava setembro de 60 para embarcar á viva força Francisco II de Napoles, dez annos mais tarde, entre lucto e lagrimas, repellir o terceiro Napoleão — e setenta e seis annos depois, quasi dia por

dia, debaixo da mesma exaltação que a um tempo esvurmava odios e bebia saudades, havia de exilar um outro Bragança, nas primeiras bruihas d'outubro, sob o olhar attonito e indifferente dos grupos dispersos na falasia da Ericeira. Na lei fatal e inevitavel que excluia os reis, chegára o seu momento. E agora, quasi redimido porque levava comsigo a auréola cem vezes sagrada dos vencidos, o vigessimo oitavo rei de Portugal partia para todo o sempre, para trinta e dois annos de vida em terra estranha, para toda uma longa existencia de paixão pela Patria, paixão cada vez mais imperiosa, cada vez mais cheia da mágua das coisas que se perdem e nunca mais, nunca mais, para toda a eternidade, para todo o sempre se recuperam...

Foram trez dias de longa e pungente agonia essa jornada do rei que, tão tarde, no começo da sua expiação, descortinava nas fontes, nos caminhos, na attitude vergada dos cavadores, na saia escarlata das mulheres, em todo o céu de brancas nuvens portuguezas, alguma coisa que a sua alma popular inconscientemente entrevira mas não analysára nunca. Era a Patria que nascia na primeira hora d'exilio, essa oppressão do peito, o nó da garganta, que se desfaz n'um soluço, o gesto indeciso dos dedos enclavinhados que procuram febrilmente agarrar em tudo ou em nada que lhes lembre o chão da terra querida, que lhes dê o perfume, a vitalidade inebriante do torrão nata. O seu olhar absorto incendeia-se, reflecte a surpresa immensa d'aquelle sentimento que só tão tarde conhece. Recorda as estradas da Beira, correndo, entre sultos, nas en-

costas da Estrella e do Caramúlo, o Lima; claro, luminoso, ciciando entre salgueiros, o Marão alvejante, coroado de neve ephemera, que outra não consente este tão rico e tão bondoso céu de Portugal, o valle do Mondego, ensombrado e pensativo, reflectindo todas as historias, todas as lendas da velha monarchia, a lezíria immensa do Tejo, horizonte sem fim, onde, á maneira dos campinos, elle corrêra horas e horas, vibrando, fremendo no supremo bem de viver. E todas aquellas coisas em que elle agitára a sua exhuberancia sem nunca lhes pesquisar a alma! As feiras poeirentas e ruidosas onde o rude falar dos portuguezes esturgia em desordens de alquiladores e de boieiros, as romarias ingenuas pululando de saias de burel, de varapaus alçados, caminhando em filas multicores pelas estradas, a reverenciar as mil Senhoras que tão simples e tão evidentes milagres faziam no recanto das capellas pequeninas! Era Portugal! Era ainda Portugal aquella linha vaga e hesitante que delineava, no azul carregado do espaço, o outro azul mais palido, diaphano e de sonho, da serra longinqua do Caldeirão, onde nasceu riachos á sombra das carvalheiras, murmuram aguas cantantes segredos de nymphas amorosas, d'onde desce esse Odemira caprichoso, coleante, d'agua tão fresca e tão limpida que se bebe, com delicia, como o melhor e mais delicado dos vinhos... E vergado, aturdido por esse mundo de emoções que se hão-de exasperar durante trinta e dois annos e crescer, crescer sem fim, El-rei entra, no seu ultimo dia de marcha, na villa de S. Thiago do Cacem.

D'ahi até Sines é uma fuga precipitada. Aquelle ho-

mem que fazia rebentar lagrimas de alegria, deante de quem os outros ajoelhavam, que rendia todas as mulheres no langôr dos seus olhos aveludados, — ouve os mais baixos doestos, escuta as mais vis imprecações. O motim não recua deante do desejo de morte, ha fônces segadoiras relampejando ira em turbilhões que vêm desfazer-se na impassibilidade da sua face de marmore. A escolta a custo o protege. Quanto mudou aquella gente que juncava de flôres as ruas por onde elle passava! Em Sines voltam-lhe as costas, fogem com o pavor supersticioso d'aquelle homem amaldiçoado e no esplendor divino da primeira manhã de junho, El-rei, com a escolta reduzida pelas fugas cobardes, abandonado, já, por alguns, só pensa em sair, para sempre, da terra ingrata que lhe revolve no peito o punhal da ingratidão.

O brigue *Stag*, hasteando as côres d'Inglaterra, está de capa, impossibilitado de fundear. E elle, o primeiro, embarca com detalhes de angustia, com pormenores amargos que o destino havia de reproduzir quasi inteiramente, para aquelle, que nos nossos dias, nós vimos sair tambem. Dez pescadores de pernas nuas, mettidos á agua, empurram para além da ressaca o barquito de pesca que o vae levar ao *Stag*; mas elle não volta costas á terra. De pé, voltado para ella, estende o braço e n'esse curto momento reapparece S. Miguel Archânjo, de olhar incendiado, fulminando a maldade dos homens. E assim vae até ao portaló de bombordo, tão concentrado que não lhe dirigem a palavra, envolvido em mysteriosos pensamentos, negro, palido, contrahindo os cantos da bocca para

que não rebente, não lhe corra pela face a lagrima rebelde que lhe baila teimosamente nas pestanas. Junto ao traquéte de prôa um mólho de cordas alcatroadas está arrumado no convéz. E elle senta-se.

O *Stag* bolina contra o vento leve mas ponteiro; a cada bordada foge da terra para voltar de novo; e a cada uma se affasta mais. Agora, esfumada em nuvens de calor, a costa estende-se a perder de vista desde a fôz do Sado até Villa Nova de Milfontes, dominada, no extremo, pelas alturas de Monchique. A linha de arrebentação demarca o litoral confusamente, com uma grande franja branca, incerta e caprichosa. A terra bemdita torna-se cada vez mais pequenina; já não chegam rumores, já não chegam perfumes. Portugal desfaz-se lentamente em passado. Nunca mais! A agua chapinha nas precintas do barco, murmurando. Nuvens, d'alto, espreitam attonitas, immoveis, a vastidão inquieta dos mares sussurra tambem, levando o brigue carregado de dôres:

— É El-rei D. Miguel que vae para o exílio...

E a lagrima rebelde cahiu emfim.



## O «REMEXIDO»



## O «REMEXIDO»

O *Remexido* não é uma figura execravel nem uma sombra poetica. Seminarista como Miguel Pezza, não debuta, todavia, como elle, por um crime e está longe da auréola romantica que ainda hoje envolve *Fra Diavolo*. Não é, tampouco, um guerrilheiro como Larochejaquelein, fazendo uma Vendêa a um tempo cruel e cavalheirosa, nem um barbaço como Mandrin ou Cartouche, nem mesmo um Kwiss ou um Darstchmann, dirigindo com severa impiedade uma *Tugendbund* mysteriosa. Semilhante ao *Remexido* — não ha uma figura. Seria preciso ir buscar a uma ficção de Schiller um typo que se lhe approximasse e então o Karl Moor, dos *Ladões*, poderia offerecer analogias curiosas. Pintam-no baixo, atarracado, de pélo hirsuto e cranco asimetrico, olhar feroz, barbas revoltas que nascem quasi por debaixo dos olhos, prognatismo pronunciado, bocca descahida e cruel; calça larga, de bombasina, cahindo em refégos descuidados sobre fortissimas botas de montar, jaleco azul ferrete com agulhetas de prata fôscas. Da camisa desapertada sae, flogosamente, um

cacháço de touro, sustentando um craneo exiguo. Toda a sua face é um resumo de bestialidade, uma amostra de bandido, com detalhes que espevitam o horror e a repulção. É assim que a gravura popular mostra José Joaquim de Sousa Reis, o *Remexido*, considerado um bandido quando é apenas um revoltado, tido como um facinora quando é, simplesmente, um grande coração.

É um grande coração que uma fatalidade de todos os momentos a pouco e a pouco foi enchendo d'odio até explodir n'um clamor de revolta e n'um desvairo de sangue. Tudo, desde o nome com que nasceu, até a casa onde viu a luz, na villa remota d'Estombar, lhe presagiava um destino quieto, obscuro e feliz. Durante annos, no seminario de Faro, dobrou submissamente a sua alma feita para as fortes e puras alegrias d'homem. Recebeu ainda as primeiras ordens quando suppunha, talvez, a carne morta para sempre; conservou até á idade madura a ingenuidade d'uma creança, um sentimento nato de justiça que o fazia cerrar os punhos, chispar os olhos em face da prepotencia ou da maldade dos outros. No dia em que, entre os pomares de S. Bartholomeu de Messines, viu aquella com quem havia de casar, o seu destino fixou-se e decidiu-se. Lança fóra a batina, n'um arremeco, affronta a indignação dos que lhe queriam dobrar a alma como lhe haviam dobrado o corpo, agita-se, debate-se entre a reprobção de todos, esgrime contra a resistencia dos parentes, — e casa. A sua diligencia febril angaria-lhe o nome de *Remexido*, a maldade dos seus visinhos préga-lhe, nas costas, o bellreiro terrivel de relapso. Que importa! Cria o seu ni-

inho, vê, com serena satisfação, nascerem-lhe os filhos. A sua vida social decorre em profissões de repouso; foi capitão d'ordenanças, recebedor de concelho, enfileirou entre os graves da terra, entrou, regaladamente, n'uma burguezia ciosa e placida, foi um homem honesto e probo, como toda a gente, sem nenhum característico notavel, destinado a viver ignorado, com facil ventura, sem nada que o distinguisse e o fizesse apontar dos seus eguaes. Mas como quer que o seu meio cerrasse, obstinadamente, o entendimento a ideias novas, nasce a pouco e pouco n'elle o miguelista fogoso, com planos de repressão que melhor se desenvolviam no ambiente em que dera entrada, conservador e rotineiro por sua natureza, imperioso e dominador pela sua situação. Com trinta annos, em 26, condemna-se ao exilio, quando o infante parte para Vienna. Mas volta dois annos depois e, de sob a pelle do seminarista disfarçado em capitão d'ordenanças, irrompe, com violencia, uma alma irreprimivel de partidario. Lucta com tanta fé, com uma tal convicção de que combate pela boa causa, que nada o detém; no seu criterio simples e de rectidão, o outro é usurpador; bom rei, excellente e verdadeiro rei—só D. Miguel. E á medida que os absolutistas perdem terreno, exaspera-se, explode em violencias que o turvam de cólera tumultuosa, descrê dos homens, descrê de Deus, todo se confrange no assombro immenso de vêr uma injustiça perpetrar-se.

Quando Terceira desembarca no Algarve, o guerreiro acossado, desorientado, transforma-se em guerrilheiro e é então que se refugia na serra. A sua centena d'homens

não lhe chegava, tinha projectos que difficilmente se conjugavam, queriam ligar uma base d'operações methodicas com a sua guerrilha irregular para, n'um esforço commum, actuar sobre o litoral, n'um largo colchete offensivo com os pontos d'apoio flanqueados pelas serras de Silves e de Monchique. Foi debalde. O general Molêlos, que então commandava, no Alentejo, o exercito miguelista, abandonou Sousa Reis á sua sorte e foi n'uma estranha vida, em brêjos, em tócas de raposa, dissimulado no matto, voltando lentamente para uma apparencia de bandidos, que elle e os seus homens viram chegar o dia d'Evoramonte.

Já, por este tempo, o odio dos liberaes perseguira a familia Sousa Reis. Uma noite, um grupo armado incendiou-lhe a casa, brutalisou-lhe a mulher e os filhos, cortou-lhe o direito e a protecção da lei. Na serra, onde soube do caso, o *Remexido* trepidou de furor. Aquella injustiça desvairava-o. Infamia aquella que punia, nas creanças, os erros dos paes! O seu rancôr estendeu-se, tomou taes vôos de vingança, taes desejos d'emancipação e de esmagamento, — que apenas vivia para os satisfazer. É então que se torna aquelle homem hirsuto, indomavel, com lampejos de loucura nos olhos incertos, afogados em ira, raiados de todo o odio do fraco contra o forte. Cresce-lhe a grenha basta e densa, no emaranhado dos fôjos em cada dia se desprendem, do seu jaleco em pedacos, farrapos sem nome. Como, vinte annos mais tarde, Tippto-Sahib, na grande revolta dos cypaios, anima-o o mais formidavel aneio de desfôrra, tem, então, a philosophia sangrenta de Karl Moor, o desespero sombrio e cruel de Fra Diavolo.

Desce dos montes em incursões curtas, saqueia, trucidá sem piedade e por cada casal a que péga fogo, por cada herdade que devasta e incendeia, fulge-lhe o olhar tórvo n'uma cólera que funde em soluços bramidos, em lagrimas que lhe transbordam do peito revoltado. Fôra da lei! Está fôra da lei, elle, a quem arrazaram a casa, que foi raiado impiedosamente do numero dos homens, considerado, a frio, como besta fêra nociva e abominavel. Revolta, mil vezes revolla, mortê, sangue, lucto, dôr, tudo era pouco, tudo seria pouco para os miseraveis que lhe tinham destruido tudo, estragado tudo, patria, mãe, filhos, esposa, tudo que lhe fôra caro, que elle comprára com a sua apostasia e regára de boas e santas lagrimas. Agora, só morrer, carregando ainda a clavina, insultando até ao ultimo alento, de peito largo contra os malditos que o iam ferir nos seus affectos sem terem a coragem de lhe sahír á frente, em campo raso e leal, onde elle se batesse, alucinadamente, para morrer da bella e nobre morte de soldado...

O guerrilheiro sustentou quatro annos esta situação. Ainda em 38, muito depois de Evoramonte, elle se mantinha com duzentos e cincoenta companheiros, cegos de dedicação, agindo um pouco á maneira dos *tard-venus*, com um processo de vida que lembrava o das Grandes Companhias que tanto mal fizeram á França, na guerra dos Cem Annos. Depradação e roubo quasi legaes, tornados imperiosos pelas necessidades do estomago. Para as almas simples, eram facinoras; para os pensadores, homens que reclamavam, com energia, o seu direito á vida,

volvidos ao mal pela fatalidade das cousas, riscados da lei pela propria rudeza d'ella. O *Remexido* tinha uma tactica rudimentar, mas bem definida, semilliante á dos bretões, por occasião da segunda Vendêa. Esgueirava-se como uma sombra, dessiminava os seus homens em forrageadores, coroava os picaros da serra com bacartes manejados tão habilmente que tornava inacessiveis os cabeços ásperos. Quando o governo se viu forçado a decretar o estado de sitio no Algarve, o *Remexido* impou d'orgulho estridente. Era enfim um poder, um fulcro de resistencia que obrigava a gente da rainha a tratá-lo com as honras d'inimigo. Contra elle organisou-se uma columna, uma verdadeira columna, como se se tratasse de bater uma força regular e reconhecidamente belligerante. O coronel Fontoura reuniu cavallaria 5, infantaria 8, caçadores 4 e 5, a guarda nacional de Messines — e marchou. Já a tropa tomára o logar da policia e o considerava como partidario sério. Só assim acabou a epopeia local do *Remexido*; um simulacro de combate, na Portella da Corte dos Velhos, destroçou os dois centos d'homens que tinham partilhado da sua existencia. Sousa Reis, negro de pólvora, resumando odio, n'um clamor de vingança, — jogou a ultima cartada da sua vida politica. Semi-nú, gotejando sangue, sem nada de humano, no desespero sem palavras dos que até ao ultimo momento são vencidos, cahiu ferido; apanhou-o um capitão do 5 de caçadores. Era o fim. O conselho de guerra julgou-o summariamente; em Faro, e, pela madrugada de 2 d'agosto de 1838, aquelle homem de quarenta e dois annos, hediondo, feróz, saturado de rancôr impotente,

viu nascer o seu ultimo sól. Levaram-n'o para o campo da Trindade e foi ahí que, impassivel, mudo, crusou os braços na altitude de quem não teme a morte; o liandido ia morrer com toda a grandeza d'um heroe obscuro. Escorregou, devagar, ao longo da parêde, com o corpo crivado de balas; nem a morte lhe retirou o peso da fatalidade com que elle, e os seus, haviam de nascer. O filho andava a monte, veio a morrer, com dezoito annos, n'um catre d'hospital, roído de fome e de dôr. A amargura que redime e purifica, não enterneceu a posteridade — e o guerrilheiro José Joaquim de Sousa Reis, no fim d'oitenta annos, vive ainda, na recordação de muitos, como um ladrão e como um assassino. Pobres vencidos! Como se não tivessem direito á vida tambem!

---



QUÉLUZ



## QUÉLUZ

Os palacios vivem e morrem como os homens — dizia Viollet-le-Duc. Quéluz morreu, ha mais de oitenta annos, com o ultimo suspiro de D. Pedro, depois de ter vivido quasi um seculo. Foi só depois do terramoto que se resolveu transformar a quinta em palacio real; tinha sido um vinculo de Christovão de Moura, mas logo em seguida ao sequestro que, depois de 1640, se fez aos bens dos portuguezes favoraveis á Hespanha, - passou á casa de Bragança e constituiu parte das propriedades da primeira Casa do Infantado. A povoação só muito tarde beneficiou da proximidade do Palacio. Em 1804, D. João VI elevou-a á cathegoria de villa; o favor ficou, porém, no papel porque, mezes depois, o rei fugia para o Brazil. Só na primeira metade do seculo XVIII, n'aquella baixa sem horisonte, envolvida por colinas escalvadas, surgiu, em estylo ruim e ortodoxo, um aglomerado de cantaria sem gosto, incarecteristico, que fez as delicias do rei D. José e abrigou até á loucura os recessos d'inferno da *Piedosa*. Em todo o resto do seculo XVIII e nos annos de D. Miguel e de D.

Pedro, Quéluz foi o nosso Versailles, o Trianon da corte portugueza, onde, com as modificações de successivos architectos, o Paço foi, a pouco e pouco, tendendo para a forma desconfortada de Luciennes, conservando os jardins, quasi como ainda hoje se veem, o antigo e nobre estylo francez, a concepção magestosa e severa de Le Nôtre, lembrando, vagamente, os parques de Marly e os jôgos de agua de Vaux-le-icomte.

Ali, entre o bater desordenado das portas, a rua que transbordava, o jardim que inundava as salas, pousou, algumas vezes, Carlota Joaquina; lá acampou D. Miguel durante o seu curto reinado, deixando pelos sitios onde viveu uma fama á Guillaume de La Marche, a lembrança de uma impetuosidade que recorda o Redgauntlet do escossez Walter Scott. Foi tambem lá que morreu aquella creatura singular, que se devorou a si propria, primeira victima dos bens que atirou prodigamente e que tanto ambicionou para tão pouco alcançar: D. Pedro. Quéluz é um grande cemiterio onde fluctua, ainda, o fugitivo perfume d'uma sociedade morta e onde, enquadrada a ouro, de grandes olhos abertos, rebrilha a figura da téla de Giovanni Ender, dominando e dirigindo um mundo desaparecido. Está deserta a longa serie de camaras, deserta a sala do thrôno, onde grandes vasos de majolica e de porcelana chineza coloriam a multidão de moveis; sobre o espelho do *parquet* nenhuma saia Pompadour, nenhum sapato á Maria Antonietta fazem uma ligeira sombra; não reflectem espelhos figuras de cortezãos e os máus frescos do tecto contemplan, desolados, a solidão do pavimento.

Deserta a sala de D. Quixote, pintada para o infante sob a direcção de Robillon, onde as aventuras do Cavalleiro viram, impassíveis, agonisar e morrer o Rei-Soldado. Nenhuma cabeça piedosa e crente se curva na capella forrada a damasco vermelho, carregada de douraduras circumdando a columna d'agatha que Pio VII enviou a D. João VI; e, na casa de jantar mais intima, sós, esquecidos, os retratos do principe de Metternich e do pequeno duque de Bordéus parecem fitar-se melancolicamente, resumindo a alma e o sentir da multidão que ali viveu, penou e desapareceu para todo o sempre. Vasia a sala das talhas, onde as figuras dos screenins de D. José espreitam do tecto, de sorriso enigmatico e triste, de expressão indefinivel, exhalando a entristecida saudade d'outras épocas, d'outros costumes e d'outras alegrias. Deserta a sala dos espelhos; as façanhas de Alexandre, as aventuras de Thétis e de Peleu jazem immobilisadas nos velhos paños de Arrás; uma aristocratica pendula de Grégg adormeceu nas cinco horas; cadeiras d'Aubusson offerecem o seu conforto e as resteas de sol, coadas através das janellas, vêm morrer nas rosaceas do tapete. Fóra, sobre as magnolias, chilream melros e o silencio das longas salas desertas pésa com o peso de todas as máguas, de todas as saudades, de todos os prazeres que se agitaram e freméram dentro d'aquelles paineis. Solidão. Quéluz morreu. A rainha vive nas Necessidades, esperando o retiro feudal de Cintra — e o velho palacio permanece abandonado.

A multidão de pedra quéda-se, immovel, pelos cantos

mysteriosos do jardim. Os vultos enroupados em mantos hieraticos, espreitam-se inmutaveis, mudos, em gestos eternamente colliidos no marmore. Amphitrite segura, receosa, a clamys de que lhe escorrega das ancas, escutando o murmurio da fonte que sussurra ao lado; os golphinhos abrem as guélas por onde não salta já o jorro de agua. Neptuno impunha o seu tridente inutil, Hermes sorri, de dedo pousado sobre os labios. Silencio. É o parque da Bella Adormecida. O jardim rescende, solitario, polvilhado de magnolias e de geranios do Cabo, povoado de estatuas, amavel, claro, ensaibrado nobremente para o sapato de setim, curvando as áleas com molêza, para um passeio distrahido e sem fito. Os vasos de louça branca transbordam de rosas-chá, de cravos de perfume acre, de sardnheiras ensanguentadas. Ninguém no jardim pensil, ninguém junto do portico dos cavallos, apoiado na balaustrada. O parque do seculo XVIII ramalha incomprehensíveis segredos d'outros tempos, cobrindo de verdura as prégas das colinas. Quéluz morreu.

De Quéluz ficou, todavia, uma larga historia. Abrigou misérias e dôres de reis. Ahí, algumas vezes, o ferreiro D. José fez mover o seu melancolico tórno, rosnando modinhas de Pernambuco enquanto a rainha D. Marianna debalde procurava, entre os amôres perfeitos das placas, o *vergiss-mein-nicht* das suas colinas da Baviéra. A miudo, no ladrilho das salas baixas, sacudiu a sua juba crespa o marquez de Pombal, lá disse versos o melodioso Fylinto Ellysio, lá ciciou rimas de mél a estrovinhada Alcippe. O placido socêgo dos jardins ouviu reboar, de colina em co-

lina, o echo dos gritos da rainha louca. Todo o seculo XVIII portuguez, fradesco, intolerante e lascivo, pousou, de leve, em Quéluz, imprimiu no Palacio o seu cunho decorativo, grave, taciturno e pesado. E, na largura nobre dos seus alisares, Quéluz viu, ainda, o fragor vergonhoso d'uma côrte estonteada, presa de panico, empilhar em bahús sedas, toucados, joias e abalar, de roldão, para o Brazil, aguilhoada pelo medo dos francezes. Em quinze annos de abandono adormece o Palacio, emaranha-se o jardim que rebenta por toda a parte, mais viçoso em cada primavera. E na volta da côrte, com a multidão bariolada, meio-brazileira, rodeada de moléques côr de chocolate, de catatuas estridentes, de papagaios pavorosos, de saguis inconfessaveis, Quéluz renasce, — mas de outra fórma. Não é já o velho Paço magestoso, severo, intangivel, onde vem expirar, sem mesmo lá ter entrado, o clamor rumoroso da miséria de Portugal. É, agora, a feira onde se debatem paixões, onde se não vive mas onde se acampa, onde os reis e poderosos da terra agonisam, soffrem, como simples homens, sob impassibilidade immutavel d'aquellas paredes. N'uma grande poltrona de marroquim vermelho, encostada no vão d'uma janella, agonizou, enfermo, D. João VI, redimido pelo soffrimento, alanceado, torturado entre o filho e a mulher. Foi tambem n'ella que D. Miguel, quando do seu desastre, permaneceu de perninha dias infindaveis, enroscado, no mesmo vão, amarfanhado sobre as mesmas molas que tinham já rangido com o peso léve de seu pae. E como se esta cadeira attrahisse, fatalmente, es-curos destinos de vidas acabadas, foi tambem no mesmo

marroquim vermelho, sempre no mesmo vão, que o coração ulcerado de D. Pedro achou as suas ultimas nobres lagrimas para abraçar um soldado da linha antes de morrer da ingratidão dos portuguezes que pretendêra fazer meliores. E assim como ao Versailles magestoso de Saint-Simon, succedeu o Versailles inquieto de *Madame* Campan — a magnifica Quéluz de D. José, a pouco e pouco se fina na Quéluz manchada e cinzenta de D. Miguel. Explendôr e decadencia. É alli o nucleo d'onde irradia a revolução portugueza; d'ali saem reis que vão combater portuguezes, sem terem a certeza de voltar. Ali entram, admirados, os que nunca se suppozeram lá. E todos volveram ao nada, deixando um rasto fugitivo. Só o jardim ramalha, imarcessivel e eterno, renovado, em todos os outonos, em todas as primaveras, pela mão natureza, evolutiva e indifferente. A ruína alastra, a ruína insensivel, feita de solidão e de descuido, antecipando a outra, formidavel, que faz abater paredes e ruir, entre escombros, recordações antigas. Assim Quéluz fecha o seu cyclo como o fechou Versailles, transformada, definitivamente, em Museu Nacional. A civilisação niveladora edificou-lhe uma villa em roda, abafou-a em *chalets* abominaveis, qualquer dia lhe talhará o parque para um novo bairro sordido e burguez. O presente cerceia o passado e invade-o; a tolice dos homens suppõe, ingenuamente, que o destroe. Pobre retrato de Giovanni Ender! Lentamente lhe vae faltando o quadro onde elle podia ainda reviver, despedir o magnetico effluvio dos seus olhos sobre a sombra de gerações perdidas. É o fim. Os palacios vivem e morrem como os homens... Quéluz morreu.

## O REGRESSO



## O REGRESSO

Atráz do D. Pedro veio a multidão dos emigrados. Com elle voltaram, tambem, dois homens, um militar e um diplomata, que lhe garantiram a corôa e a firmaram na cabeça da filha: Terceira e Palmella. Com estes dois homens, de decidida innovação, entraram em Portugal o francesismo e o inglesismo que vão preparar a elegancia romantica portugueza. Não morrem, definitivamente, as velhas fórmas, mas começam a alterar-se e a tomar aquella apparencia incaracteristica que não constitue o fundo de nenhuma nacionalidade, porque o é de todas. Tornam-se cada vez mais raras as casacas de seda negra, os *jabots* correctos, os largos sapatos de fivella que, atravez das revoluções, alternadamente brilharam e desapareceram, revivendo com teimosia. As velhas almas tambem se vão; o desembargador *ancien-style* a custo permanece. O homem começa a ser um burguez de Luiz-Philippe, a mulher, com resoluta franqueza, retoma a linha e o aspecto da geração antecedente, onde fulgiram a Cabarrús e a Récamier. Os que regressam do exilio lá soffreram, mas lá se impregnaram d'outras ideias, d'outros costumes

— e abrem, ao canto portuguez, as portas da Europa. O constitucionalismo que fôra, até então, uma theoria politica quasi abstracta, vagamente firmada nas victorias sociais da Grande Revolução, vae irromper com ardor, combativo, intransigente, sanguinario, quasi tão absoluto, tão penetrado de dogmas, como o velho direito divino. Começa o reinado dos *devoristas*, impondo a sua ideia, ensopando-a em sangue, creando facções alucinadas que se inspiram, a quarenta annos de distancia, na Gironda e na Planície. Vae iniciar-se a grande agitação politica que durará vinte annos. E Portugal, inquieto, começa a copiar, com furor, da França e da Inglaterra.

Palmella e Terceira parecem dirigir a immensa copia, o primeiro entre as sedas do seu palacio, ao Lumiar, o outro na sua casa senhorial de S. João da Praça. Palmella era um homemsinho d'insignificante estatura, rosto palido, nariz adunco, feições deciddidamente italianas, uma figura que não inculcava distincção nem auctoridade e que não ficaria mal enroupada na samarra do cardeal de Mazarini; de resto, as characteristics do pae, conde de Sanfré, retinctamente piemontez, permanecem n'elle. Astucia. Nunca se sabe quando ri ou quando falla a sério; com a dymnastia dos Pitt colheu o mutismo diplomatico que pesa e age; é o unico portuguez do seu tempo que não commenta nunca a politica e parece alhear-se d'ella. Improvisa e e rima com elegancia. Casaca azul-ferrete como Descazes, o gesto sobrio de Polignac, a eloquencia persuasiva e concisa de Labeydolière. Afinidades com Casimir Périer, ministro de Luiz Philippe. Ironia. Placidez. Decisão. É um aris-

tocrata hodierno, portuguez volvido em lusiada pelo espirito de aventura. Em seu redór os regimens, que sustenta, aluem; elle permanece de sorriso enigmatico. É o dplomata que o seculo XVIII desconhece, rolando atravez da agitação inquieta dos povos, mantendo-se apezar de tudo. O exilio deu-lhe circumspecção, desprendimento, a philosophia facil e sensualista de Condilac. É um forte.

Terceira tem uma bella apparencia calma, nascida aqui e além, nas difficuldades militares da sua vida. Corre-lhe nas veias um dos mais velhos sangues de Portugal. Antes de ser Terceira liberal foi Villa-Flór absolutista. O fracasso do *Belfast* amadureceu-o; é, depois, realmente, a espada de D. Pedro. Bate methodicamente, a frio; para elle a guerra é um xadrez, de tal forma combina e prevê; já de Cacilhas, apóz o desbarato de Telles Jordão, munda na margem esquerda, escreve a El-rei communicando-lhe a tomada de Lisboa, onde ainda não estava, e que era, todavia, de bem facil defeza n'aquella oportunidade. Clarividencia e poder de synthese. Têm o *facies* do marechal Bugeaud, conquistador da Argelia. Quando, depois da sua marcha fulgurante pelo sul do paiz, embainha, definitivamente a espada, revela-se um delicado. Gastronomo. Cosinha superiormente o macarrão — como o cardeal Alberoni, põe em pratica as maximas theoricas de Berchoux e de Brillat-Savarin mantendo-se constantemente marechal-duque, constelado d'ouro, digno e placido como compete a um chefe, affrontando a tempestade perpetua da camara dos pares, subjugando-a com a compostura britannica da sua attitude castigada. Olhar frio e agudo, effusão polida

e condescendente. Em volta d'elle, como em volta de Costa Cabral, gira toda a politica do seu tempo. É a espada que talha e dispõe. É o ultimo chefe militar portuguez que conserva pura a sua auréola guerreira.

Estes dois homens notaveis, no seu tempo, porque foram os dois pólos da sociedade portugueza em que viveram, tiveram, contudo, uma ephéméra posteridade. N'outro meio teriam sido grandes; entre nós foram pouco mais de innovadores. São elles que trazem do exilio a experiencia reflectida, o «fructo da vida» como diz nobremente Michelet, e com ella temperam o tumultuoso sonho de D. Pedro. São duas culturas diversas, ambas superiormente intelligentes, que uma vez tiveram a visão fugitiva de uma sociedade desconhecida em Portugal e que todo o resto da vida ficaram com o bello anseio de a ver superior e confortavelmente instalada no ambiente em que nasceram e se agitaram. E, com effeito, estes poderosos iniciaram, involuntariamente talvez, uma Lisboa nova, menos caracteristica — mas incomparavelmente mais commoda. Começa a polir-se a vida de todos os dias. O luxo que d'elles dimana, irradia e attrae. Surgem, nas multidões, cámbiantes delicados, vindos d'essa atmosphera longinqua de França e de Inglaterra; sob o sol resplandesciente de Lisboa apparece, bruscamente, o gosto do *home* trazido, talvez com farrapos do nevoeiro de Londres, pelos innumeraveis emigrados que regressavam. O confortavel francez dos ultimos Bourbons surge, Poisignon, estofador de Paris, abre um estabelecimento da sua profissão — o primeiro — no largo de S. Car-

los e na sua casa se fizeram as primeiras cadeiras «Vol-taires» em que Lisboa, abysmada, se refocilou; a boa sociedade só queria os *fauteuils* do feliz Poissonon. Um outro francez instala-se tambem na rua do Carmo, no sitio onde estava, antes, o *Bazar Artista* e vende coisas que estarecem o que ainda restava da Lisboa do senhor Principe Regente, quadros *imitando o gothico*, quadros francezes, inglezes, algumas aguas-fôrtes de Tommy, altos espelhos de Veneza, moveis doirados para salões, a *biblotage* esquisita e sarapintada, muito em voga nos palacios burguezes da monarchia de Julho; era Margotteau, o tronco da velha dymnastia dos Margotteaus que ainda hoje se conserva no mesmo logar, vendendo as mesmas *pelluches*; Lisboa nova funda, com estrangeiros, grande porção de estabelecimentos que ainda hoje existem e entre elles prospêra e adquire logo larga fama o papelceiro Veról (\*).

---

(\*) A *Capital*, de 27 de Maio de 1916, inseria a seguinte carta: «Sr. Manuel Guimarães. No folhetim *O Represso*, do livro em prepare *Lisboa antes da Restauração*, assignado pelo ex.º sr. Mario de Almeida e que sabiu em numero de ao o-hontem d'A *Capital*, deparei-se-me a citação do papelceiro Veról. Como do texto se pôde deprehender que era estrangeiro, venho informar v.º que elle era portuguez de loi e filho de portuguez, e, como tal, tendo ideias avançadas, serviu no exercito liberal, tendo mais tarde obtido a medalha de cobre das Campanhas da Liberdade, Algarismo n.º 2, de que muito se ufanava.

O papelceiro Veról era meu paç, a sua profissão era encadernador, estabelecendo-se em 1830 na rua, então muito vulgar, das Algibebes, passando depois para a rua d'Alfandega e d'ahi para a rua Augusta, sempre com officina de encadernador, a que juntou mais tarde a papellaria. Meu paç falleceu a 25 de fevereiro de 1898.

O apelido Veról provinha-lhe de seu avô, que era italiano, natural de Genova, d'onde veio para Lisboa, no tempo do Marquez de Pombal, para a fabrica de ceramica do Rato, indo d'ahi para Bafios, em suas proximidades, onde estabeleceu uma fabrica da sua especialidade, e ali constituiu familia, cuja descendencia é toda portugueza.

Estes esclarecimentos, tenho a honra de os communicar a v.º para a verdade dos factos e confirmação da sua e nossa nacionalidade, a que nos honramos de pertencer e que tanto amamos.

Desculpe-se com esta minha carta o importuno, mas acima de tudo sempre a verdade tem definida. De v.º etc. Victor Veról.

Os grandes armazens de fazenda, que fazem fortunas pacientes e honestas, invadem a Baixa. O gosto refina. Cessa o lundum, finalisa a modinha da Bahia; Nicoló e Dalayrac entram em Portugal, triumphalmente abrigados no clarinette de Truchy, um discípulo famoso de Gambaro, que vem a Lisboa ensinar o seu instrumento por processos novos, enquanto Cossoul, professor de violoncello, volta, de novo, ao meio de onde o governo de D. Miguel o havia expulso. Começa a ler-se além dos poetas da Arcadia e Paulina de Flaugergues, governanta dos filhos da Infanta Anna de Jesus Maria, traduz, com delirante éxito, o velho romance de lord Lytton, *Os ultimos dias de Pompeia*, que, no nosso tempo, tiveram tambem tão estranha voga no livro e no cinematographo. No theatro começa uma carreira real o melodrama que vae desde Pixérécourt até Feuillet — e que vae fazer chorar gerações inteiras; todavia Lamartine ainda aqui não chegára! Disposta, timidamente, a *réclame*: *madame* Belém insere nos jornaes que é a proprietaria do mais *chic* hotel de Cíntro e que a sua hospedaria, apesar do incendio (o do Thesouro Velho) continua — deuses immortaes! — a manter «todos os confortos da civilisação». A mocidade vê, com pasmo, crear-se o collegio moderno, o pensionato dos senhores Pontes de Athayde, na rua de S. José, onde, ainda com muito latim, se começam a ensinar ás gerações tenras os bons principios da Revolução Franceza, deixando funcionar o Collegio Militar, então em Rilhafolles, com a rotina sebacea e intoleravel que compete aos estabelecimentos do Estado. Atraz da Imperatriz-duqueza vieram as soberanas legisla-

doras da moda, a Levaillant, a Lombré, a Isaure, a Elise, todas francezas, transformando, n'um apice, a lisboeta insossa, que vive por detraz de uma rótula, na parisiense garrula de Luiz Philippe. Lemos e Moraes, na sua profissão de alfayates, rivalisam com Right, de Londres e Robin, de Paris. Elegancia, perfume. Falta, porém, ainda, o que nunca o Nicola deu, o que não dá o Marrare, o que só mais tarde dará o botequim do Gonzaga: o restaurante á franceza; um andaluz negregado vem a Lisboa, funda a *Loja do Hespanhol*, no largo de Camões, com frente para o Rocio e n'essa bemdita loja, perante a multidão emparvoecida com a novidade, dá almoços á *lista* e uma outra inconcebivel tabella de *almoços pobres*; café e torrada, noventa réis; chá e dita, cem réis; um gró (grog) cincoenta réis, meio gró trinta réis. Mas o clarão d'apothecose deslumbra com os banhos do dr. Nilo, na rua do Principe. Este homem inverosimil, inicia os ignorantes no prazer, nunca sonhado, da limpeza. Dá banhos de aguas thermaes, sulphuricas, aromaticas, quentes, calmantes, de vapor, de chuva, de irrigação, *douches* descendentes e horisontaes, fumigações simples e compostas... Dá, sobretudo, banhos de asseio. Lisboa, n'um clamor, começa phreneticamente a lavar-se — e entra, com arreganho, na civilisação.

---



## IDYLIO



## IDYLIO

Aquella senhora, mais gorda do que magra, mais baixa do que alta, de cara redonda, sem expressão, penteada à Lafarge, pouco à vontade nas sedas que arrasta e que nós supponmos sempre de dedo espetado e olhar arguto ve-  
lando pela Constituição, — é a Rainha.

É assim que ella apparece, como uma creatura desgraçavel, com atitudes de matrona, enfiçada em preconceito, irritada, movendo-se furiosamente no seu Paço, onde a nossa phantasia a imagina constantemente a assignar decretos, á pressa, nos cantos desocupados das mesas. Talvez porque a vemos atravez da agitação do seu tempo, não a podemos separar dos homens que a rodeiam e porque, emfim, se a Rainha do antigo regimen se não virilisa e permanecia pairando sobre as paixões dos seus contemporaneos, muito ao contrario esta outra, que se achou envolvida no embate de todas as agitações, fremer, odiou e acolheu — como se não tivesse um throno.

Tem as rainhas mocidade? Aquella brasileiroinha de olhar admirado, que viu a luz no luxo híbrido de uma

chácara real, teve, decerto, a través da sua odysseia, uma radiosa mocidade. Não puderam, a melancolica tristeza dos mares, a incerteza da corda e da terra — apagar-lhe, em precoce gravidade, o dom benedito da alegria. Já por entre a mangrovia agreste dos penedos escavados do Rio, já a bordo, incerta como o delthaca, vogando, ao acaso, para um porto que lhe não fosse hostil, ainda nas sabias lições do velho Dupanloup, a pequena rainha mostrava a sua exuberancia, aquella vivacidade febril que é sempre o prenuncio de uma vida curta e accidentada. O amor cioso, exclusivo, commum talvez, mas tenaz — havia de irromper. O príncipe Augusto de Leuchtenberg, filho do celebre príncipe Eugénio de Beauharnais, e que foi o primeiro marido da rainha, passa, como uma sombra; é um espóso de dois rezes, quasi um estranho, apagado como a Imperatriz-duquesa, sua irmã, e que uma angina impiedosa fez recenter na obscuridade. Mas quando surge aquelle rapagão alto e forte, que foi o rei D. Fernando, com a sua estatura desempenada de allemão educado em Heidelberg, direito como um pinheiro das dumas, de boa face rosada e ingenua, — a rainha tinha desesete annos; *c'est une petite veuve ravissante*, commentava lord Howard. Bonita? Não. Talvez, mesmo, de feições communs, grossas, herdadas directamente da mãe, D. Maria Leopoldina, archiduquesa d'Austria; mas tinha o encanto inexprimivel que dava o penteado das mulheres de então; os bandós, muito apertados, abriam uma risca impecavel, alongavam-se sobre as fontes, em caracoos encanudados, curtos; usava, a miudo, o toucado de *boucles* com flores,

mas vulgarmente o simples ornato de grinaldas de rosas ou de rosêtas de setim escarlato e outro, enfeitado com myrtos e marabús, á Sevigné ou á judia, com os bandós achatados, refulgentes, envernizados como as azas de passaros exóticos.

Era uma loira d'olhos azues, com a graça dengosa e um pouco reservada das loiras. D. Fernando era loiro também; no fundo, ambos tinham a mesma alma germanica ingenua e sentimental. Tiveram curtos enleios sob a clara paz das noites estreladas. *Vergiss-mein-nicht*. A rainha não fallava o allemão, posto que o comprehendesse; arrulhavam então na linguagem universal dos amantes e em todos os cantos ensembrados e de bucolica, organisavam o scenario do seu silencio amoroso. E como elle, em Cintra, fizêra, d'um velho convento, um grande castello feudal, debruçado sobre as escarpas d'um Rheno imaginario, ella, nas tardes macias d'outono, á hora em que os montes se recolhem e tomam, no horisonte, a cor de prata velha, procurava, nas aguas placidas do Tejo, o colorido voluptuoso e sensual das lagoas de Civitta-Vecchia ou de Acquapendente, fulgindo sob o céu d'Italia eternamente azul. Vogavam, então, os dois; as colgaduras de setim roxo pendiam das amuras da galeota, rasavam as superficies inquietas, os remos cahiam em ritmo, faziam jorrar, na luz do crepusculo, catadupas de diamantes. E no loquaz emudecimento dos enamorados, elle ouvia palavras que ella, decerto, não murmurava, pensando, talvez, o que pensava Musset nos canaes de Veneza ao escutar o silencio de George Sand: — *Parle ! ... Parle encore ! ...* Lenta partida para Cythéra.

Pousavam no Alfeite quasi sempre, perpassavam pelas âleas debruadas de medronheiros que já então lá existiam; era delicioso de frescura e de mocidade; e sob as frondes copadas, sob a influencia d'Elvira, do Lago, de Larmartine, recommçavam o eterno cyclo d'amarguras enleadas e de alegrias castas, quinta essencia d'amor que, á semillhança d'Anteu, só pausa na terra para de novo se lançar no azul com redobrada impetuosidade. Mas como o amor mais intimo requer as suas horas sociaveis, a sua expansão livre, era frequente verem-nos, a cavallo, pelas ruas de Lisboa, muito simplesmente, sem escolta, ou nas manhãs claras, como dois burguezes, admirar, em S. Pedro d'Alcantara, a casaria branca da cidade espalhada pelas sete colinas.

A rainha recebia aos domingos, no Paço das Necessidades, mas como El-rei ia muitas vezes a Cintra vigiar com amorosa solicitude, a construcção do seu castello de balada rhenana, era frequente ausentarem-se, ambos, de Lisboa. Em Cintra, já o passcio estava subordinado a uma etiqueta mais pesada. A rainha, na sua volta diaria pelas ladeiras agrestes da Pêna, usava um grande burro cinzento, enorme, em que se pousava uma cadeirinha vermelha, semelhante ás que usavam os montanhezes dos Pyrinéus; as burricadas, n'esse tempo, faziam furor; o rei montava a cavallo, seguido do seu inseparavel, o conselheiro Dietz, precedidos todos pelo velho general marquez de Santa Iria, camarista accentuadamente preferido. Mas esm etiquêta, que era a mais simples de todas as côrtes da Europa, tornava-se terrivelmente fastidiosa aos dois enamorados.

O idyllo continuava. A familia real, boa, solida, unida, augmentava todos os annos com uma prolixidade que mais parecia d'Orleans do que de Braganças-Coburgos. *Une bonne pondeuse*, commentava Casimir Périer. D. Pedro, D. Luiz, D. Maria, D. João, D. Maria Anna, D. Antonia, D. Fernando, D. Augusto, D. Leopoldo, a segunda D. Maria e D. Eugenio tinham nascido ou haviam de nascer. Este ultimo custaria a vida á mãe, que não resistiu ao undecimo parto, com trinta e quatro annos d'idade — porque morreu com trinta e quatro, fresca e moça, essa rainha que a historia nos fez tão velha. E isto durou dez annos, quinze annos...

Houve quem amasse durante os massacres de setembro, amou-se na Conciergerie, em vespas de guilhotina, amou-se em pleno Terror, em Thermidor. Estes, amaram-se no meio d'uma tempestade perpetua. Logo de principio o commando em chefe do exercito foi vivamente disputado a El-rei que teve de o abandonar — e isto foi uma fonte de desgostos. Reapparecem, de novo, as discordias politicas, nos *clubs* conspira-se com largueza, a opposição do Porto é recebida em Lisboa, entusiasticamente e a tropa de linha ressuscita e proclama a constituição de 1822. Surge então um homem de estreitas affinidades com Mirabeau, o defensor das regalias populares, Passos Manuel, arrebatado, impulsivo, animado por um fulgurante amor da patria, claro genio de propagandista e de agitador; infelizmente tem, como Mirabeau a teve de Maria Antonietta, a antipathia tenaz da rainha. Veio a *Belemsada* que o deitou a terra, vieram todas as dissensões rancorosas,

a prepotencia dos Cabraes, que só no fim do reinado o movimento da Regeneração adormeceu.

Não era, sem duvida, um terror fulminante, afogando em sangue homens e ideias; era peor e mais longo, uma agitação perpetua e inquieta, a agitação d'um regimen mal plantado e novo. É essa agitação que envelhece uma rainha sem rugas e sem um fio branco; a calumnia não a poupou; e como dispensava a Costa Cabral um accentuado interesse, d'elle se tiraram conclusões perversas. Mas nem mesmo a calumnia lhe estraga o socegado amor dos seus, lhe altera o riso franco. O rei, como todos os homens, define-se ligeiramente inconstante, pousando aqui e acolá olhares de orthodoxa pureza. Mas a rainha continúa amando, continúa o seu idyllo real entre as sombras do Alfeite, nos penhascos de Cintra, debaixo das bellas arvores das Necessidades. Foi simples; as emoções rudimentares eram as que mais perduravam no seu espirito. A todas preferia um bello riso, apesar da fama que ganhou de ser taciturna e reservada. Frequentava pouco os theatros mas não disfarçava a sua predilecção pela farsa, preferindo-a muito ás interminaveis tristezas do melodrama; quando lá ia, a direcção, esperava, de vespera, uma indicação do Paço sobre a peça n' reiresentar. Enquanto o Epiphanio e o Tasso diligenciavam interessal-a, commovêl-a, a rainha espairecia e bocejava mas, na farsa, o Sargêdas, o grande Theodorico e a Bárbara faziam-n'a rir com um riso franco e contagioso, onde se advinhava muitissima juventude e pouca complexidade. O segredo da sua ventura domestica, aavez da confusão do seu reinado, cabe n'uma palavra: amou.

Soube amar até ao fim. Os annos passam ; não é já a rapariga inexperiente, boiando á tona das paixões ; sabe a vida, sabe o throno — d'essa sabedoria tira um tom auctoritario que podia parecer rude — e refugia-se nos seus. A expressão plebeia cabe bem n'ella : Era uma mulher de bem.

---



## A RUA DOS CONDES



## A RUA DOS CONDES

O theatro da Rua dos Condes, um dos mais antigos de Lisboa, é, todavia, aquelle cujo periodo d'explendor foi mais curto; esse periodo, porém, foi decisivo para o theatro portuguez. Antes d'elle, teve a existencia incaracteristica dos theatros da capital. Anteriormente ao terremoto havia já o Pateo dos Condes, similar do Pateo das Arcas e do primeiro theatro do Bairro Alto, no mesmo local, proximo da cadeia do Tronco e do palacio dos condes da Ericeira. Reconstruido, em meio do seculo XVIII, pelo architecto Mazzoni, constituiu, durante mais de um seculo, um pardieiro immundo, condemnado á derrocada e constantemente de pé. Foi o theatro da Zamperini, do conde d'Oeiras e de José Agostinho de Macedo. No tempo da rainha D. Maria I, passou a ser o Theatro Nacional, um extraordinario theatro nacional, sem comicos e sem peças, rigido, incrivel, sebento, enredado em vigilancia, debaixo do olho severo de Pina Manique e, para maior segurança, sob a tutela gelada do senhor juiz do crime do bairro do Mocambo. Fluctuou em todas as dissensões, re-

presentou as peças mais inverosímeis, ardeu em zélo por D. Miguel — e fechou.

Quando parecia que o pardieiro immundo acabára, de vez, a sua carreira de escandalos e de companhias hespanholas ou italianas, incrustada a dynastia dos Lodi no theatro de S. Carlos, o *Nacional*, de 30 de dezembro de 1834, pela penna de um assignante fixo dos theatros, noticiou a chegada a Lisboa, de Etíllio Doux, de Mr. Paul e de madame Chartron, com trinta artistas de ambos os sexos, munidos de bom repertorio e de alguns utensílios necessarios para illuminação.

A companhia era franceza. Uma duzia de annos antes tinha estado no Salitre e depois no segundo theatro do Bairro Alto, uma outra que representou o *Hamlet* em arranjo detestavel de Ducis, o *Tartuffo* e quasi todas as peças de Molière, algumas de Racine, duas ou trez do velho Corneille. Mas como essa companhia não sabia dos velhos moldes do repertorio classico, desconhecendo ainda o movimento romantico que apenas se esboçava, em França, com a juventude de Hugo diluida em pedaços de Walter Scott — pouca vóga teve, passou como uma sombra, despercebidamente. A de Doux, vinda com os primeiros sôpros de liberdade, trouxe um nucleo de peças que revolucionaram Lisboa, outras idcias, outros processos. De principio os lisboetas, fascinados pelo immenso lustre de candieiros d'azeite com que Doux, ousado e progressivo, illuminára o theatro, acabando com as vélas, não prestaram uma attenção muito seguida áquelle teatro ductil, estranho e novo que se infiltrava capciosamente em ouvidos

habituaados á interminavel cantilena do *Homem das flores-las* ou dos *Aventureiros da serra maldita*. Mas quando, passadas as delicias do azeite, surgiram Scribe, Melesville, o horrendo Pixérécourt, o joven Dumas, trazendo pela mão o seu collaborador Adolpho de Leuven, Lisboa estacou, apurou vorazmente o ouvido — e começou a reagir. O uso do francez era, talvez, n'essa epoca, muito mais vulgar do que hoje. (A *Abeille*, de Lisboa, jornal d'alta elegancia, publicou o seu primeiro numero em francez). O mal contaminava com violencia. Que litteratura era aquella? Que theatro era aquelle? Obra insulsa dos escriptores de Franca, obra devastada pelo relaxe e pela immoralidade. E aqui estava, agora, Beaumarchais derribando o velho Voltaire, toda a boa ordem commedida e pautada do antigo theatro dos Pateos atirada para o canto, como lixo inutil, para que surgisse, ainda incerto, um outro theatro de paixões e de conflictos, com almas torturadas e sentimentos intimos. E o que chocava, sobretudo, era a desenvoltura ligeira dos actores que tomavam o seu logar debaixo do sol e não eram já, como d'antes, um rebutalho cuidadosamente posto á parte, como nos remotos tempos de Belle-rôse ou de Marie Vran. Uma certa *mademoiselle* Louise, da companhia, provocou paixões ao milheiro, levou o maestro do theatro a desafiar sangrentamente Menerville, actor, rival installado com segurança no coração da bella. *Madame* Chartron fallava em varrer, com decisão, Molière Corneille, Racine, *tout le tremblement*; Doux, pessimo actor, mas excellente innovador, ameaçava os renitentes com *Amy Robsart*, *Heloisa* e *Abeilhardo* e até com o

*Casamento de Figaro*. Foi um bômbio de festa. E as mesmas pessoas que logravam lêr, entre quatro paredes, a prosa sensual dos Crébillon e as edições d'Hollanda, do marquez de Sade, — mais alto clamavam, impetrando a boa ordem, o regresso a Millevoye, a Alcippe, à Arcadia, julgando que essas reliquias pudessem alguma vez reviver depois da Grande Revolução.

O *Nacional* rugiu; rugiu a *Revista Universal Lisboense* pela bocca de Antonio Feliciano de Castilho. Debalde. A companhia franceza continuava, impassivel, os seus espectaculos, trez vezes por semana, no pardiêiro immundo e quanto mais a imprensa a condemnava, mais a sala se enchia de espectadores assombrados, mas satisfeitos. Entrou, então, pelo *vaudiville*; no fim de maio de 36 deu a *Gillette de Niobonne* e um acto immensamente garôto: *Une fille d'Eva*; a rainha, que assistia ao espectáculo, teve occasião de côrar varias vezes; a celeuma foi enorme e, em altos brados, agitou a palavra que tantos echos repetiriam, de futuro: pornographia. Então Donx, alucinado, despediu a ameaça pendente, e trez dias depois, com reforço chegado de França, deu o tão annuciado *Casamento de Figaro*. A companhia atravessou uma borrasca perpetua até abril de 37, dando alguns espectaculos em S. Carlos. Foi, depois, embora, mas Doux ficou. Este terrivel homem permaneceu na Rua dos Condes, firme — e em portuguez. E o *facies* que a companhia franceza tinha dado ao theatro com o pessimo mas novo melodrama, ia agora ter o seu periodo triumphante; continuou-o elle. Doux, privado dos seus auxiliares francezes, principiou fa-

zendo actores nacionaes. Da sua escola sahiram todos os grandes do romantismo. Era um homem alto, herculeo, espadaúdo, com uma voz de trovão e um nariz minuscuro; encarregava-se dos papeis de segunda ordem onde, apczar d'isso, tinha sempre patcadas de primeira cathegoria. Mas este actor, sem vóz e sem fogo, foi o mais extraordinario ensaiador do seu tempo; de gosto muito fino e decidido, o theatro portuguez deve-lhe quasi tanto como a Garrett. Com elementos hibridos, continúa a obra dos seus compatriotas, infiltrando entre nós o grande movimento litterario francez, transmittindo-o vivamente aos nossos auctores. Depois de 40, com o subsidio de Farrôbo, que alienterrou sommas fabulosas, fez chegar o theatro ao apogeu da sua carreira; o casarão continuava immundo mas a ideia que se agitava nas taboas do palco era a aurôra d'uma grande revolução intellectual. Ahi se puzeram em scena as primeiras peças portuguezas do periodo romantico. Logo de principio Dour fez representar o *Marquez de Pombal ou 21 annos da sua administração*, peça que despertou grande polenica e consideravel intriga, mesmo antes de ser representada. Silva Abranches dá, depois, o *Captivo de Fêz*, com que meia Lisboa soluçou. Já então a Talassi, Epiphanio, Sargêdas, Vannez, Ventura, Theodorico Junior, Meyrelles, Vianna e Tasso ahi brilhavam com seguro fulgor. Nasce o *Garôto de Lisboa*, essa tão velha peça que ainda hoje, oitenta annos depois, é uma creação da actriz Adelina Abranches. E Garrett, que já debutára com o seu *Catão*, no segundo theatro do Bairro Alto, surge, formidavel, com o *Alfageme de Santarem*. Eclosão, brilho,

triumpho. O *Nacional* rugia em menôr contra a devassidão dos costumes, já avassalado pela onda que sentia subir. E para que se não perdessem bellos habitos e a critica reclamasse, fulminando, sóbe á scena a peça de Dumas, *As primeiras proezas de Richelieu* onde, pela primeira vez, perante os esgâres da imprensa, Emilia das Neves deu um *travesti* que Lisboa, suffocada, contemplou com assombro e saboreou com gula. Foi tudo prohibido pela censura do Conservatorio mas os dois actos romperam, apesar da opposição. Peça *saturnal e immoral*, commenta Castilho na *Revista Lisbonense*. Na segunda vez que foi, accrescenta o severo adaptador de Molière, a sala estava cheia mas muitas pessoas, que assistem á peça d'abertura, retiram ao começar das *Proezas*; os applausos que houve, foram *dignamente* abafados. E Castilho congratula-se, solitario, nas columnas tristes da *Revista*.

Mas nenhum grande nome, nenhuma corrente artificial podiam detêr a marcha do theatro romantico que a Rua dos Condes inaugurára. Juntamente com as grandes peças de Victor Hugo, Feuillet ia surgir, Lamartine ia consagrar, no livro, o que o drama com tanta vehemencia começára. O theatro da Rua dos Condes breve mergulharia n'uma decadencia que terminou miseravelmente em prestidigitadores de terceira ordem — mas foi o iniciador. A abertura do theatro de D. Maria II matou-o sem remedio. Doux fugira para o Ginasio em 47 deixando lá uma sociedade de actores que, na sua quasi totalidade, foi depois, para o Normal. O velho theatro, como diz a bella expressão, tinha vivido. Esperava agora, obscuro, morto

para sempre, o camartéllo que o abateu em 82. Em cento e trinta annos percorreu o seu cyclo. Vibrou com todas as paixões, iniciou, triumphou, decahiú - e, volvido em poeira, foi juntar-se á poeira mysteriosa do passado.



## POLITICA



## POLITICA

Costa Cabral, volvido ao nada, é hoje uma poeira impalpavel — mas tem, ainda, detractores. O tempo, porém, vae-o remindo. Mais do que nenhum outro, conheceu as tendencias e as neccessidades do seu paiz; foi poderoso e forte porque reuniu em si o que faltou á maioria dos seus contemporaneos: methodo, plano e fim. A agitação do tempo em que agiu, favoreceu, singularmente, a sua prodigiosa expansão. N'uma nação tranquilla, constituida já de longos annos, no progresso d'uma organização politica secular, o seu character ousado e fogoso ter-se-hia dispendido em inutil actividade. Assim, baloiçado entre todas as paixões, tão depressa foi considerado o unico salvador do seu paiz como acusado de ilimitada ambição de poder, manejando criminosas intrigas. Teve a sorte de todos os dirigentes supremos: viveu entre a calunnia e o louvor. Nem uma nem outro podiam, todavia, perdurar na sua época. O tempo é que julga, indo quasi sempre buscar o justo equilibrio entre o bom e o máu. O tempo julgou-o. Pode, com desafogo, ser compa-

rado a Thiers; ha, em ambos, a mesma comprehensão rapida das coisas, mobilidade activa, regosijo na lucta, volupia na contrariedade. Mesmo no seu aspecto physico, Costa Cabral pôde comparar-se com o ministro de Luiz Philippe: estatura baixa, face macilenta, olhar constantemente faiscando com desusado fulgor, palidez terrosa que denuncia uma intima ebullição de todos os instantes. Foi um apaixonado tumultuoso da sua ideia, um inspirado, eloquente com frequencia, arrebatado sob o agulhão do seu entusiasmo bem meridional. Circunspecto, — não teria razão de ser em Portugal. Com o flegma de La Peyrolade, seria de larga envergadura. Aqui, a terra foi pequena para elle. Em França, talvez tivesse um lugar entre Guizot e Casimir Périer.

Em volta d'este homem gira toda a politica do seu tempo. Desde que os burguezes dô Porto desceram com o dorso envolto em briche e a mão enclavinhada em redor d'um rôlo de papeis, — nasceu uma agitação que durou trinta annos. Um regimen novo é um regimen instavel. Uma ideia tem cohesão e disciplina quando combate outra ideia opposta: desde que se dilacera entre si, é uma ideia perdida. O principio de liberdade era irresistivel perante a politica anachronica dos ministros de D. João VI e toda a intolerancia febril de D. Miguel, apenas conseguiu radical-o mais intimamente no espirito dos portuguezes; mas uma vez essa ideia em marcha, fulgurando, triumphante, a sua pureza manchou-se como se mancham todas as abstracções a caminho da realidade. A Revolução Fran-  
ceza partiu dos principios immortaes e humanitarios de

89 para resvalar nos massacres de setembro e na sangüinolenta loucura do Terror; também a sinceridade ingenua dos homens de 20 perdeu a sua grandeza depois de 24 de julho. Sonho realizado, sonho desfeito; em quatorze annos evoluiu, brilhou e morreu. Uma vez afastado o espectro de D. Miguel, o ideal fragmentou-se, toda a disciplina desappareceu, se dispersou em mil ideias differentes. Convinha ao espirito portuguez, aventureiro e ousado, o impôr o seu crêdo politico, fazel-o dominar por uma propaganda intempestiva e brutal, que o havia de csmigalhar. A organização dos *Carbonarii*, reunindo entre médas de sobro, que tentára o irridentismo da Italia e morrêra pelo drama formidavel de Vanina d'Ornano, ainda mais do que pelo caso dos quatro sargentos da Rochélla, teve uma extraordinaria influencia em Portugal quando já, lá fóra, deperécia, irradiou em centenas de chôças, volveu-se em sociedade secreta politica, quando fóra, nas provincias do Veneto, caracterisadamente nacional; a nobre agremiação sonhando e preparando uma patria italiaua, estragada já pelos de França, serviu, entre nós, unicamente interesses de seita, iniciando e conduzindo, na maior parte das vezes, todos os movimentos comprehendidos entre a Revolução de Setembro e a expansão da Maria da Fonte — porque havia grupos de todas as côres politicas, frouxos uns, vivazes outros, constituindo nucleos de Setembristas, Cartistas, Moderados e Republicanos.

Em seguida, a Maçonaria complicou os factos; todos os grandes vultos se apoiaram n'ella. Passos Manuel, tribuno e patriota, Rodrigo da Fonseca Magalhães, orador

e parlamentar, o proprio Costa Cabral, foram lá buscar o apoio aos seus elementos, já então innumeraveis. A cincoenta annos de distancia, sob a influencia da Grande Revolução, todavia ainda mal conhecida e muito pouco estudada, resurgem, aqui e acolá, os *clubs* politicos; em cada um pontifica um innovador. Os homens da Gironda e da Planície, os Jacobinos, renascem em Portugal, com a mesma violencia de paixões. Ha os apaixonados de Desmoulins, os devótos de Mirabeau; uns teem a politica de Chénier ou de Fabre d'Eglantine, outros são gelados como Collof-d'Herbois, brutaes como Couthon, inflexiveis como Saint-Just. Uma minoria entra, decididamente, na ideia republicana, que logo abandona para se tornar francamente setembrista; a maior parte, tenta subordinar os princípios de 89, e mesmo os de 93, a uma realeza constitucional. É a Convenção adaptada. Mas o halito sangrento d'essa hieratica Convenção, parece, tambem, ter chegado até nós; e é no *club* dos Camilos, desvairado, arrastado pela sua propria eloquencia, que o mesmo Costa Cabral, que, mais tarde, havia de sustentar a monarchia com todas as suas forças, sóhe acima d'uma meza e perante um auditorio incandescido, frouxamente alumiado a azoite, reclama, n'um largo repto oratorio, — a cabeça da Rainha.

Todas as cástas politicas se odiavam com entranhado rancôr. De paes para filhos, de irmãos para irmãos, jogavam-se as mais cruéis estocadas moraes. Nunca liberaes e miguefistas se abominaram com tanta intensidade como, mais tarde, cartistas e setembristas. A imprensa, mal usando da sua liberdade, muito recente, tomou no insulto

uma acuidade, uma violencia taes que se deshonorava na infamia, descendo á calumnia mais vil ou á lisonja mais grosseira. As grandes massas não eram, então, dirigidas por ella mais do que o são nos nossos tempos mas as facções prodigalisavam, todavia, os processos de persuasão mais torpes. Na alma irrequieta dos portuguezes, não podia existir indifferença politica. Todos tinham a sua ideia, sempre variada, todos tentavam impô-la, mais pela violencia do que pela justiça das cousas, ignorando que as ideias são como as bólas de borracha que, com quanto mais força se arremegam ao chão tanto mais saltam e se elevam no ar. A politica foi, então, em Portugal, de um consideravel empyrismo, qualquer coisa sem base e sem preparação que olliava em globo os adversos e acolhia sem reservas os correligionarios. Sobre a Constituição travaram-se todas as luctas, umas de interesse, outras de doutrina. A Carta foi rasgada, menoscabada, repellida, mystificada constantemente, arremegada, boje, ao lixo inutil pelo braço de trinta parlamentares, resposta, amanhã, pela força de cinco mil bayonetas; e em volta d'ella, sobre ella, uma grande vozearia contradictoria e facciosa, retalhava e dispunha — ao sabor da conveniencia pessoal.

A exuberancia meridional desconhecia o pudor. Nos dias mais agitados da monarchia de julho, o palacio Bourbon conservou, sempre, uma sisudez placida: os pares de França, raramente maliciosos, nunca chegaram á offensa; havia ali todo o character d'uma nação altamente civilisada; os seus debates urbanos, esmaltados de espirito permitiram sempre a Thiers conservar-se sereno e manter-se

respeitado. O sorriso agudo, a resposta breve e correcta, eram desconhecidos entre nós. E era no Parlamento que Costa Cabral perdia a sua linha severa, assediado, vergastado pelas opposições tumultuosas. As camaras usavam mal os direitos novos que possuíam, desconhecendo ainda os deveres, relegando o cuidado de polir. Na palavra se afundava a ideia. S. Bento era infinitamente mais um *club* revolucionario do que uma sala de côrtes. «Não se trata aqui de phrases assetuadas nem de ostentações de cortezia. Está-se como no meio da rua; atiram uns aos outros com lodo e pedras de calçada; enfeitam-se os discursos com as mais grosseiras injurias. Um membro da opposição diz a um ministro da corôa: — *Sob a tua administração é tudo concassão e simonia!* O ministro levanta-se e interrompe: — *Quando tu estiveste no gabinete, roubaste com muito maior atrevimento!* E o outro clama: — *Não! Tu és o maior dos ladrões!* O presidente faz, em vão, soar a campainha com toda a força do seu braço; ninguém faz caso, ninguém ouve o que os outros dizem; levantam-se, agitam-se em torno dos seus logares, peroram simultaneamente, ao passo que as galerias fazendo tambem descer á sala os echos do seu tumulto associam-se a esta scena de orgia.» (Lichnowski)

Era assim. A descortezia invadiu tudo que pertencia ao dominio da politica. A máscara de boa sociedade cahia immediatamente, como esmalte mau, tão depressa o assumpto d'uma conversa despertava paixões politicas. Todas as classes sociaes tinham a sua intolerancia, a propria rainha não se exceptuava d'esta regra geral e algu-

mas vezes se intronetteu na politica, organisou em pessoa a *Belemzada* por odio a Passos Manuel. Usava d'uma energica intimativa, sem notar que lhe oscilava o throno. Escrevia a Terceira: — *Duque da Terceira «eu quero» que se faça isto...* A Palmella: — *Duque de Palmella, já lhe disse tres vezes que «quero» que assim se proceda.* E esta singular soberana que, com tão franca virilidade, pretendia governar as ideias do seu tempo, morreu, todavia, com a sua corôa bem assente na cabeça.



## A ASSEMBLEIA LISBONENSE



## A ASSEMBLEIA LISBONENSE

O palacio do Manteigueiro, na rua Horta-Sécca, foi edificado nos fins do seculo XVIII por uma curiosa personagem que Lisboa em peso conheceu, um certo Domingos Mendes, gallego, enriquecido no Brazil com generos de mercçaria, que transitára de creado a merceeiro, volvido depois em grande negociante de manteigas: d'ahi a alcu-nha. Este homem, d'uma sordidez tão engenhosa que fazia servir o jantar dentro d'uma gavêta para a fechar rapidamente se alguem apparecesse, levantou, todavia, um palacio maravilhoso com incrivel prodigalidade. Foi a sua criação. Morreu deixando toda a fortuna a Antonio Pereira Coutinho, da velha familia dos Pereiras Coutinhos, a favor de quem, desde muito, fizêra testamento, com a condição de este se deixar tratar por primo — e o palacio veio a pertencer a João Fletcher, inglez de tanta preponderancia na sociedade portugueza do seu tempo.

A Assembleia Lisbonense installou-se em 1836, no palacio do Manteigueiro; quando para lá foi, mutilou-o de cima a baixo. Mandou arrancar os tectos d'excellente ma-

deira de têka, todas as portas e hobreiras de magnífica madeira do Brazil e vendeu tudo a *ferros-velhos*; o estuque egalitario destruiu, de vez, a preciosa concepção do velho Altronochi, architecto que ali puzêra o melhor da sua arte. Ficou um casarão incaracteristico, de gosto duvidoso, mobilado á feição de Poisignon, com todas as chinesiques então muito em moda no *boulevard* dos Italianos.

Por ali passou, todavia, o que em Lisboa pesava e orientava. Logo de principio a Assembleia Lisbonense imprimiu ás suas reuniões o cunho da mais alta elegancia; lentamente, o supremo dandysmo do seu nucleo irradiou, impôz o tom, o gosto litterario, o sentir que fôsse elegante exprimir, a idéa que fôsse de requinte desenvolver. O romantismo entrou em Portugal trazido pelos imigrantes — mas installou-se na Assembleia Lisbonense; no grupo reduzido, mas exclusivamente culto, o grande movimento francez do tempo era conhecido nos seus mais vagos cambiantes. Foi na Assembleia que o musico Manuel Innocencio Camacho, já então compôndo o *Cerco de Din*, revelou Meyerbeer, que, de concerto com Scribe, librettista, revolucionava e preparava a opera ligeira; Nicolò e Dalayrac vieram, tambem, pela mão d'elle. A conferencia, essa expressão elegante da arte moderna, teve noites brillantes, de incomparavel fulgôr n'aquellas mesmas occasiões em que, na rua, a multidão tempestuosa e fremente, se debatia entre grosseiras agitações politicas. Garrett fôra, então, critico d'arte: pela sua palavra fluente Lisboa culta conheceu e amou a obra do regicida David, de grandes linhas concisas e severas, desde a *Morte de*

*Marat* até ao *Retrato de Madame Récamier*. A grande tela de Gericault, a primeira afirmação definida do realismo romântico, apaixonou os frequentadores da rua da Horta-Sécca, que melhor conheciam a *Jangada de Medusa* do que os nomes dos ministros que então governavam, a dois passos d'ali, nas arcadas do Terreiro do Paço. De Dechamps, Delacroix, Vernét se curava como se os trez grandes mestres da pintura franceza vivessem e produzissem em Portugal: todos tinham uma aqua-forte de Tony-Johanniot ou uma estatueta de Buigny-Jourdain; e o formidável Berlioz, que só agora Lisboa começa a comprehender e a admirar, foi ouvido, discutido e endeusado, debaixo dos tectos do Manteigueiro, sessenta annos antes das classes burguezas imaginarem que elle existia; collectivamente a Assembleia Lisbonense vivia da França.

Os *snobs*, que copiavam de Tackeray, ao mesmo tempo garrulos e petulantes como as figurinhas de Mathew Arnold, enteirçados no *cant*, á maneira das personagens de Beaconsfield, *panache's de bêtise*, como então dizia a velha Flahaut,—não se limitam, comtudo, a demonstrações abstractas. A melhor obra da Assembleia Lisbonense foi a Academia Philharmonica de Lisboa; antes de serem ouvidos na Academia da rua do Alecrim, no palacio do *Manuel dos Contos*, na rua Nova do Almada, antes, mesmo, de se vulgarisarem um pouco mais na Melpomenense, — Beethoven e Mozart soluçaram nos violinos da orchestra Saint-Martin, Handel vibrou magestoso e largo, Haydn evocou anquinhas de seda Pompadour, archiduquezas sorrindo, com um grão de belleza na face. E quando Weber irrom-

peu, pensativo e severo, romantico, humido e fresco, com toda a humidade, toda a frescura das florestas da Allemanha, traduzida em *pizzicatos* de violoncello, os *suos* comprehendiram, fremêram e, com a vehemência de apostolos, espalharam, enternecidos, a doce e bondosa obra.

Essa multidão, vinda do exilio, vira, como n'um sonho, em Paris, os formilaveis bailes das Feuillantines, em Londres, as reuniões fulgurantes do Gloucester-Club. E imitou. Imitou com um esplendor, uma expansão de luxo e de requinte que nunca mais foi egualada. Os bailes da Assembleia Lisbonense foram soberbos, a elles assistiu tudo quanto de grande vinha a Portugal. Lisboa aristocratica realisára, na sua terra, o que lá fóra entrevira de relance, entre duas revoluções. Fardas constelladas, decotes a branco e a perola enlaçam-se ás centenas, arrastados nas valsas ingenuas de Chavannes ou de Gorion. Os *pince-nez* de prata marchetada refulgem no clarão vacillante das vélas, rebrilham botões de oiro em casacas verde-bronze, d'abas estreitas, forradas de seda branca e os mancebos de superior elegancia abandonam, com dolencia, as largas capas azues, forradas de velludo carmezim. Havia no detalhe um minucioso rigor, havia na linha uma graça desordenada. Soprava um vento d'epicurismo. Eram appetites que o desterro aguçára. O *incroyable* tinha já passado, mas o *petit-maitre* estava por nascer. Essa elegancia romantica, que não tardaria a vulgarisar-se, era, então, um privilegio de cásta que trazia consigo um gosto muito seguro e decidido, fazia dos bailes da Assembleia a expressão condensada de uma ideia e de uma sociedade novas.

Eram, todavia, os filhos d'aquelles que tinham conhecido e cultivado a mais ignorante intolerancia. Mas entre duas gerações passára uma ideia agitando um facto, latejára um conflicto de paixões no socêgo secular de Portugal. Foi uma janella aberta sobre a Europa; um largo sôpro francez entrou, tão violento e tão subito que, de repente, uma sociedade que a custo chegava, aqui e além, á Encyclopédia e a Diderot, se achou mergulhada em *Dorivert* e em *Jules Janin*. O nucleo que viera do exilio, aguilhoado pela revolução de Julho, esse tremendo grupo de *deportistas*, onde irrompeu, mais vivaz, o eterno espirito d'aventura que dorme no coração dos portuguezes, quiz transformar o Portugal lethargico do seculo XVIII, remover o Portugal abjecto do Principe-Regente. Para isso, os politicos trouxeram a constituição de Luiz XVIII e os artistas as calças de *lord Grey*; mas se as calças foram acceitas com agrado geral, para a constituição de Blacas houve energica resistencia; contudo estas duas cousas tão differentes eram irmãs; os primeiros ajuntaram-se n'uma antiga abadia benedictina e d'ali bolsaram calumnias, paradoxos e infanias, citando Polignac e Martin-Duplessis com gravidade e segranga; os segundos foram, muito simplesmente, para a rua da Horta-Sêcca vulgarisar Schubert, contar Lamartine, analysar Winterhalter. Em S. Bento expôse-se, entre gritos, uma theoria que acha logo contraditores — e que poucos comprehendem; na Assembleia Lisbonense revela-se o ultimo termo d'uma civilisação muitas vezes secular — e todos, lentamente, a vão assimilando.

Foi a Assembleia Lisbonense uma das poderosas ala-

vancas que deslocaram a sociedade do seu tempo. Um paiz não se transforma pela facundia governativa d'uma casta politica, sempre pouco numerosa e intellectualmente inferior. A *Assembleia Legislativa* estabeleceu os principios de 89 — mas foram Voltaire, Rousseau, d'Alambert, todos os encyclopedistas que fizeram a *Assembleia Legislativa*. As nações prosperam pela sua sciencia, pela sua arte, pelo potencial superior da sua cultura moral, — nunca pela sua politica. A polemica de Cartistas e Setembristas apenas transmudou o Portugal taciturno e freiratico n'um Portugal mal educado, incaracteristico e intolerante. Foi pouco. Mas de toda essa época ficou aquillo que vulgarmente se chama a nossa elegancia romantica, ficou Garrett poeta, ficou Palmélla *grand-seigneur*, ficou l'arrôbo *dandy*. E estes trez, fizeram incomparavelmente mais pelo seu paiz do que toda a multidão ululante, rancorosa e anonyma que fez correr o sangue em prol d'uma causa de que não estava muito certa e de que não colheu outro resultado que não fosse exarcerbar o desejo de viver com requinte, por todos os sentidos, por todas as agitações, por todos os receios d'um futuro incerto. Por isso, assim que Portugal, aplacadas as paixões politicas, mergulha n'uma somnolencia de que ha de despertar sessenta annos mais tarde, todo o movimento litterario e intellectual desaparece, tambem, gradualmente. Nunca mais voltaram as tardes das Laranjeiras nem as noites da Assembleia Lisbonense. Reuniões d'uma *élite* desocupada? *Clubs* de *snoobs* sem actividade? Talvez. Mas foram elles que vincaram o seu tempo.

## OS ACTORES DE 1840



## OS ACTORES DE 1840

Os actores de 1840 são, na sua quasi totalidade, da mais modesta extracção. Ha n'elles, porém, um caracter essencial: eram homens. Pailleron não inventára ainda o termo que os designa, não eram ainda cabotinos. A sua adolescencia foi temperada nas guerras civis, quasi todos se bateram e em todos ficou um pouco do soldado que um dia viu o fogo. Foram soberbos exemplos de tenacidade e de energia. Sahidos do povo - permaneceram no povo. Nem um renegou os seus começos, raros trouxeram para a rua a máscara que usavam na scena. Conservaram o supremo bem das creaturas de eleição: Deus deu-lhes a lagrima e a gargalhada. Sofreram. A miseria passou por todos elles, tocou-os e transfigurou-os; a fatalidade que vergou toda a vida de Epiphany deu-lhe a angusta e magestosa serenidade que fez d'elle um actor admiravel, magnifico e sombrio. A fome dominou Sargêdas; e como Sargêdas teve fome, foi pintor, caixeiro, guarda-livros, al-fayate, pintou mōnos de barro, tallou pares de sapatos, sempre com o seu riso aberto e largo — e só chorou, no-

brememente, com enternecida emoção, no dia em que Garrett lhe deu um abraço. Theodorico tio, teve a bemdita alegria de viver — e contudo a desgraça não o poupou. O Tasso, perdido na vida, orphão aos cinco annos, deveu unicamente á força irresistivel do seu talento o logar que talhou. Era um forte. Foram, quasi todos, ingenuos e crentes, foram os mais apaixonados amantes da sua arte, antepunham-n'a a tudo, de muito se privaram por ella. E o que Julio Cesar Machado disse, a proposito do Tasso, deveria dizer-se de toda essa pleiade esplendida. Eram actores de raça. Nunca ninguem fez mais sabendo tão pouco. Tinham coração. Tinham alma. Eram homens.

Appareceram, todos ao mesmo tempo, n'uma scena sem tradições e sem glorias. Não copiavam ninguem nem fizeram evocar ninguem; surgiram com o Romantismo e com elle desappareceram. Não existiam, com effeito, actores antes de Doux ter fundado o seu ensino; nem no genero tragico, nem no alto comico havia uma figura de destaque. Com o novo theatro ia, todavia, florescer a nova escola. Doux vira representar *mademoiselle* Mars, já então longe da mocidade, admirára Saint-Firmin, era discipulo de Frederik-Lemaitre. Os recentes processos, que tinham tido a sua mais bella modalidade na interpretação do *Didier*, da *Marion Delorme* e do *Saint-Mesgrin*, do *Henrique III*, inflamavam-n'o. Em Doux havia o mesmo instincto de novidade que fazia brilhar os olhos de Talma, quando da leitura do *Cromwell*. Era, abertamente, pela nova orientação, abominava o theatro indeciso de Casimir Delavigne, que ousava o meio termo e não occultava uma formal ten-

dencia para os auctores do *Antony* e da *Lucrecia Borgia*. Atraz de si não havia passado a esboroar ; no seu caminho não existia um processo a combater ; a materia plastica, tinha-a soberba e admiravel. Teve logo de entrada, Vannez, Meyrelles e Sargédas. Depois os outros vieram em multidão e, ou na sua escola ou seu theatro, todos lhe sentiram a influencia. Donx foi, sem duvida, o creador do actor romantico, em Portugal.

De começo estes actores não foram perfeitos — mas havia n'elles vehemencia e convicção. Costumados a declamar em verso, porque em verso eram, então, quasi todos os dramas do seu tempo, os nossos artistas usavam uma melopeia monotona, uma enfadonha cantilêna que não expressava nem verso nem prosa. A miúdo remontavam a voz a pontos agudos, coisa que reputavam de grande belleza porque era esse o gosto do publico que os aplaudia. Lentamente, a infiltração da verdade foi-os possuindo. O baixo comico desligou-se, a pouco e pouco, do habitual nas comedias italianas, nem já o tragico tinha, por sombras, o enfatuado de Nicoléne ou de Dupin-Parvis. Assim Azôr se afasta de Ruy Blas. O theatro era ainda um composto de circumstancias quasi inverosímeis, um theatro interessando mais pelo inesperado do que pela acção conceituosa que podia envolver ; a realidade, porém, ia transparecendo. A dicção desordenada e tumultuosa desappareceu devagar e todas as paixões, que de principio se admittia deverem ser vincadas com exuberancia, foram temperadas pelo soberbo sópro de lyrismo correcto e delimitado que dimanava do theatro francez. A mais alta expressão d'esse

lyrismo residia, então, em Hugo e em Lamartine — e elles irradiavam, impunham com tal violencia, que não transformaram apenas a litteratura do seu tempo, modificaram tambem, a sociedade em que viveram e formidavelmente a abalaram, n'um tal arranco, que toda a celeuma que elle causou ainda hoje perdura.

Este grupo, porem, era homogenco e compacto. Completavam-se uns pelos outros. As mulheres não tinham ainda a *pruderie* grotésca das actrizes de theatricos. Todas marcavam um gosto muito vivo e muito pronunciado pela sua profissão, uma grande probidade dentro da sua arte. Foi o tempo em que Emilia das Neves entrou no theatro pela mão do actor Ventura, para quem Garrett escreveu o *Frei Luiz de Sousa* e que, formosissima, esculptural e pobre, atirou o seu talento ás mancheias, gastou o seu divino dom por oito mil réis por mez; era o mesmo fogo sagrado da Dejaset n'uma outra magistral modalidade de Rachel; tinha a linha d'uma corteza de Bolonha, hieratica no seu brocado de Florença, com a alma transbordando de soluços, lagrimas, paixões, e delirios, ululando, abraçando, implorando por todas as grandes dores dos homens e por todas as grandes alegrias dos homens; era uma parcella de Deus scintillando n'uma bocêta de barro. Era tambem o tempo em que Carlota Talassi representou, em Portugal, o desusado brilho de *mademoiselle Georges, grande-dame*, senhoril, enorme, usando, depois de reformada, a máguia inconsulavel de se sentir sobreviver a si propria.

Em redor d'ambas volteavam Delphina, a encantadora

Delphina Perpetua do Espírito Santo, sombria, triste, pensativa, uma silhoéta de Lamartine, vago composto de lyrio e de papeila, que n'um palco quasi nascêra e um acaso feliz revelára, a Talassi mãe, com uma fama nascida e creada no velho theatro de S. João, no Porto, aquella outra, com um nome de balada, Florinda de Tolêdo, de tão débil corpo e de tão forte coração, Maria da Luz, que fôra talvez gentil, sonhadôra, parecendo esfolhar, atravez dos dramas de Mendes Leal, o *forget-me-not* piedoso das heroínas de Walter Scott... E sobre todas, enchendo-as a todas d'uma bella alegria de viver, enorme como um boi, saltitante como um pintasilgo, vestida de chita, com um vasto lenço d'Alcobaça em guisa de toucado, a velha Bárbara abatia, aqui e alem, o seu pulho forte, symbolisava a antiga graça portugueza, pesada, grosseira por vezes, e onde, apesar de tudo, um bello humor tinha, a miúdo, um conceito penetrante e melancolico, exhalando doçura, como exhalam perfume quatro rosas metidas n'um côpo d'agua fresca...

Mundo morto? Ainda não. Um ou outro, de velhice adeantada deve lembrar-se do Narrare das Sete Portas e do botequim do Gonzaga. Deve lembrar-se do grupo d'actores que ali se reunia. Evocará Epiphania, de face vincada e pensativa, como que farto das cousas humanas, parecendo debater o eterno problema d'Hamlet, negro, philosophando a sua negra philosophia, com uma figura de Romano, sevêra magestosa, olympica e dura; ha de recordal-o vergado por fatalidade mysteriosa, parecendo considerar melancolicamente o seu habito de Christo, an-

tevéndo, talvez, a febre amarella que havia de levar-lhe um filho e que havia de levar-o a elle. Em volta da chavena de café d'Epiphanio, outras chavenas se juntavam, muitas alegrias penetravam uma existencia sombria. Ali clamava, em bérros estridentes, aquelle homem enorme e bom, de grande alma e de nariz ridiculo, o vozeirão de Theodorico tio, que abalava as parêdes com as rajadas da sua eloquência picara, percorrendo, atravez do seu riso, toda a escala dos sentimentos humanos. Era ali que um outro homem, amarelinho, miúdo, com uma figura de Pantalone, todo em cabeça, alegre por entre todos os seus avatares, dizia versos e cantava modinhas de Moura; era Chrispiniانو Pantaleão; era Sargêdas. Ali reuniam Ventura, Lisboa e Victorino, uma trindade que fez rir e fez tremer, rugindo, sem descanso, os melodramas de Méry, uma trindade estranha, acolytada por um mancebo obscuro que havia de ser, mais tarde, o actor Isidoro Sabino Ferreira. E ligando todos estes elementos, um rapaz esbelto, bello como Fortunio, uma romantica mistura de Werther e de Manfredo, Joaquim José Tasso, fazia perpassar a sua elegancia hyroneana, leão da moda enquanto não era leão da scena, de boa vontade Apollo, perturbando a alma inquieta de todas as mulheres pela verdade irresistivel do seu talento e pelo côrte extraordinario da sua casaca...

Mundo vivo. Tumulos? Não. Fâchos. E assim que a alma popular os quer. Foi ella quem os julgou — e quem os tornou grandes. A miséria vibra na pintura da miséria. Em certa noite o Tasso representava o *Cégo*. Placida suffocada, absorta. E de subito, no silencio religioso da

sala, uma velha debruçou-se nas varandas, de vestido negro, coçado, enrodilhada n'uma mantilha preta. E, banhada em lagrimas, a creatura exclamou, fremendo toda:

— Abençoado seja o pão que aquelle homem ganha!



## AGONIA



## AGONIA

O Paço das Angustias fica situado n'uma altura que domina o Funchal e o Oceano. Lá de cima, parece que o mar de ramagem termina, sem transição, no mar de epopeia. Toda a ilha tóma a forma de um cesto de verdura emergindo da vaga. O espinhaço da serra, esburgado aqui e além, irrompendo em rochas ponteagudas, figura a aza d'aquella immensa corbelha. A perder de vista a ondulosa fronde, crescendo entre rochas de erupção, debruça-se, em tres quartas partes do horisonte, no espelho inquieto das aguas. No horisonte, uma ou outra escuna de Cadiz singra, devagar, para as Canárias, coberta de panuo e de esperança. Quando o vento de léste sópra com mais intensidade, o ramalhar tumultuoso dos jardins agita os perfumes que embalsamam as clareiras dos valles. A olência sóbe até á altura, arrastando o murmúrio monótono e doce d'uma cascata occulta entre a folhagem. Nas noites sociegadas, quando a cidade se envolve em silencio e o homem se encontra face a face com o seu Deus, sob a pocira luminosa do espaço, o aivo plangente da vaga, cobrindo a

falasia de espuma, vêm expirar nas hobreiras solitarias da casa vasia. No fundo de sombra as palmeiras vergam as folhas em cadencia, desenham claridades fugitivas, esbaltadas em pedaços de céu onde espreitam astros palpitantes. O rumor cicia, o perfume desmaia; Deus preside. É um scenario formidavel da Mãe-Natureza, desenrolado entre a escuridão e o silencio, vibrando em soluços mysticríosos. E no tópo, com a apparencia desolada das casas sem vida, o velho palacio, com todas as janellas fechadas, permanece indifferente e mudo.

Ficou, talvez, assim, espectral, desde que por alli passou uma agonia angustiada. Houve um tempo em que, a cada uma d'aquellas janellas, assomou uma cabeça pensativa, interrogando o horisonte n'um grande gesto lento e desprendido. O dêdo de Deus marcára aquella face formosa d'onde irradiava uma profunda doçura, nascida de feições ao mesmo tempo graves, insinuantes, vulgares nas raças finas da Baviéra. Tinha uma certa semilhança com a rainha D. Estephania. No olhar absôrto havia todos os grandes pensamentos da philosophia e toda a ingenuidade atonita de um sér que morre sem conhecer a vida; por vezes eram dois abysmos enormes, sem fundo, transbordando de angustia; eram olhos que, ao espelho, contemplavam o indizivel horror da caveira porque n'aquelle corpo débil se debatia uma forte e amoravel alma de mulher. O andar indeciso e hesitante media a terra a medo. Ao olhar-a, advinhava-se que a morto cogitava junto d'aquella vida. Sérénidade. Resignação. Auréola. Em volta d'ella, mordendo soluços, supplicando Deus mudamente, a mãe

uma outra mulher, nova ainda, vestida de negro, com o olhar sêcco e brilhante de quem devora lagrimas, — encaminha, ampára e consola. Essa foi na vida a que chamaram Imperatriz-duquesa de Bragança. A outra, á que morria, chamavam os homens a princeza Maria Amélia; os corações simples e enternecidos chamavam-lhe uma triste doentinha.

Foi em Caxias que a princeza teve a primeira febre de mau character e que a deixou muito abatida. Mezes depois, no palacio das Janellas Verdes, onde vivia com a mãe, cahiu doente, com outra febre, acompanhada de angina. Era o primeiro aviso d'uma tuberculose que se desenvolveu com violencia depois que a princeza, na volta d'um passeio, ao jardim das Necessidades, se queixou de um resfriamento. Aconselharam-lhe os ares do campo; foi para o Calhariz de Bemfica mas o mal inexoravel alastrava com rapidez n'um corpo fraco, que vergava ao peso do espirito. Foi então que usou do ultimo recurso: a Madeira. Quando chegou ao Funchal ia meia morta; não ignorava o seu estado; havia n'ella a fatalidade das coisas que enrugou, precóccemente, a face do Rei-Soldado, seu pae. O lado solido era Leuchtenberg, com a vivacidade intelligente do avô Eugenio de Beauharnais. Pouco do pae que, de resto, quasi não conhecera; tinha a silenciosa e impassivel alma germanica, dôce, sonhadora e passiva. Como esteve na Haviera mais de metade da sua vida, doze annos, formou-se em sciencias physico-mathematicas, sob a direcção da avó, que lhe deu uma educação de ferro; fallava quasi todas as linguas da Europa. Só no verão de 1850, quando

voltou para Lisboa, orientou a sua attenção para assumptos propriamente portuguezes, guiada por Francisco Freire de Carvalho, que foi seu professor. A sua eclosão de mulher estava terminada: estava prompta para a morte.

Esta princeza havia de figurar bem nos contos de *madame* Desbordes-Valmore. Era uma figura de romance recortada das novéllas de Lynn Linton ou de Léon Bóst. A sua vida foi um exemplo de trabalho ordenado, a sua morte um modelo de piedade christã. Depois de lêr Fichte, ficou á mesma creança e á mesma virgem. Era d'aquellas raras fronte juvenis onde não há uma sombra de pedantismo, que descauçam da escura philosophia d'Erasmo de Rotterdam lendo os commentarios nebulosos de Spallanzani, dedilhando, com recolhimento, as largas e severas paginas de Gluck — e que não perdem nunca a sua fôrma infantil e candida, largando o livro para consultar o *mal-mequér*, seguindo com alegria uma borboleta d'azas sara-pintadas, pousando, aqui e além, em arbustos frageis que vergam sob as résteas de sol. Era das mulheres que resgatam as outras mulheres. Materia delicada e débil que o espirito doirava com imperceptiveis, fugitivos cambiantes d'uma infinita nobreza d'alma. Naquelle corpo de creança, habitava uma alma de Romano. Soube chorar, soube perdoar — e soube morrer.

No paço das Angustias desenrolou-se, então, uma angustia de seis mezes. Foi no esplendor d'agosto que a princeza Maria-Amélia desembarcou. A ilha transbordava de verdura fresca. No jardim, defronte das janellas, das suas janellas, um plátano maravilhoso estava triumphalmente

coberto de folhas. E foi logo um grande dialogo mudo entre a arvore e a moribunda. Na hora crepuscular, tiritando n'aquella atmospherá quente e voluptuosa, envolvida em sonhos que não tem fórma e não tem nome, nascidos no momento em que as Cousas começam o seu magestoso adormecer, a doente descansava da amplidão do Oceano, pousando a vista nas folhas frementes. Setembro cobriu o plátano de tons amarellos; outubro transformou-o n'uma arvore d'ouro. No dia em que a primeira folha se desprende, cahiu mollemente no chão, esvoaçando, a filha voltou-se para a mãe dolorosa e com a sua voz fresca e grave murmurou:

— Parece-me que chegou o principio do meu fim...

Agora as folhas cahiam todos os dias, cada vez mais rapidas, cada vez mais precipitadas. O estalido sêcco e subtil echoava lugubrememente na alma que se preparava para a tenebrosa viagem. Cada folha que se desprendia, era um pouco do seu sangue que, para sempre, gelava. A arvore adormecia — adormeciam as duas, ao mesmo tempo; uma para toda a eternidade. E de tanto contemplar o plátano impassivel, cada vez mais desnudado, ella propria se imaginava arvore tambem, analysando o horror de se sentir morrer a pouco e pouco, suspirando com o mesmo frémito dóce das folhas que cahem. Colloquios mudos, ancidades dolorosas, dois olhos enormes, já cheios de noite, extinguindo-se lentamente, afogados em sombra, observando, contando, agora, os dias da sua existencia pelo numero de folhas que uma haste, mais vigorosa, conservava ainda. No inverno, accidentalmente rude, o plátano

rijo, resistia. As rajadas subitas que traziam a frialdade da Mancha, vergavam milhares de cópas, uma vaga vegetal, envernizada pelos chuveiros, ondulava de tópo a tópo da ilha. Janeiro vestiu a sua capa cinzenta; os crepusculos foram de chumbo. Deslumbramento de despedida; phosphorescencias de prata velha em todos os cantos do horizonte; sombra, mysterio, recolhimento. Lethargia nas cousas eternas, morte nas cousas transitorias. Com o mesmo desprendimento lugubre da folha que se solta, o espirito que partia esvoaçava tambem, toda a vida dos olhos procurava a luz infinita de Além-tumulo, a Causa Final que rége, na mesma imperiosa lei, os astros e as hervas. Seria a luz alva e limpida de Platão? Seria a luz divina do pobre de Galileia? Onde estaria essa verdade suprema? Talvez n'uma symphonia de Beethoven, talvez n'um conceito de Confucio, talvez na propria terra fria, evolutiva e eterna, que transforma a carne em flôres vermelhas e transmuda os musculos em rebentos tumidos de seiva. Mas fevereiro brumoso responderia, leval-a-hia, no seu manto gelado, até debaixo d'aquella vastissima mão de Deus que peza e a-colle e ampára e determina a ordem do Universo, por detraz das suas grandes estrellas. A luz perpetua estava ali, junto d'Elle. E quando fevereiro chegou, todo plátano se recortava nitidamente, no espaço, esguio, sêcco, spectral, sem uma folha, de longos braços trémulos, unidos e supplicantes. Ella era transparente: era tambem uma arvore despojada. Morreu, como morre a chamma d'uma véla, n'um ultimo e subito lampejo. Na quinta madrugada d'esse mez revelador, sentou-se, bruscamente, no seu leito d'agonia:

— Vejo ! — exclamou ella, com a face transfigurada. —  
Vejo !

E cahiu, sobre o travesseiro, como cae um corpo morto, com uma grande e grossa lagrima bailando-lhe ainda nas pestanas geladas. Pobre pequena ! Tinha vinte e um annos !

---



## AS LARANGEIRAS



## AS LARANGEIRAS

Um grande parque arranjado á maneira franceza. Salgueiros debruçados sobre filêtes d'agua, um labyrintho decalcado no famoso de Fontainebleau, áleas ensaibradas, correctas, solitarias, debruadas de plátanos, com largos e pensativos chorões aqui e além, estufas monumentaes, n'um estylo rebuscado, singular. No lago, emoldurado em pinheiros, vógam, com nobreza, cysnes pretos, a ponte pensil é um fio suspenso sobre o cristal. Extensas ruas, profundas, delineadas com sábia perspectiva, capricham, por vezes, em meandros sombrios e recatados; ao lado dos bancos de pedra sussurram fios d'agua. Silencio. Solidão. Verdura. É um parque talhado no estylo do Pequeno Trianon, jogos d'agua, como em Vaux, grande *par-tirre* commun, aos castellos Luiz XIII, uma multidão d'estylos e de épocas, amalgamada na mais vagabunda das phantasias. Ao lado dos jardins classicos, á Le Nôtre, surgem os processos de planta, habituaes nos *cottages* da Alta Escossia, o conciso estylo inglez aborta, bruscamente, n'um pinhal selvagem, as placas á Champnanceaux

terminam, sem motivo, a sua rélva aristocrata e severa, debandando em campos d'amores perfeitos, de goivos, d'envolta com herva da fortuna e musgos nos recantos sombrios e humidos. No pomar, as arvores de fructo estylisam-se, espalmam-se, como no Luxemburgo, com arrebiques de jardinagem seientifica; só as laranjeiras crescem á portugueza, por toda a parte, de fructos enormes, incontaveis, tão espalhadas que se diria que o pomar é a base do jardim. Nas encruzilhadas mais espaçosas, jaulas de grades douradas abrigam o bocêjo desolado de leopardos, tigres, leões, uma fauna colleccionada que bramia de quando, agitando o silencio pautado do do jardim luxuoso; no logar d'honra, um leão cêgo brincava com uma bóla enorme, esbarrando contra os varões da prisão onde o conservavam. E o jardim que se animava, que se transmudava em bosque de mil e uma noites, exhudando luxo, conforto, phantasia cara, que vivia formidavel de surpresas, devorando catadupas d'ouro. — conservava, todavia, a sua apparencia placida, silenciosa e grande; tão placida, tão silenciosa que provocava o sonho a quem passava fóra dos muros e facilmente se supporia ser ali um dos lucos sagrados onde os deuses descansam, na terra, da uniformidade do Olympo.

No palacio, vivia um homem, o mais curioso homem do seu tempo, d'uma actividade prodigiosa, perdulario, artista, *dilletanti*, agindo n'uma febre dissipadora, subsidiando regimens, alimentando revoluções, innovando, inventando, deslumbraudo, endoidecendo d'assombro a Lisboa de 40 com excentricidades que ella julgava inspiradas

por Satanaz, perdendo fortunas, reconquistando-as. Pintor, poeta, empresario, musico, commerciante, industrial, um Frégoli d'actividades, mordendo em todos os fructos, impaciente, ávido de novidade, largando o violoncello em que decifra Handel ou Mozart para correr á barra da Figueira, onde sonha immensos trabalhos d'açoreamento. Enredado nos vidros da Marinha Grande, na fiação a vapor de sedas, correndo ao laboratorio dos productos chimicos da Verdêlha, enfarruscando a *ulster* preciosa nas minas de carvão que explorava, e onde descia, — era o *talon-rouge*, a elegancia romantica de Luiz Philippe, o *beau fatal* á maneira de Vigny, dolente como Fortunio, sceptico como Musset, distincto e leve como Morny, parecendo-se, physicamente, com Walter Scott, com os caracteristicos da geração de 30, amôstra d'outra gente que ha de vir para transformar e revolver a terra. Tem o furor do progresso, anima a formação das mutualidades, que então despontavam, preside companhias de seguros, lança rêdes ferroviárias, institue pescarias, carroiras d'*omnibus*, fabrica louças, artefactos, gaz, vinhos, vive n'um turbilhão de dia — e abre, á noite, os seus salões, engravatado como o duque d'Orleans, cingido n'uma casaca á Dumoustier, em verde negro, com botões d'ouro, palaciano, requintado de fidalguia, *grand-seigneur* até ao sabugo, atirando o seu dinheiro n'um voo largo, com a grandeza descuidada d'um Colonna ou de um Medicis. Atravanca a sua sociedade. É conde, é barão, alcaide, commendador, gran-cruz, inspector geral dos theatros, coronel de cavallaria. Foi tudo no seu tempo, é tudo na sua geração. O rasgão de luz

n'esse manto de sômbra entre as duas revoluções — é elle. É o elo que liga o Portugal antigo ao Portugal moderno. É o traço d'união entre a aurôra romantica da França e a sordidez classica da vida do seu tempo. O seu arrojo é benéfico, magnifica a sua influencia. Foi util como poucos, grande e liberal como raros. Passou, como um bolido, n'uma exuberancia de luz e de força — para ser hoje um nome meio sumido n'uma lapide meio gasta — Joaquim Pedro Quitella do Farrôbo.

Mas este homem foi, sobretudo, um *homme-à-femmes*. Punha ao serviço da sua galanteria a mesma ardençia com que desfazia a confusão dos seus negocios. Todos os saraús das Larangeiras são o fundo, a decoração esplendida da sua sensualidade. A festa mais brilhante era a moldura d'uma paixão sempre viva e vehemente. Pôz o gaz no seu palacio, entre o assombro do mulhierio espavorido, — que lhe dava relações com o diabo. Mandou vir dez candieiros, de Inglaterra, dez preciosidades pesadas a ouro, que a imprensa cantou, dithyrambizou em columnas compactas; eram os primeiros que Lisboa, estarrecida, contemplava. No seu theatro, copiado nos moldes do de Saint-Germain, a branco e lilaz, desvairando de luxo, gorgearam a Boccabadati e o Colletti, as arias, repetidas até á saciedade, da *Muda di Portici* e do *Marino Faliéro*. Foi ali interpretado Mozart antes da Sociedade Philarmonica se lembrar de que elle existia; o rancho das filhas, Maria Joaquina, Maria Magdalena, as outras, cantava, representava, chabrava, dando uma nota inconfundivel d'elegancia e de frescura. Os *bals-de-lêtes* succediam-se, os saíões

iluminavam-se á *giorno*, as ceias absorviam caudões de libras; são os «bailes europeus», como lhes chama um contemporaneo. Alegria, mocidade, belleza, brilho de beldades, fulgor de diamantes, uma *élite* moça, servida por uma centena de lacaios, agindo n'uma suprema alegria de viver, reverenciando, fazendo a sua corte á Rainha, a D. Fernando, á Imperatriz que boamente se misturavam á multidão dos convidados. Garrett léva, constantemente, ás Laranjeiras o esplendor da sua casaca impecavel e até Passos Manuel, rude e contrafeito, esquece, por vezes, a agitação do seu grande sonho politico, na malicia do *Dominó Noir* ou na garotice do *Duque d'Orléans*. Fletcher conta as suas aneddotas, João de Lemos diz os seus primeiros versos: ha, nos saíões, arômas de Lubin, ha, nos jardins, *frou-frous* de saias amarrôladas. Cythéra. Voluptuosidade. Amor. E, n'esta atmosphera sobreaquecida, saturada de goso, tendendo com todas as suas forças para o prazer, para o requinte, os officiaes desembarcados da *Piemonti* sussurram, na sombra dos tritões e dos satyros de pedra, os velhos sonetos de Petrarcha e de Gavazzi; cita-se Piron, lembra-se Crébillon, ha curtos suspiros soh um *docél d'estrellas*, silencias enleados que contrastam com os cantos de luz onde estoiram as rôlhas do *Champagne*. As figuras são quasi de Watteau, são quasi de Mairivauz as conversas e dura dez annos, quinze annos, entre *lambris* de carvalho e ruas de buxo, a vaporosa galanteria dos *Jeux de l'amour et de l'hasard*...

Entre as Graças e as Musas o amphitrião dispende a sua intensa sêde de prazer. Não lhe basta o amor para

elle; quer o amor para os outros. E como os *flirts* se não desdobrassem rapidamente, os casamentos, apesar de numerosos, iam lentos, — foi necessario activar, decidir em magna quantidade as consciencias renitentes. Inventava-se então, uma formidavel machina para comprometter. É o *labyrintho de noivar*. Quintella Mephistopheles manda construir esse celebre labyrintho de ruas de buxo, habitual nos jardins d'então, mas enorme, emaranhado, tortuoso, d'onde se não poderia sahir sem fio d'Ariadne. Na entrada, um alabardeiro grave, perfilado, marcava o começo — mas não havia outro que mostrasse uma saída; e quando um par amoroso, dolente e distraído, ella esfolhando o seu ramo de camélias ou de raynunculos, elle envolvido na sua capa á lord Byron ou no seu albornóz em estaménha d'Argelia — desaparecia nas ruas traidoras que torcicolavam, riam as nayades de marmore, á beira das fontes, riam ás *nymphas* de pedra nos cantos discretos, ria o magistral alabardeiro grave e perfilado... O jardim era cúmplice, ramalhava com furor, abafava os passos hesitantes. E o *labyrintho de noivar* comprometia com mutismo e com decencia.

Mas o pé, o pé feminino, fonte primeira das desgraças do homem, alucinou o bizarro hospedeiro. Davam ali *rendez-vous* os pés de Bérnerette, de Mimi Pinson, de Musette, de todas as heroínas de Murgér. Sobre a meia branca cruzavam-se as fitas do sapato de baile, em setim branco, revoltavam na agitação da valsa, entrevia-se o tornezêlo, entre rendas, a saia curta desmascarava-o. Catalogo. Havia os pés á Malibran, os pés á Cendrillon, á Si-

card, á La Violaine. E, para o triumpho retumbante do pé, fez-se o *pavilhão dos espelhos*, forrado d'alto a baixo com vidros de Venêza, mobilado com *fauteuils* de cristal, onde os pés se multiplicavam ao infinito, no tecto, nas paredes, no chão, compromettendo, irrefragavelmente, uma mulher que lá entrasse. O *pavilhão dos espelhos*, onde pontificava o estranho homem, teve uma fama colossal, foi o paroxismo d'uma volupia incandescente. Foi o apogeu. Em breve Farrôbo irá morrer no seu palacio do Alecrim, com a sua enorme fortuna fragmentada, espalhada aos quatro ventos. E de todo esse mundo ligeiro e vaporoso, que antecede o de Compiègne, ficou apenas um jardim abandonado, decahido — e uma recordação que é como uma réstea de sol n'esse enublado cén, impassivel, eterno, immenso, que vê os homeus nascer, viver e morrer, caminhando para um destino — que ninguem saberá nunca.

---



## O EXERCITO



## O EXERCITO

A influencia de Beresford, e a reunião bastante frequente do exercito portuguez ao britannico, tinham já dado, no primeiro quartel do seculo, ás nossas tropas, uma fôrma essencialmente ingleza. Em 38 o fardamento quasi se parecia, inteiramente, com o do exercito inglez, sobretudo no padrão e na corte; a cor, todavia, permaneceu nacional. Foi a época em que, por quasi toda a Europa, os exercitos regulares, ainda firmados nas ordenações do primeiro Imperio, transitaram lentamente do velho estylo francez, d'abas vermelhas e gólas á Polignac, para a fôrma cossaca d'entre Dón e Dniester, com especialidade na cobertura que se vulgarizou logo na Prussia, adoptando, sem reboço, a *czapska* poláca. O general Schwalbach, barão de Setubal, e o coronel Eschwege, allemão ao serviço do exercito portuguez, fizeram as primeiras modificações sensiveis na organização do conde de Lippe, talharam, á maneira dos exercitos do Hanovre, (que tanto valia dizer inglez) um fardamento proprio que teve o raro mérito de aproveitar o lado pratico do equi-

pamento estrangeiro, conservando, todavia, as características nacionaes, pouco variaveis desde Schomberg e d'Entrecastries.

Em 40 fazia o exercito portuguez um formidavel contraste com o hespanhol, então desorganizado por completo, miseravelmente equipado, votado ao abandono desde a capitulação de Cadiz. Entre nós havia o garbo que a antiga ordenança favorecia; os dragões de Chaves constituíam uma *élite* ciosa da sua elegancia puramente militar; sempre irrequietos, favorecendo, mais de que nenhum outro corpo, todos os pronunciamentos do tempo, tinham a *morgue* insolente, a altivez desdenhosa dos mosqueteiros de Luiz XIII; os lanceiros que forneciam os serviços de guarnição, em Lisboa e Cintra, não lhes cediam o passo, tinham o aprumo dos uhlanos polacos, montados unicamente em cavallos inglezes, de cabeça bem erguida sahindo da alta gola encarnada, envolvidos em innumeraveis galões amarellos, com os *bonets* de um escarlate estridente. Posto que já então os homens de cavallaria não recebessem paga dobrada, como anteriormente, a tradição mantinha-se — e por conseguinte a cásta. Os cuidados mais especialmente dados á cavallaria, favoreciam a differença, de resto innata, entre o cavalleiro e o peão e a remonta, por completo ingleza, custosa e difficil, dava-lhes, dentro da linha, uma aristocracia que os outros invejavam; todavia esses disvelos mingoavam; antes das invasões, as remontas faziam-se com esmerpulooso cuidado nos districtos raianos, na Beira, em Traz-os-Montes e, com muita frequencia, na Andalusia. Fora o

tempo aureo das coudelarias nacionaes; em 1840, a remonta era de quatro mil cavallos, proximoamente — e quasi todos inglezes.

A infantaria — e com especialidade os caçadores — tinha uma larga e justificada fama. Era a mesma de hoje, resistente e soffredora, uma raça d'homens pequenos, bem escolhidos, de membros proporcionados, lembrando, na estatura, os japonizes e tendo, como elles, uma agilidade maravilhosa, uma inconfundivel mobilidade; a barba, então muito commum, dava-lhes um aspecto sombrio e decidido, concordando com a elegancia concisa e sobria do uniforme: fardéas quasi pretas, com gólas e carcellas pretas tambem, cordão e dragonas da mesma côr, barretinas conicas, de couro recosido, espingarlas britannicas curtas e manejaveis, patrôna e bernal ligados ao cinturão. Poucos botões — nenhum tom claro; uma distincção que era um meio termo justamente apropriado entre o *rifle* inglez e o *chasseur* de Vincennes, do duque d'Angoulême. A complicação, sempre crescente, dos trens regimentaes compensava-se pela tendencia a tornar o equipamento simples — e a mobilidade provinha, sobretudo, da ausencia de peso inutil.

Eram excellentes os soldados — eram péssimos os officiaes. Não lhes faltava, contudo, a competencia profissional mas simplesmente a politica absorvia-lhes todos os cuidados. Quasi todos os officiaes em serviço activo pertenciam a um *club* politico ou a um systema de maçonaria e todos, quando o acaso os dividia, eram irreconciliaveis. Eram os officiaes que fabricavam ministerios para logo depois lhe

provocarem a quêda, dirigiam agrupamentos, exerciam as mais desencontradas pressões — e a elles se deve todo o periodo de sublevações militares que vae desde a *Villa-francada* até aos movimentos moribundos da Regeneração. A intriga tomou uma amplitude nunca vista: qualquer, mesmo da mais obscura patente, com serenidade fátua, imaginava, pelo seu raio d'acção, ou proteger os desígnios da corôa ou oppôr-se a elles; e era admiravel vêr-se, aqui e alem, um modesto alferes ou tenente frauzir um sobrolho terrivel quando Costa Cabral restabelece as relações diplomaticas com as potencias do norte, declarando, peremptoriamente, que em tal não consentiria. Como cartistas *propriamente ditos*, cartistas dissidentes e setembristas se degladiavam com forças proximamente eguaes, a lucta tinha todas as apparencias de se eternisar, prejudicando uns e outros, provocando transferencias em massa de regimentos inteiros, reformando e affastando, sem hesitação, um numero avultado de officiaes. Um momento houve em que se pensou em desligar todos os quadros sob o pretexto especioso de serem setembristas na sua quasi totalidade os individuos que os compunham. E ainda em consequencia das revoluções, sempre renascentes, nunca aquietadas, havia, então, tres ou quatro vezes mais officiaes do que o exigia o serviço do exercito, mesmo em tempo de guerra, porque todo o partido que triumphava demittia os que lhe eram reconhecidamente adversos, preenchendo todos os póstos, sobretudo os de subalternos e de capitães, com elementos que lhe fossem sinceramente afeiçoados, afim de poder contar com o exercito nos momentos deci-

sivos. Os officiaes demittidos e tambem quasi todos os de D. Miguel, licenceados depois d'Evoramonte, ou não tendo emigrado ou voltando do exilio em virtude da amnistia, formavam uma classe sempre reclamadora, sempre exigente, prompta a todas as audacias, dando-se a si propria o intolerante nome de *retirados*, manifestando clara antipathia por toda a ordem de cousas permanente. E toda a agitação se exarcebava com a miseria porque o estado magrissimo das finanças não permittia o pagamento de soldo a reformados e *retirados*.

No entanto a unidade estabelecia-se. Comquanto prevaleccesse, accentuadamente, o criterio inglez — para o que não era estranho o coronel Page, especie d'enviado do seu governo, com a missão secreta de seguir, de perto, a questão politica, — o numero de officiaes estrangeiros ao serviço de Portugal era quasi nullo. Tudo quanto a tradição conservára sobre os velhos regimentos do *Royal Emigré*, da infantaria de Castres, de Dillen ou de Mortmart — desapareccêra com as invasões. Apenas o conde de Lippe era lembrado e o proprio Beresford fôra uma vaga administração que passára. Dos mil e quinhentos homens estrangeiros, na sua maioria normandos, com que D. Pedro desembarcára ao norte do Porto, muito poucos existiam, seis annos depois. Com a vinda de D. Fernando e, anteriormente, de D. Augusto, os bávaros mantiveram-se — mas sses mesmo foram desaparecendo lentamente. Integrados ficaram o barão de Setubál, com o commando do Algarve e o barão d'Eschwege, encarregado da edificação do palacio da Pêna.

Se, todavia, os officiaes envolvidos em negocios de politica, não constituíam, entre si, uma unidade e uma cohesão indispensaveis, o soldado conservava uma inteira e cega obediencia áquelles que o tinham levado a todos os feitos de brilho; o duque da Terceira tinha em cada um um devoto, exercia sobre todos uma influencia quasi illimitada. N'um periodo de guerras civis em que o exercito frequentemente interveio, foi, contudo, rara a manifestação expontanea do soldado. Levavam-nos. Um grupo de fardas chegava, ordenava e era obedecido sem hesitação; mas de resto, individualmente, a praça estava já em via de preparação pela actividade dos *clubs* revolucionarios e pelo *meeting* publico que então começava a tomar incremento. Era, como sempre foi, uma excellente materia prima de soldado; soffredor, paciente, humilde — e, em se lhe falando ao coração, capaz, com toda a simplicidade, dos maiores heroismos; pertencia áquella rara especie de homens que faziam o encanto e a satisfação do velho coronel Pégo, d'estes que a um tempo arrastam brutalmente uma espada e podem ainda córrar quando um superior lhes faz qualquer observação com um modo severo. Fazer re-bentar as lagrimas ao soldado, evocar o que a sua intelligencia em bloco melhor póde apetecer, desejar dentro das coisas naturalmente humanas, — era ainda a melhor maneira de o ter na mão. Era o processo que não deixavam nunca de usar os agitadores; por isso o estragaram, sim — mas não lhe deformaram a alma. Depois de ter sido a alavanca da liberdade, foi o joguete dos ambiciosos, mas não se deshourou nunca — nem mesmo nas

luctas fraticidas. Em Almostér e na Asseiceira recrutas d'entre liberaes e miguelistas deixavam calir lagrimas, grossas como punhos, por terem de marchar contra irmãos — e apesar d'isso batiam-se. E velhos veteranos de 34, sessenta annos depois, ronquejavam ainda um soluço na garganta sêcca, borbulhavam um pranto nos olhos áridos ao relembrar os dias de cláro sol em que luctaram pelo seu Portugal pequenino com a simplicidade das almas limpidas e com a bravura das almas grandes. Tinham nobreza, tinham piedade, tinham amor. Eram soldados!



S. CARLOS



## S. CARLOS

A plateia de S. Carlos foi sempre um oceano revolto. Na historia d'este theatro lyrico, mais do que em nenhum outro, surgem, a cada passo, tremendos conflictos, pateadas infernaes, um tumultuar ardente que se escapa pelas portas do theatro, alastra nas mezas dos cafés e rugem nos semanarios de segunda ordem. Duas mulheres formam dois partidos que se degladiam. Houve, em 1827, a guerra dos *Siccardistas* e dos *Pietralistas*; quebrando lanças, com o mesmo furor descabelado, a favor da Siccard e da Pietralia; em 1841 rebentou, com ira, o conflicto dos *Bari-listas* e dos *Boccabadattistas* e foi renovou as furibundas manifestações d'outros tempos, já degeneradas, na polémica entre *Stoltzistas* e *Novélistas*. Entre estes tres grandes conflictos, está toda a historia tempestuosa do theatro de S. Carlos.

O mundo que se diverte teve a mais alta expressão da sua descuidosa elegancia no velho theatro. Todos os elegantes do tempo, todos os leões do romantismo patearam em S. Carlos e amaram em S. Carlos. Era a época em que

todas as mulheres da sala affectavam a intriga espiroituosa de *madame Du Deffand* e todas as mulheres da scena tinham os requintes livres da Camargo ou de Sophia Arnoult. O romantismo, em Portugal, vasou-se um pouco nos môdes d'aquella outra sociedade que viveu nos fins do seculo XVIII, saboreando a philosophia sensual de Condillac entre os arremêços dos encyclopedistas, gravitando em torno do cadûco Richelieu, sem presentir os primeiros estremeções d'uma revolução formidavel. Eram uma exuberancia de vida, uma exuberancia d'alegria, proprias de quem tem um futuro incerto. S. Carlos foi a grande artéria onde a cidade sentiu pulsar o seu irrequieto sangue; nas primeiras, nas noites de conflicto, Lisboa contava-se no velho theatro, reunia na sua maxima força, affirmava, estrepitosamente, muito mais as suas ideias sobre barulho do que as suas ideias sobre arte. Definir a guerra dos *Bocabadattistas* e dos *Barilistas* é defenir a Lisboa leviana de 1840. O palco e a sala tinham afintdades intimas e ambos viviam da mesma vida. Os homens passavam a existencia nos camarins das cantoras, os tenores cantavam para determinados camarotes e a todos os envolvia uma espessa nuvem de pó d'arroz, de onde sahiam gritos confusos, entrecortados, rugindo, uns, pela *Bocabadatti*, ciciando, outros, pela *Barili*. Os pelotões formavam na sala, enfileirados nas cadeiras de palhinha, irreconciliaveis, jogando as ultimas, impacientes pelo fogo. Foi o bello tempo do Fidié, enleado nos seus amores com a *Fabricca*, de Domingos Ardisson, do *Saléma*, um estranho capitão da guarda nacional, que entrava no theatro, de botas altas, rangedouras,

e de espóras lilintantes, esperando a occasião da Barili gorgear, expressamente para a pôr fóra de si — porque era um *boccabadattista* intransigente; foi então que fulguraram, pela sua insubmissão, Luiz Mendes de Vasconcellos, que tinha amores com a famosa Luiza Mathey, a mais extraordinaria *Norma* que Bellini jámais poderia desejar, Lopes de Mendonça, o brilhante folhetinista da regeneração litteraria portugueza, o marquez de Niza, o irreprehensivel *avô dos janotas*, D. José Coutinho de Lencastre, girando já em torno dos cincoenta, mas ainda elegante como Byron e amoroso como Musset. E sobre toda esta gente preparando, em hostes cerradas, as turbulencias mais delirantes, agitava-se um homemsinho baixo e calvo, o capitão Lemos Bettencourt, indifferente a todas as Barilis do mundo porque tivera uma paixão pela Siccard, quinze annos antes, trazendo sempre consigo um sapato da cantora, que mostrava a toda a gente com os mais fogosos transportes de entusiasmo.

Aquella que foi a mãe de Adelina Patti e rival da Malibran, a Barili, era um abril miraculoso; a Boccabadatti um setembro esplendido e doirado. Fariôho, entre homens, pretendia que eram ambos dois magnificos agostos; abril desafinava mas setembro tinha uma voz divina — e decotava-se ás avéssas. O Salema capitaneava os *boccabadattistas*, Freitas Jacome dirigia os *barilistas*, com um luxuoso estado maior onde figuravam, entre muitos, Lucotte, o visconde de S. Luiz e o relojoeiro Plantier. Estes ultimos individuos planeavam os «crimes» que á noite cometiam, no Marráre das Sete Portas — segundo affir-

mava a *Revista Theatral*, órgão dos *boccabadallistas*; mas o *Entreacto*, que era *barilista*, chamava-lhes os únicos homens de gosto «que havia n'este desgraçado paiz.» (Portugal era, já, um paiz desgraçado em 1840!). Á noite, com effeito, as pateadas rebentavam furiosamente, sem pretexto, reforçadas com uma Babel de gritos discordantes, imitações de vozes d'animacs, ladrido espantoso de cães, miar plangente de gatos, sobrelevando a todos um estrepitoso coaxar de rãs de pantano, fornecido, com vivacidade, pela bella garganta de Pimenta Araujo. Em scena, os artistas esperavam, estoicos, e Coletti aproveitava esses momentos de furor — para namorar com descáro, interrogando, com os seus olhos aveludados, os camarotes onde havia susurros abafados, rumores que ciclavam: — *Aquelle Colletti!... Que belleza... que maravilha!...*

A pateada fôra, de facto, elevada ás alturas d'uma religião. Havia profissionaes. Pouco antes, para deitar abaixo o empresario Antonio Porto e substituil-o pelo seu fiador, o Farrôbo, o marquez de Niza e outros «discolos» tinham organizado a mais formidavel de todas. «O grupo do marquez teve artes de metter no theatro a tripulação da fragata *Diana*, préviamente disfarçada em algibebes e adélos e de collocar, em plena plateia, a bigórna do Daniel, ferreiro da rua da Figueira. A meio do espectáculo, rebenta uma patcada infernal, applicada pelas botas d'agua dos marinheiros, malhava-se furiosamente na bigórna e das alturas das torrinhas viam-se apontados, fôra dos peitoris, enormes bancos, enquanto vozes cavernosas, mas convictas, gritavam: — *Guarda abaixo!* — Uma companhia da

guarda municipal, no salão, contemplava em silencio este transe angustioso».

Entretanto Farrôbo fazia prodigios; em dois annos perdeu quarenta contos de réis. Foi o apogeu. A musica allemã, banida de S. Carlos desde 1806, reaparece com *Roberto o Diabo*, de Meyerbeer e o *D. João*, de Mozart. Um gosto d'artista muito arguto e muito' comprehendedor presidia. Vieram as duas Ferlotti, a velha e a pequena. Tamberlick e Frondoni vieram — este ultimo em competencia com Verdi que, felizmente para elle, nunca se decidiu a expatriar-se; Manuel Innocencio Camacho vê brilhantemente cantado o seu *Cérco de Diu*; o corpo de baile deslumbrou uma geração inteira e os bailados mais phantasticos offuscavam pelo luxo prodigo com que eram apresentados. Por entre a barulheira dos irrequietos o velho theatro remogava. O branco e o ouro das antigas paredes reflectiam as innumeraveis luzes do grande lustre d'azeite, que pendia do tecto, de entre o systema planetario, pintado em lona. Os bancos tóscos de madeira, com as costas verdes, que então existiam nos camarotes, foram substituidos lentamente pelas cadeiras de largo espaldar, servindo de fundo aos cabellos negros das lisboetas onde se emaranhavam raymanculos e rosas-chá. A costumada negligencia dos portuguezes, nas salas d'espectaculo, corrigia-se devagar — mas o clamor das ruas pairava muito carregado, no ambiente, para deixar expandir-se qualquer tendencia comedida. Dentro do seu requinte, brigando singularmente com elle e, todavia, completando-o, o velho theatro viu scenas deploraveis. S. Carlos, theatro da corte

— foi uma praça de touros. Enquanto a plateia, bracejando, evocava os *partèrres* delirantes do antigo palacio de Borgonha nos tempos do *Cid* ou da *Astarcleia*, nos camarotes, fileiras de cabeças miudinhas, inclinavam-se, attentas ao rumor de baixo, um ou outro dedo apontado forçava a attenção, as exclamações trocavam-se — e a grande sala decorativa e soturna tomava o aspecto desleixado d'uma assembleia de moços de forcado onde, por anthitesc, as expansivas almas de campinos se recobriam com a casaca irreductivel de Tom Olivier e com a gravata flamejante de lord Sandrick. Ainda em S. Carlos como no Paço, como na rua, como no Parlamento, se encontravam as mesmas características de intolerancia e de insubmissão. A polidez estalava, como um verniz mal posto, no conflicto das paixões e uma brutalidade espessa era, a custo, contida por uma delgada camada de dilletantismo. Nem este publico se podia comparar áquelle outro que fizera, annos antes, as temerosas noites do *Antony*, do *Henrique III* e do *Hernani*; ali — era o facciosismo ao serviço da arte; entre nós era má educação pura e simples. Ha mysteriosas afinidades entre certas noites de S. Carlos e certas manhãs do *Collete Encarnado*. Eram os mesmos homens, com os mesmos gracejos e com os mesmos processos. A velhice, educada nos placidos saraus de D. João VI, não comprehendia aquillo, repudiava, com tédio, tamanha exaltação. O velho juiz Martins Nogueira, que foi depois um dos muitos barões que fez D. Maria II, não ia a S. Carlos desde 1818, desde os remotos tempos de Luiz Chiari. Voltou lá a ouvir a *Muda di Portici* em

39 ou 40. Ouviu zurrar, grunhir, coaxar, ouviu rugidos selvagens, uivos dilacerantes, rôncos estrepitosos — e sahio aniquilado. Ao outro dia encontra um amigo :

— Diga-me lá, barão, que tal foi encontrar S. Carlos ?

O velho homem deixa cahir os braços com desanimo, alça um dêdo com severidade — e resume :

— É uma arca de Noé !

---



## O BOTEQUIM DO GONZAGA



## O BOTEQUIM DO GONZAGA

Foi em torno d'uma cerveja, no fundo dos botequins sombrios de Heidelberg ou de Francfort, que se fizeram os vastos systemas de philosophia, como foi nas tabernas lóbregas de Hampton-Rêd, debruçadas sobre o Tamisa, que os puritanos do coronel Price, entre medidas de hypocrâs, agenciaram o parlamento purificado; Danton, Marat e Robespierre reuniam-se, no inicio da Revolução, n'um restaurante modesto do cemiterio dos Innocentes, onde se distribuiam copinhos de vinho de Scéaux e salchichas do Nivernez, em mezas de marmore fingido. A génese das revoluções encontra-se, quasi sempre, em volta d'uns bancos de café. Entre nós, foi no botequim do Gonzaga que se prepararam os pródromos do movimento da Regeneração.

O botequim do Gonzaga não era o maior nem o melhor de Lisboa — mas era o mais popular. Estava no centro de operações, arrumado no Rocio, proximo do antigo Mattos Moreira, onde hoje é o *Gelo*, e tinha a apparencia incacterística dos *estaminets* Luiz Philippe. Por dentro era funebre. Logo de manhã, ao arejar, quando a porta se

abria, um cheiro a bafio escapava-se, de roldão com pontas de charuto e cascas de laranja envoltas em serradura suja. As mesas de freixo vinham, então, a limpar junto da valêta, e o casarão, desembaraçado, tomava o aspecto d'um corredor soliturno; encaminhado entre dois roda-pés de azulejo, d'altura d'homem, esbotenados pela phantasia destruidora dos clientes. Tres enormes candieiros de petroleo, dependurados, um outro d'azeite, no topo do balcão massiço e negro, entornavam, de noite, uma luz escassa e desbotada, reflectida tristemente nas paredes de escaiola, manchadas, aqui e alem, pelo lapis delirante dos freguezes. Os bancos extensos de palhinha enfileiravam as mesas polidas pelos cotovelos dos ociosos, riscadas pela sarapilheira indolente do moço que as espanejava. Tudo aquillo tinha o ar vetusto e desalentado d'uma ruina. Por detraz do balcão, o Gonzaga ia amontoando, com serenidade descuidada, todo o lixo do estabelecimento, entre guardanapos que nenhuma barrêla desencordia e garrafas vacias de licor de tangerina. Elle proprio, nadando n'um oceano de destroços, tinha — desde que lhe partiram um grande espelho, nos tumultos de 39 — enfeixado toda a grandeza do seu café em duas gravuras enormes, dispostas com symetria onde, n'uma, um cavalleiro couraçado de ferro, montado n'um cavallo magnifico, decepava varios individuos semi-nus, còr de chocolate e com pénnas na cabeça, n'uma paisagem de bananeiras, e na outra, no conforto d'uma grande sala um homem, de *tromblon* e de chapéu de chuva, lia um papel, de mão estendida sobre um livro, perante outros personagens, tambem de *tromblon* e de suíças; a primeira que-

ria representar *Cortéz na batalha de Otumba*, a outra *Luiz Philippe jurando a Carta*.

Estas duas gravuras inoffensivas fizeram a desgraça do Gonzaga.

Era um burguez alemtejano, nêdio, baixo, roliço, vermelho, com olhos redondos de môcho e pernas talhadas como fiambres. Era uma caricatura á ingenuidade, bondoso, facilmente enganavel, aberto para todas as propostas, enternecido para todas as miserias, perdoando dividas, jogando o bilhar com os freguezes, emprestando ás meias-moedas, exuberante e vivo, orador rasgado, falando constantemente em Honra e em Patria, palavras que pronunciava com solemnidade, a proposito de tudo e de nada. Quando lhe explicaram as duas gravuras, a sua intelligência aguda conheceu outros horisantes; na sua ancía de neophyto lançou-se com todo o ardor na furia do proselytismo — e foi político. No seu ramo de negocio era eclectico, quasi indifferente; ideias seguras e firmes — só em politica. Os seus discipulos recolhiam, então, a summa synthese das opiniões do Gonzaga. Gonzaga, deante da gravura da batalha d'Otumba, elucidava com voz grave:

— Eis os funestos resultados da oppressão!

E logo depois, inspirado, erguia o dêdo para o guarda-chuva de Luiz Philippe:

— Estes são os fructos da liberdade humana!

E em seguida explicava.

Gonzaga gongorico, hiper-campanudo e theatral, tornou-se immensamente popular. E como os agitadores sabiam que podiam fazer, no famoso botequim, uma operação

conjuncta de politica e de bolsa -- o nucleo do Gonzaga ficou consagrado. A sua clientella era a mais variada de todas. Na confusão arrebatada das noites de procélla politica, o seu café tinha a apparencia de um oceano encafelado. O Marrare do polimento, o das Sete Portas, mesmo o Casibossi, tinham o seu publico definido. O Gonzaga teve de tudo. Foi, nos tempos da Regeneração, o que tinha sido, cincoenta annos antes, o Nicola, tão frequentado por aquelle moço palido, de compleição fraca e de modos excêntricos, como Beckford chamava a Bocage. De manhã a escumália de Lisboa perpassava, fugitivamente, pelo Gonzaga, uns a devorar o almoço dos pobres, outros contemplando-o de longe, como uma cousa chimerica e inverosimil. Ai pou-saram aquella monstruosidade que alegrou a mocidade doirada do Niza, do Vimioso, do Casusa, com as partidas da Sevêra e as pateadas de S. Carlos, o *Anão dos Assobios*, uma creatura millimetrica, de sobrecasaca de briche e de chapéu alto, felpudo, pobre diformidade constantemente perseguida pela vaia; o barão de Catanea, vaga mistura de Gilles de Rétz, com pedaços de Nicolau Flamme!, Althotas mysterioso, rodeado de pretos, offercendo a panaccia universal, indicando especificos nos jornaes, montado n'uma mula angusta e teimosa, que elle animava com as formidaveis pontoadas do seu guarda-chuva escarlato; o cambista Manuel Luiz, o *Pão quente*, que, do outro lado do Rocio, na esquina do Amparo, vendêra, em tempos, aquelles extraordinarios pãesinhos quentes quo a pobreza da cidade conhecia tão bem; todos os typos que a necessidade acossáva á rua em busca de sustento, contando as refeições por ou-

tros tantos milagres, o *José das Calzinhas*, pobre tonto maniaco, as manas *Acerta-o-Passo*, predecessoras das *Perliquitetes*, que tinham pelo inconcebível chocolate do Gonzaga a mais humilde veneração; o *Escalado*, degenerado repleto de táras, intermediario de proxenetas, o *Francisquinho-dá-cá*, coberto de ulceras, o *Roberto Pim-Pim*, em quem todos malhavam, por méra distracção, como em centeio verde, o *Paizão-fiel-de-feitos* a quem trinta annos de fome não tinham conseguido alterar a alegria nativa, o *Morgado das Cebôlas*, um ente deploravel, roído pela avareze, quasi hemiplegico; de dentuça arreganhada, voz estridente; e estudando as pustulas, commentando e observando a miseria humana, ouvindo o interminavel Gonzaga, bebia a sua cerveja habitual aquelle que foi o mais vigoroso e o mais brilhante dos folhetinistas do seu tempo, o jornalista Lopes de Mendonça...

Pela tarde, o *facies* do botequim alterava-se. Uma outra miseria entrava, mysteriosamente, no antro do Gonzaga, embuçada nos superiores interesses da nação, observando com methodo as disposições politicas do botequinciro para regular, por ellas, a intensidade da sua colera. Era a hora dos conspiradores de *madame Angot*. A miudo, um homem de *mac-furlane* cossado, voz lugubre, olho cavo, assomava, lançando em derredor o olhar suspeito:

— Gonzaga, um gró!

El logo o Gonzaga redemoinhava, apressava o moço:

— Gibataulho, um gró! Um gró para o sr. Silva. E forte hein! O sr. Silva é dos bons!

E elle proprio, titubeando sobre os fiambres, de face orgulhosa e incendiada, levava o gró, por entre as mezas, a trautear:

E cia ávante  
Portuguezes!

—Magnifico!—redarguia o homem do *mac-farlanc*, mastigando a casca de limão. — Está a chegar a hora dos verdadeiros patriotas. A Patria reclama-nos! Gonzaga, outro gró.

Pela noite adeante outros *mac-farlans* iam chegando e os grós succediam-se, abundantes como os lumes do ceu. A aguardente transmudava o coehichar lugubre do concilio n'uma gritaria de posséssos. O botequim era, n'esses momentos, tão agitado, tão tumultuoso como uma reunião do club dos Jacobinos em noites de peroração de Gouthon ou de Robespierre. Gonzaga esquecia a sua qualidade de proprietario; abancava e rugia—sempre nédio e roliço. Gibatanho, o moço, entornava, então, os licores pelas guêlas insaciaveis, sem fundo como o tonel das Danaides. A confusão crescia, por entre o fumo as ameaças vinham morrer na chamma amarellada dos candieiros, junto dos trucidados exangues de Fernão Cortéz. Havia urros, havia silvos. Era a orgia politica em toda a sua amplitude. No canto dos parceiros do dominó a embriaguez da palavra alastrava, as pedras placidas voavam com trajetorias de projectil. Era o paroxysmo, uma tempestade de vozes desencadeadas:—*Basta!*—*A elles, pois!*—*Vamos!*—*Gloria!*—*A Patria d'Albuquerque!*—*Arranco-lhe a vida!*—*Constituição!*—*Quero beber-lhe o sangue!*—*Patria livre!*—E, n'uma acal-

mia, entre duas rajadas, o botequineiro Gonzaga, com a apparencia desconcertada de Silêno, com a alma forte de Camillo Desmoulins, berrava, exasperado:

— Eis os funestos resultados da oppressão! — Mas, filhos, eu tenho de fechar a porta!

A grita continuava no passeio. Gonzaga levava a freguezia até á valeta. Depois entrava, de novo, solitario, no seu campo de Pharsalia, cogitando na marcha que a revolução havia feito pela palavra quente dos seus consumidores. No enlévo arrebatado do seu ideal politico, Gonzaga desejava ser guerreiro, ter a espada de Marceau, porque sentia em si a pura integridade de Pichegru. E só voltava á realidade das coisas com o riso diabolico de Gibatanho, Gibatanho Lucifer, Mephistopheles, que levantava os braços ao ceu e, sobre os destróços da peleja, gritava com voz de stentor:

— Ninguém pagou!

---



## OS JORNAES DE LISBOA



## OS JORNAES DE LISBOA

Desde o *Espectator*, d'Addison, os jornaes mudaram muito. O nobre e conciso papel foi, nos tempos do rei Guilherme, uma especie d'almanack muito breve, muito sóbrio, tendo sempre uma conversa espirituosa e um conceito judicioso. Depois, em França, em todo o seculo XVIII, atravez d'escandalos e de intrigas, os jornaes foram lentamente preparando os réptos inflammados do *Père Dufrené* e do *Ami du Peuple*. Em seguida á Revolução, não houve censura que os segurasse. E entre nós, multiplicando-se com teimosia e sem cansaço, espalharam-se, profusamente, por um paiz—que não sabia lêr. Em todos os cantos, grupos de individuos com o papel e tinta, tres caixotins e uma imprensa, preparavam-se para *descascar meia duzia de mariolas*. Era o que, então, se chamava fundar um jornal. ✕ ↴

A preocupação da maior parte d'estes jornaes era a politica. A maioria das facções que se entrechocavam tinham o seu representante na imprensa, ás vezes mesmo mais do que um. Toda esta gente, n'uma sala de redacção,

perdia logo a sua pacifica indifferença, progredia d'excesso em excesso, accumulava o insulto sobre a injuria, n'uma escala tão colossal, tão formidavel, que a propria exaggeração obstava a que se produzisse o effeito desejado. Os jornaes conselheiracs, como os jornaes bohemios, n'um dado momento, arremessavam o seu farrapo ou a sua luva — e vociferavam sem pudor e sem grammática. Posto que, por volta de 1840, houvesse em todo o paiz perto de trinta e seis, proporcionalmente quatro vezes mais do que em Hespanha, tinham, todos, os seus leitores convictos, irreconciliaveis, que provocavam questões ao milheiro, com antagonistas, nas mesas dos cafés e nas plateias dos theatros, rasgando os papeis adversos n'um delirio de intolerancia e de má educação. Era nas bancas de trabalho que se preparavam ministerios e se exaltavam competencias duvidosas. A *clique*, que os francezes conheceram, muito depois, em toda a sua amplitude, com as cabálas desordenadas de Gambetta e do duque de Broglie, installou-se em Portugal, muito cedo, em volta de um tiuteiro, e n'uma noite se constituíam estadistas incomparaveis ou se afogava n'um mar de lama qualquer incapacidade transviada. Comprava-se um homem publicamente: — *Manuel Maria de Freitas Semêdo* requereu para ser nomeado recebedor de cancelho em Barcellos. É preciso, porém, que Freitas Semêdo combata pelo nosso triumpho e nos faça ganhar as eleições em Villar-do-rei. (*O Expositor*, *passim*). Incita-se ao crime: — ...esse miseravel (um nome obscuro), que bem merecia uma bala na testa, prefere, ás cores da Terceira, o azul e o encarnado da antiga ordem de coisas... (*O*

*Chega-a-Todos*, semanario, *passim*). Aponta-se a vindicta popular: — Por traição e deslealdade aos seus amigos políticos, por affronta ao collegio eleitoral da Extremadura, por coadjuvação e serviços ao mais danoso de todos os governos, é exposto ao desprezo publico João Antonio Rodrigues de Miranda, juiz de direito de Thomar. (*A Revolução de Setembro*, *passim*). A imprensa politica era isto.

↓ X Ao lado dos polémistas que queriam enfiar a nação, existiam, com a mesma abundancia, os criticos que pretendiam reger a arte, os propagandistas que desejavam divulgar, os mais simples, que commentavam a vida e riam d'ella. Nunca, como então, os jornaes que se occupavam de coisas de theatro, pulularam. Eram quasi todos de vida curta mas dura, renascendo, como a Phoenix, das proprias cinzas, com uma tiragem inverosimil e uma duração ephemera; o *Desenjoativo theatral*, recreativo e moral, como elle proprio se intitula, o *Entreacto*, a *Sentinella do Palco*, impresso em quatro paginas, cada numero de côr differente, (o primeiro, excessivamente verrinoso, era em papel côr de rosa, suave) tiveram uma áura mais dilatada porque exploravam o escandalo com apêgo e os dois ultimos porque foram os órgãos officiaes dos *Bocabadattistas* e dos *Barilistas*, que, então, se degladiavam em S. Carlos. Havia os que se contorciam em esgâres, para provocar a attenção do publico, o *Xocálho*, satyrico, cynico, epicurista, o *Anómalo*, litterario e somnifero, o *Asuiberodezasnador*, sobre tachygraphia, raro, inverosimil e estupendo. Por todos os cantos, a sacudir o torpôr molle dos lisboe-

tas, que imaginavam o mundo á semilhança do Passeio Publico, surgiram os de viagens, contando a péscia da baleia, a caça ao leão, o engenho dos castôres e a laboriosa pachorra dos groûs, emparvoecendo as quarentonas da travessa dos Remolâres, suggerindo pavores ineditos á miuçalha que ouvia, ao serão, a leitura d'aquellas maravilhas, o *Recreio*, o *Muséu Pittoresco*, a *Bibliotheca Familiar e Recreativa*, o *Jornal de Viagens* e tantos outros... X

A temperar o terror d'estas excursões longinquoas e desconfortaveis, rindo e mostrando os dentes agudos, appareceram os similares do velho *Punch*, do *Te voilà, toi?* cultivando a pilhéria, abrindo muito a bocca e dando formidaveis dentadas, o *Supplemento burlesco do Patriota*, de Martins da Silva, um elegante com a mania do *bric-à-brac*, ajudado por um caricaturista triste, doentio, tuberculoso, a quem chamavam o *Pinta-mônos*, o *Ramalhete*, do jornalista Francisco Xavier Pereira da Silva, o *Xavier dos Touros*, e sobrelevando todos, o *Periodico dos Pobres*, do Porto, que era sempre recchido, em Lisboa, com alvôrego, porque lá escrevia aquella excellente creatura, immensamente popular, que se chamou o jornalista José de Sousa Bandeira, muito mais conhecido pelo *sobriquet* pittoresco de *Bráz-Tizana*. [O publico simples que se deleitava n'estas leituras, guardava, todavia, o melhor da sua attenção para a mais seria e mais conspícua das revistas do seu tempo, o *Panorama*, onde escreviam as melhores intelligencias do tempo e onde appareceram, pela primeira vez, muitas das formidaveis recomposições historicas que são, na sua maior parte, os romances e novéllas de Ale-

xandre Herculano: este *Panorama*, feito com gravidade serena e cultura magnifica, ficou constituindo um excellento repositório de informações e de dados sobre coisas da nossa terra portugueza. Como, porém, os factos elegantos da vida precisavam, igualmente, o seu anotador confortavel e que dêsse a nota d'arte e o diapásão do que fosse de bom gosto exprimir e sentir, funda-se a revista que apparece negligentemente aberta sobre as mesas douradas de todos os salões de Lisboa e que era, realmente, a voz de que se servia a aristocracia para communicar e sensibilisar, *L'Abeille*, um periodico famosamente pedante, que publicou o seu primeiro numero em francez, de principio semanal, depois quinzenal para obedecer a uma determinada lei de imprensa, vivendo do favor e do ampáro de um grupo reduzido de marechâlas. E para que a móda não fosse esquecida e sempre se debatessem os graves problemas do toucado e do vestido onde quer que houvesse meia duzia de mulheres, appareceram tambem, com profusão, os jornaes especiaes que revelaram áquelle *perpetuus infans* os mysterios do penteado á Sévigné, a flexibilidade da *Royale-Brésilienne*, a graça das cambraijas amarranhadas em prégas sabias, cabindo mollemente, entre rendas e flôres, velando com galanteria a argilla ideal de Baudelaire... ✕

A época, abundante em jornaes, foi, comtudo, avára de jornalistas. Um ou outro espirito vigoroso remexia, com tenacidade, no caldeirão da politica e de lá tirava, de quando em quando, uma catilinaria assustadora, inverossimil e desarticulada; ao tempo traduzia-se Carrél e Sal-

vandy, (porque Rochefort ainda não surgira) com muito pouca habilidade e incomparavelmente menos talento. Os jornalistas brilhavam na opposição, que era o clamor mais facil e que melhor podia desenvolver a rajada campanuda, patriotáca e irritante — de que tanto se abusou; uma vez no governo, emmudeciam lamentavelmente. O trabalhador culto, methodico, cheio de espirito e de vivacidade, abastendo os seus linguados com galhardia, pensando constantemente no publico, contorcendo a pobre cabeça para attrahir e fixar a vagabunda attenção dos leitores, — era raro. Só o jornalista Lopes de Mendonça teve essa maravilhosa organização d'artista; a *Revolução de Setembro* ficou esmaltada do seu talento e é, hoje, mais conhecida pela scintillação dos seus folhetins das segundas-feiras, do que pela babugem fétida com que enlambusou as melhores e mais nobres energias do seu tempo. O jornal era a transição; nunca o modo de vida. Era-se jornalista como se era cavador. *Vamos a isto!* Em ambos havia o mesmo gesto de arregaçar as mangas, agarrar, com decisão, na enxada ou na penna. A excellente, a mais pura faculdade do homem — o pensamento — apenas servia para desancar, arrazar, deitar abaixo, varrer desapiadadamente, deixando aridez e nada, porque, sendo imperiosa a neccesidade de reconstrução — ninguém sabia reconstruir. Quanto odio desenvolveram e accordaram os jornaes de ha oitenta annos! A imprensa usava mal as suas novas liberdades, esquecêra o sangue que ellas tinham custado. Por isso entileirou logo entre as mentiras convencionaes, foi a grande Mentira, apenas saboreada pelos que se deleitavam

com ella. A sua grande lépra foi a sua propria levianidade. O animo leve e irreflectido com que tratou tudo e todos, matou-a nos espiritos ponderados. — Foi uma arma; nunca um meio.

Certo grupo de birbantes preparava e planeava uma immensa maroteira; discutia-se a fórma de a fazer vingar, punham-se, successivamente, de lado os alvitres apresentados até que um, mais arguto, lembrou, com a approvação estrepitosa dos outros:

— Se nós fundassemos um jornal?...

---



A SEVÉRA



## A SEVÉRA

Na hora em que a noite desce, o Bairro-Alto povoava-se. Em cada porta assomava um vulto de saia de chita, meias azues, chinéllas de polimento e vasto lenço de ramagens, na cabeça, trocando ápartes nas vieilas lôbrêgas, descompondo com alacridade os transviados distrahidos. Entre as cousas habituaes, aquella permaneceu imutavel: a baixa cortezá da nossa época não differe da sua congénere de ha oitenta annos nem na forma d'acolhimento, nem no seu modo de ser, -- nem mesmo no trajo vulgar. Sômente o seu convívio era mais procurado na Lisboa adormecida da rainha D. Maria II por motivos que o progresso e os caminhos de ferro removeram, depois, para um gráu mais elevado de Venus mercenarias. Hoje o prostíbulo popular tem uma clientélla propria e caracteristica; não era assim n'outros tempos. A *jeunesse dorée* do romantismo não desdenhava, procurava mesmo, entre o tumulto dos holieiros de S. Paulo e dos faias d'Alfama (com quem adregava ás vezes) a patusca da nocturna, quer nas tabernas dos altos da Graça, quer nas hortas suburbanas de que a cidade foi sempre povoada. Foi essa juventude

que, por reflexo, deu brilho e notoriedade a creaturas que se não distinguiam pela originalidade dos seus prazeres e ainda menos pelo excesso dos seus escandalos. A propria *Sevéra* seria hoje menos conhecida se esse estoira-vergas delirante que se chamou o conde de *Vimioso*, para a elevar, não tivesse descido até ella e, sobretudo, se não tivesse sido ressuscitada com excellento mestria no romance popularrissimo de um dos nossos escriptores contemporaneos, que a fez reviver, na alma popular, com a mesma intensidade com que *Cinq-Mars*, quasi um seculo antes, renasceu da penna inconfundivel de *Alfréd de Vigny*.

A *Sevéra*, com effeito, distinguio-se immenso pela paixão que o *Vimioso* teve por ella. Nem sequer era bella. Tinha feito parte d'uma horda de ciganos que bivacaram durante muito tempo na *Carreira dos Cavalos*, esfarelando negocios vãos. Havia n'ella alguma coisa de nómada insubmissa, de bohemia fatalista, lembrando, de léve, a *Carmen*, de *Mérimee*, a *Borgunda*, de *Saint-Réal*. Era d'altura regular, magra, nervosa, excessivamente morena, d'olhos negros, rasgados e petulantes, ademanos altivos, possuindo o mais completo, o mais formidavel dos vocabularios regateiraes, insolentissima e desbragada. Na ira os olhos incendiavam-se-lhe, tinha um modo de pôr as mãos na cinta que esfriava os mais ousados — e nunca nenhum carrejão, tocado pelo vinho, apontou para ella a lamina aguda d'uma navalha, que não fosse surrado, desarmado e vilipendiado, quasi louco pela gritaria que acompanhava sempre o minimo dos seus gestos. Batia o fado com a verdadeira e mais flagrante expressão da alma popular, dengosa e ar-

rojada, mortíça ou provocante, de gesto lascivo, d'olhos limpidos, correndo todos os cambiantes da voluptuosidade, forçando o mais indifferente a escutal-a e a aplaudil-a. Mas estes talentos eram, todavia, communs na sua classe. Tinha um fundo naturalmente ironico e trocista, crivava de chistes tudo e todos, não poupando até as proprias collegas que não tinham, para a sua loquacidade, uma só palavra de desforra, colhidas no assombro d'aquelle fluxo interminavel e devorador. Para ella não houve nunca nem passado nem futuro; nenhuma incerteza, nenhum receio. O presente absorvia-a. Pertencia bem áquella classe de creaturas que terminam, bruscamente, a existencia n'uma scena de sangue ou n'um catre d'hospital. Era uma cigarra.

A paixão doentia e inconfessavel do Vimioso não a transformou. Procurava-o, decerto, mordida deante d'elle por uma secreta fraqueza, dominada a ponto de o acompanhar por toda a parte, cantando a seu lado as mais tristes canções da sandade portuguesa. Mas o amor não lhe refez uma virgindade. O que havia de degenerado e de pouco são no feitiço do conde gangrenou-a ainda mais. A vida de ambos, quasi commum em certa época, era uma continua rajada de discussões, e de prazeres grosseiros, madrugadas barulhentas no *Colete encarnado*, batidas destrambelhadas pelos arrabaldes, arrebrandando piléas, itinerarios vagabundos pelo Bairro-Alto, com repiques de violas e de guitarras, provando o vinho em todas as adegas, occupação muito a gosto dos dois — e a que os frequentadores chamavam *depenhar a perua*. Nas espéras de toiros, o Vimioso e a Sevêra eram infalliveis. Era o

tempo do fidalgo toureiro; aquelle prazer nitidamente portuguez quadrava bem no acampar perpetuo que foi a vida dos dois, acordava-lhes adormecidos sentimentos, atavismos confusos, no ar fresco da manhã, quando a longa fila dos animaes levantava, pela estrada, uma nuvem de poeira manchada aqui e ali pelos jalecos vermellos dos campinos. Então a Sévera refulgia, batia as mãos n'um entusiasmo crescente, fallava, cantava, dispendia-se n'uma exuberancia de vida, papagueando inverosímeis discursos, esmaltados pelas expressões mais pittorescas — e mais energicas. O Vimioso não arredava pé, grulhava tambem e no regresso, por muitos dias ainda, o fugitivo espectáculo da madrugada fazia a base de interminaveis conversas, na propria casa da Sévera, ao Campo de Sant' Anna, onde o conde se instalára quasi por completo e a tal ponto que era frequente irem-n'o ali procurar por motivo de negocios.

Mas a Sévera, com a descuidosa indifferença das creaturas do seu officio, enfastiava-se, por vezes, terrivelmente, do Vimioso. Fugia-lhe então, com requinte, com precauções maduramente tomadas e sempre pueris, gargalhando já com a ideia da partida que ia pregar. Sumia-se em antros infectos da Mouraria, nas casas das amigas, nas tabernas de Alfama ou nas estalagens imundas do Outeirinho da Amendoeira. O conde procurava-a sem descanso, inquieto, afficto, vendo constantemente suicidios nas decisões onde havia apenas o irreprimivel instincto d'um sangue nómada e irrequieto. E como ella não podia passar desapercchida em qualquer parte onde chegasse, galhando

e descompondo onde quer que encontrasse dois mariolões, de viola, sentados deante d'um copo de vinho,—havia sempre amigos que elucidavam o Vimioso em pesquisa e lhe indicavam uma ou outra taberna da rua da Rosa, onde a foragida comia pastelinhos de bacalhau, gorgendo canções de Montedôr, batendo o fandango alemtejano com grande convicção, já de todo esquecida da sua fuga e da sua partida. Elle ia, então, buscal-a, fechava-a cuidadosamente á chave, para que ella lhe fugisse de novo, em evasões cheias de detalhes picaros; d'uma vez sahiu pela janella, com o auxilio de um lençol, atirando-se para cima das trouxas d'uma carroça de lavadeiras, que passava na ocasião; e n'uma outra, depois de movimentada contenda, refugiou-se n'uma taberna do largo dos Inglezinhos, d'onde amotinou o Bairro-Alto, simulando ataques de nervos e crises d'epilepsia.

A Lisboa hypocritamente pudica tinha, porém, uma secreta sympathia por esta abjecção do conde de Vimioso. Estava nos costumes do tempo. Ou se amava em S. Carlos ou no bordél; de preferencia no bordél. Estes amores pela corteza baixa representavam apenas uma das muitas facetas da mocidade estouvada e elegante; eram coisas tão simples, tão banaes e tão geralmente acceitas como uma espera de toiros ou uma patcada em S. Carlos. Se o Vimioso e a Sévêra fizeram época no seu tempo, não foi por serem casos unicos, mas, simplesmente, porque elle era o typo d'essa raça de fidalgos lavradôres e cavalleiros, de que já vão desaparecendo os ultimos réstos, e ella porque resumia em si propria a rameira popular, com todos os vicios

e todas as originalidades, um extracto concentrado de toda a inquieta agitação das viélas da cidade. Eram dois typos-modélos que um grupo de *dandys* copiava com furor e um nucleo de ineretrizes invejava secretamente. Sômente, havia n'essas duas creaturas a immarcessivel belleza das cousas verdadeiras; aquellas duas almas que não podiam nunca ter-se comprehendido, eram, todavia, semillhantes, n'ellas se condensou todo o espirito portuguez, aventureiro, leviano, imprevidente e sentimental. A litteratura tem-nos dado uma resenlia de todos os amores; deu-nos o amor transcendente, com Romeu e Julietta, deu-nos o amor casto com Paulo e Virginia, mostrou-nos o amor mystico no amor de Santo Antonino pela Virgem, offereceu-nos, mesmo, nas paginas immortaes de *La Terre*, o amor natural, fecundante e creador que une um ao outro, no mesmo seio brutal, um macho e uma femca. No dia em que nos quizer dar o amor animal alumiado pela luz do entendimento, confuso mixto de razão e de instincto, obscura tentativa do espirito sempre dominada pela rudeza grosseira da materia, dar-nos-ha, n'um grande quadro de vicio, esse mysterioso e insatisfeito anccio dos homens e porá de pé, vividas e palpaveis, as figuras do Vimioso e da Sévéra. Dentro d'elles não houve, talvez, abjecção, — porque havia formosura. Outro tanto não succedeu aos que imitaram; dos émulos do Vimioso nem quasi nos lembramos hoje e das collegas da Sévéra, apenas dispostam, aqui e além, referencias vagas á *Scarnichiu* e á *Joaguina dos cordões*, porque ella as abominava cordealmente e lhes fazia versos; apenas tiveram reflexos. Por isso, quando a

Sevéra desapareceu houve, um rumor de sympathica pena; desaparecia, com effeito, alma de todo um mundo. E o lance soube-se depois d'uma ausencia do Vimioso que surgia um dia, d'olhos marejados, devorado d'immensa mágua, com tanto impudor que nem já era impudor, a contar a derradeira partida. A Sévéra, com vinte e seis annos, em todo o vigor da sua mocidade, tivéra um appetite, um appetite fatal. E elle, Vimioso, fôra culpado; accêdera e collaborára; tinham-se sentado ambos deante d'uma immensa travessa de berrachos assados, haviam bebido innumeraveis quartilhos de vinho. Depois, existia uma lacuna nas recordações do Vimioso. E só se lembrava de que, subitamente, encontrára a Sévéra desfallecida e sem accordo e que ao vê-la melhor reparára que se áchava morta — morta por uma congestão.

---



## O PASSEIO PUBLICO



## O PASSEIO PUBLICO

O Passeio Público teve tres periodos brillhantes. O marquez de Pombal mandou-o fazer, logo depois do terramoto, n'um sitio lugubre, frequentado por ladrões, na Horta da Côra, ao tornejear o Palacio Cadaval. Foi obra do architecto Reynaldo Manuel, em 1764. Tinha o aspecto d'uma quinta fradesca e fidalga, rodeado de muros altos e espessos, onde, de quando em quando, se abria uma janella gradeada, com poyaes de pedra, interiores. Servia-lhe de entrada uma cancella verde, musgosa e sempre pôdre, para além da qual ramalhavam, com gravidade, os enormes freixos e os carvalhos frondosos que Ratton transplantára da Barroca d'Alva, proximo de Alcochête, onde instalára uma fabrica. Tinha banquetas de boxo tosquiado, um velho relógio de sol, meio gasto pelo tempo, junto da praça do Verde, bancos de pedra nas curvas das âleas, todo o aspecto do jardim portuguez do seculo XVIII. muito policiado, muito aristocrata, inaccessivel aos homens de capote e aos maltrapilhos inapresentaveis, que uma lei rigorosa não deixava lá entrar. Era o jardim do tempo do Senhor Intendente Pina Manique — e foi este o seu primeiro

periodo. Mais tarde, no anno em que foram extintas as ordens religiosas e abolidos os frades, tratou-se de o modificar. (1834) Deitaram-se os muros abaixo e substituíram-nos por um gradeamento de ferro, interrompido, de quando em quando, por grossas pilastras de pedra, mais civilisadas e menos pittorescas; o jardim perdeu o seu recolhimento delicioso. A cancella verde foi, tambem, arrancada, transformada em dois portões de ferro e todo o largo que, antecedentemente, estava desaproveitado, ficou fazendo parte d'elle, tornando-o mais comprido. Uma vereação delirante construiu, na entrada, um grande tanque que, de combinação com Malachias, um architecto selvagem, ornamentou com varios fritórios e sereias de pedra, trazidas do antigo jardim do Paço dos Estaós. Como deitou abaixo, raivosamente, os velhos freixos de Raton, sem ouvir, sequer, os protestos de Herculano, no *Panorama*, teve de plantar uma fileira d'arvores miudinhas, abriu, com o espaço adquirido uma larga rua central, poz-lhe, no tôpo, outro tanque, com mais sereias, mais náyades de cantaria — e uma complicação d'escadas que davam accesso á praça da Alegria de Baixo. Depois d'isto a camara, arquejante, descançou. Foi o segundo periodo do jardim, o periodo romantico. Só mais tarde, depois da Regeneração, com o neo-romantismo e o gás, teve, finalmente, o Passeio Publico a sua terceira e ultima época d'explendor.

O Passeio Publico não brilhou, talvez, na sua segunda transformação como, mais tarde, na terceira, mas no periodo romantico a sua existencia foi soberbamente lamar-tiniana. Quando Lisboa sahia da sua vida rotineira e avas-

salada, precipitava-se no Passeio. Ali matava a sua saudade de verde, o seu vago anseio para as coisas espirituaes d'este valle de lagrimas. Já então, aos domingos, a familia lisboeta, compacta e interminavel, apparelhava o seu maximo luxo, tirava das arcas o *taffetás* e o chapéu de pello de seda, para ir arcojar, espairecer debaixo de um renque d'arvores rachiticas, entre duas praças immundas. A cidade não tinha, em torno de si, uma floresta, como Berlim, não era, como Londres, uma aglomeração de fachadas esmaltada de parques, manchando com nódos de verdura as cantarias cinzentas e tristes. As bellas quintas eram vedadas, o jardim publico uma neecessidade que todos sentiam e que nenhuma vereação realisava. Movidos pelo mesmo desejo e pelo mesmo instincto, os lisboetas procuravam *sub tegmine fagi*, a parte deleitosa da sua vida obscura e assoberbada. Mais pelo impulso do que pela móda, a sociabilidade desenvolveu-se, prosperou. Sob as frondes acanhadas esbúcam-se relações, conglobam-se familias. O vendedor ambulante, tolerado no Passeio, vendia já, em 40, o *barquilléro* das cidades da Galliza, o *pain-d'épice* das feiras de Courbevoie ou de Puteaux; nas tardes quentes de domingo o *capilé*, esse xarope tão acentuadamente lisboeta, fazia devastações sem fim; Lisboa consumiu enórmes porções de *capilé*. O publico mesclou-se. Para seguir as carinhas miudas que desciam dos casarões da Baixa, de grandes olheiras negras e de vastas saias côr de rosa, despovoavam-se os esquinas do Rocio e da Betesga. E havia sempre, pelos cantos mais copados, um elegante a namorar de *estafermo*, á antiga maneira

portugueza, perseguindo, com ar dengoso, qualquer beldade assustada que escondia o fulgôr dos olhos pretos debaixo das sedas d'uma capôta á Marie Capnelle. Nas tardes d'elegancia o velho Passeio tinha apparencias de salão onde tambem houvesse arvores e as *toilettes* tomavam a fôrma de complicados e graves vestidos de baile. O sol, indiscreto, espreitava, d'entre os carvalhos, caprichava nos *pince-nêz* reluzentes, nos léques de metal ou de prata esmaltada, marchetados de xarão, de madrepêrola, de marfim arrendado ou pathetado d'oiro, brincava nas ventarôlas de pênna branca, nos ramos de camelias, de raynunculos, de rosas de musgo ou de rosas do Japão, reflectindo-se, indeciso, nas gargantilhas de perolas falsas, nos cordões á duqueza d'Uzés e nos altos pentes de tartaruga loíra. Nas áleas ensaibradas, onde até as folhas cahiam com elegancia e galanteria, perpassavam, com a leveza de sylphos da Escandinavia cabriolando n'um raio de luar, as formosissimas Elviras que ennegreciam de doido ciúme o coração dos Antony's. As bottinas de polimento quasi não pousavam na terra, arrastando em passos ondulosos as mulheres vestidas com o *grôs-de-Naples* côr de castanha, então muito em móda, resguardadas pelas capas de flanela estampada, côr d'opala ou côr de cinza, forradas a seda verde para que a mão, enluvada n'um tom de pão torrado, com sabia applicação produzisse, na linha, cambiantes bem definidos, cortantes e nítidos. Para as verduras do Passeio se fizeram os penteados á Fatima, os pentealos á *polka*, á Isabel, á ingleza, sustentando os vastos chapéus de plumas que Gainsborough tanto affei-

goava nas suas damas escocezas e que a moda d'hoje resuscitou com o nome de chapéus á mosqueteira. Na doce Lisboa, sob as claridades tépidas que desciam dos plátanos rumorjantes, cahindo, moribundas, sobre as banqueiras de luto, entre a praça da Alegria de Baixo e o largo do Camões, accenderam-se paixões tumultuosas que terminavam, ás vezes, na floresta de Cintra, junto de um salgueiro triste, debruçado sobre uma poça de sangue. Houve Werther's sinceros, houve Carlotas garrulas, mancebos d'olhos marejados, que acabavam de se pentear no Andrillat, no Jacques Plane, no Julien, caminhando pausadamente, sem que fizessem uma préga ás calças de casimira preta, *meia-cossaca* ou de lemistre, justas do joelho para baixo e formando meia pála sobre o sapato de verniz.

E os apaixonados moviam, com lentidão, a cabeça, presa na alta gravata ou no lenço de setim, agitando os *cabo-chons* d'agata e de cornalina vermelha, seguindo, com interesse palpitante, o fallar complicado dos lenços arrendados que adejavam, febrilmente, nas mãos femininas — e que se chamavam *das quatro partes do dia*. Quando o sol descia para lá dos telhados do marquez da Fóz, as flanelas aconchegavam-se mais e nas sobrecasacas d'inverno, em verde-bronze, verde-florentino, verde escuro ou preto *invisivel*, tomavam uma apparencia mais confortavel e mais appetecida, as guarnições de pelles, escuras, pesadas e luxuosas, de onde surgiam amplas cabelleiras á *san-simoniense* e as barbichas petulantes e grotescas que já o Mercurio, de 38, chamava *barbichas de bóde e peras imitando os pinceis de pápo de peru velho*. A meiguice da atmos-

phera preguiçosa poetisava a multidão que, para o fim do dia, na hora íntima do crepúsculo, pousava os olhares cansados nas côpas altas, que a tarde escurecia, com mais abandono e mais recolhimento; as valsas banaes da banda militar tomavam ritmos perturbadores, ennobreciam, viajando pelo ar, áquella hora indefinível em que as coisas vivas se dobram sobre si proprias ao sentir a passagem da alma adormecida d'uma natureza sem tarde e sem manhã. Era a hora dos vagos desejos, dos sonhos que não teem nome, quando o Planeta espreita, como um grande olho curioso, e o azul dos ceus todo desmaia n'um assombro e n'uma préce. O mancebo que namora *d'estafermo* tem, agora, toda a melancolia do dia que foge e desaparece também, suspirando um *Lebewohl* de Beethoven, seguindo a sua Carlota garrula. O jardim despoeva-se. Nas ruas que torrecolam, já cheias de escuridade e de solidão, o homem dos bolos compõe a sua trouxa e faz tenir o seu cobre. Ao longo do Passeio as janellas illuminam-se frouxamente é que em roda d'um grande candieiro d'azeite os pratos de sôpa rescendem e exhalam o seu perfume em fumositos leves. Os portões fecham. E elle, agora, está solitário e vasio; ramalha lentamente, baloiçando-se em cadencia. A sua voz é grave; a sua alma é doce; é a alma dos que ali amaram. Velho passeio da nossa velha Lisboa! Fluctua ainda, no sitio onde elle existiu, qualquer coisa mysteriosa e intangível que paira nas tardes luminosas, muito baixo, ainda agarrada á terra, contemplando, na sua fôrma invisível, a fresca e transitoria fôrma com que brilhou e ciciou. Que diz ella, a velha alma? Olha sombriamente as

coisas que não voltam mais e lamenta, talvez, não ter mãos para as poder juntar n'um grande gesto desesperado e mudo que fosse, ao mesmo tempo, uma lagrima, uma saudade e um sorriso para todas essas figuras esfumadas de um velho mundo — morto.

---



A MODA



## A MODA

A moda veio sempre de Paris — e nunca foi traduzida. Foi, como o é ainda hoje, um círculo vicioso. A grande e mais rápida modificação que teve, deu-lh'a a Revolução Franceza. Para os homens, os *sans-culottes* iniciaram a primeira calça; para as mulheres, as *merveilleuses* do *Palais-Noyal* e do *Tivoli* crearam os primeiros rudimentos do aspecto geral da *toilette*, durante quasi todo o seculo XIX. O golpe foi tão profundo, apesar do meio termo ensaiado pelo Directorio e pelo Imperio, que nem a propria Restauração conseguiu fazer surgir o *jabot* arrendado do senhor de Buffon ou as anquinhas arrufadas de *madame* de Nangy. O que, sobretudo, caracterisou a moda feminina de 1840 foi a saia larga, cheia de fólhos, a manga comprida ou até ao cotovelo, mas sempre muito justa, os chapéus côr de lilaz e os tecidos côr de borra de vinho, cortados por estólas escocêzas, mosqueadas como as faxas dos *highlanders*. O chapéu de palha, que fôra excluido quasi por completo desde a quêda dos Bourbons, reapareceu mais pequeno, mais intimo, lembrando ainda o chapéu

afunilado de Luiz XVIII, mas aberto sobre a testa, apertado nas fontes, seguro por uma fita que passava, vulgarmente, por debaixo do queixo, simulando uma ressurreição do antigo toucado á Fontanges, que fez as delicias das elegantes de Luiz XIV. Era o que então se chamava em França, como entre nós, um *bibi*. Estes *bibis*, lançados pela Dejazet, apoiados na penna entusiasta de *madame* de Girardin, grassaram com descabelado furor, evoluíram, lentamente, para o chapéu *Pamela* e para o *demi-Pamela*, muito simples, onde se espetava, por via de regra, uma pluma de avestruz, côr de ócca, cahindo com graça sobre o hombro direito. Depois a phantasia desvairou — como hoje. Uma das filhas de Farrôbo introduziu em Lisboa o chapéu á *Buridan*, manifestamente adoptado em Paris depois do successo de Dumas, com a *Tour de Nesle*, uma formidável machina esguia e ponteaguda, peculiar aos astrologos do tempo de Margarida de Borgonha, muito incommoda e muito ridicula, dupla evocação das mulheres livres de Nínive e das castelãs feudaes do seculo XII. Sobre estes aspectos fundamentaes se bordou sempre a moda, nas mulheres, durante o Romantismo. As caricaturas de Gavarni e os artigos de Nestor Roqueplan, desenham-n'a em quatro traços.

✕ Os homens diluíam a politica no vestuário. Os setembristas, á semilhança dos democratas francezes, usaram o chapéu encarnado, os coletes á *Camille Desmoulins*, com rebuços enormes, de côr cinzenta, que, por motivo inexplicavel, era considerada uma côr sediciosa. As calças á *lord Grey* abriram horisontes novos, em quadrados bico-

lores que cada qual coloria segundo o seu *crêdo* político, como os Caledonios das Terras Altas, para honrar e distinguir o seu *clan*. A elegancia requintada usava, de preferencia, nos salões doirados, a casaca negra e na rua, no torvelinhar da poeira, galgando charcos de lama, vestia-se, garridamente, de branco. Um alfayate polaco, n'um esforço tremendo que meia Europa encorajou, inventou o fraque de duas côres. De um lado era preto, do outro azul; bastava voltal-o. E para contrastar com a linha rigida e colante que era, até então, o *façes* geral do fato do homem, usaram-se, com profusão, os *bourneous* arabes, de prégas innumeraveis, os capotes vastissimos, á *lord Byron*, em estamena da Argelia, forrados de seda, bordados a ouro por dentro, grosseiros por fóra, n'um luxo que se tornava insolente pelo seu proprio recato. Foi o periodo heroico dos bigodes e das barbas terriveis, das grenhas cerradas e densas, esculpidas em rostos de mascula virilidade sobre troncos largos, desenvolvidos ainda pelos chumaços nas omo-platas, pendulando com a mais elegante isochronia em cinturinhas de vêspera, que os *godets* favoreciam, forcejadas pelos côs excessivamente apertados, formando espartilho com tiras grossas de tarlatana mantida por barbas de baleia. A arte de alfayate era, então, uma confusa e complicada arte. Chauvanny pontificava no *boulevard* dos Italianos, sexagenario e soberbo, n'um luxuoso *atelier* onde todos os grandes alfayates da Europa iam server conselhos e implorar lições. Os minimos detalhes da moda de França foram conhecidos e apreciados na placida Lisboa que via, tristemente, irem-se, em farrapos, os ultimos ves-

tigios da sua elegancia vintista. Os *devoristas* tinham trazido do exílio o bom-gosto parisiense, inconfundível e harmonioso, que preconisavam Alphonse Karr, Alfred de Musset e Deiphina Gay. Em summa, os homens tendiam a feminisar-se enquanto as mulheres procuravam, involuntariamente, atingir o necessario, pondo de lado o superfluo, sem, todavia, enveredar na moda do Directorio — que as puzera nuas e deselegantes.

A copia sem adaptações traz, quasi sempre, o exagero. De facto, o bom-gosto estrebuxava por vezes. Começaram a apparecer os phenomenos que Durivat chamava, com tanta graça, aberrações da natureza feminina. Em 1840, a marquez de Niza, n'um dos saraus que deram os marquezes de Vianna, ostentou, pela primeira vez em Lisboa, as *roupinhas ou jubécos á grega*, em velludo violeta, fechados por presilhas de torçal e em que os letrados pretendiam vêr o trajo diario da albaneza Haydée, filha do famoso Ali-Tebelen; era, fundamentalmente, o *boléro* que a moda de ha vinte annos espallhou com tanta intensidade. A saia de balão, cujo uso se generalizou um pouco mais tarde, na época do parto da imperatriz Eugenia, assomou timidamente, já enorme, não figurando ainda o balão inteiramente redondo, antes aparentando uma tulipa invertida, de curvas largas e mólles, que dava ás mulheres a conformação da nebulosa lyra d'Amphion — voltada ás avés-sas. Constantemente a moda foi um *revenez-y*, um *leit-motif* bordando variações sobre o mesmo fôlho e sobre o mesmo chapéu de palha. Nos homens appareceu de novo o *bolivar*, ligeiramente modificado, com fôros de recente,

de inédito; e nas mulheres desenvolveu-se, com furia, a *charlotte*, em rendas, em sêda, até mesmo em papel, um toucado que a maioria imaginava da mais flagrante modernidade e que era apenas uma copia servil da cobertura das mulheres de Caën, usada por Carlota Corday, cincoenta annos antes, no dia em que apunhalou um demagogo dentro d'uma banheira.\* As modistas e os alfayates ressuscitavam francamente as modas do passado, refugiam-se com delicia no gosto da Regencia do duque d'Orleans; as damas usam o sapato de *madame* de Prie e a gargantilha hirta da duquesa do Maine; até os grãos de belleza reaparecem, tres na face, em triangulo equilatero, um no seio esquerdo, discreto e provocante, meio velado nas *blondes* e nas flores do decote.\* A meia branca, a meia das heroínas de Murger, modelando em neve os tornozellos finos, como a usavam as *lionsnes* e as *lorettes*, era a unica meia aceitavel, contrastando mal com o sapato preto que, na rua, era, d'uma forma commum, o sapato á Carlos IX, ou com as bottinas de duraque que o luxo caprichoso e sensual transformou, vinte annos mais tarde, no calçado á Benoiton. E as primeiras meias pretas que surgiram nas alças do Passeio causaram, em Lisboa, um intoleravel escandalo, eram quasi um attentado á moral, attentado que Bráz-Tizana verberava com infinita ironia, retirando ás extremidades inferiores das damas o nome correntemente usado de pernas par lhes chamar, com sarcasmo, *inverossímeis membros africanos*...

Entretanto, já como hoje, os tecidos tinham uma nomenclatura delirante, para atrahir, suggestionar as bolsas

indefezas. Consumiam-se, prodigamente, a *Real-Brazileira*, uma seda macia e forte, parte assetinada, parte sem lustro, em que brilhavam, sobre fundo pardo, desenhos côr de oiro, muito recommendavel para vestidos de baile, de mangas curtas e corpête decotado, o *Cumaleon-Cáchemire*, elegante, admiravel, composto de varias côres que produziam um ondeado brillante, o *Lampas-Regencia*, tecido abrigantado a oiro e prata, o *Chiné-Vesuviano*, o *Chiné-Altona*, o *foulard Zélia*, a *Melania-Undeada*, o *Real-Balbeck*, o *Canevas-Lamêgo*, o *Grôs-Santarem*, a *Cymida*, muito commum, muito usada, mais particularmente preferida nos vestidos de passeio. A tolice humana, como hoje, como sempre, envolvia-se na rêde da especulação intelligente. Todavia, a moda do Romantismo manteve e conservou um caracteristico proprio, sobretudo no atavio masculino; teve a expansão desordenada da côr, como os mestres de Veneza, e foi a ultima que não amortalhou os homens nos cheviotes de tons neutros que transformam as multidões de hoje n'uma larga mancha cinzenta e suja. Havia a preocupação da harmonia com as cousas subjacentes; cada individuo contribuia, por assim dizer, para uma obra de conjuncto, ideia que já hoje não existe, hoje, em que cada qual se completa por si proprio e se imagina centro e fulcro da vida que o rodeia. Os homens, destacados, eram, talvez, esplendidamente ridiculos, mas a sua reunião tinha um encanto inexprimivel, originado, sem duvida, pela alegria que a profusão de côres amalgamadas traz, sempre, a quem a contempla. E a moda, que é, afinal, um esforço continuo, tendo por fim

estylisar e corrigir o feio animal que tomou conta do mundo, conseguiu, com a elegancia romantica, alguma coisa, com effeito. Deu uma ligeira nobreza a essa raça de creaturas que, vistas d'alto e de longe, parecem larvas hediondas arrastando-se, viscosamente, por sobre a face da terra.

---



## LISBOA NA RUA



## LISBOA NA RUA

Só por volta de 1855 é que um tal Gomes, empregado n'uma officina de carruagens, começou a fabricar *calèches*, *tilburys* e *coupés*. Até então, o meio de transporte, dentro e fóra da cidade, era constituido pela traquitana e pela velha, velhissima ség. Já, em 1812, tinha apparecido em Lisboa um *landau* do negociante inglez João Fletcher, que o mandára vir de Londres pela preciosa somma de quatrocentas libras; mas este *landau*, que durante longos annos estarreceu a cidade, não se viu reproduzido, nem mesmo imitado. Reinavam, antes da Regeneração, as séges do Coqueijo e do Baraleiro, guiadas por bolieiros vestidos de niza azul, botas altas, amarellas, com monumentaes espóras e chapéu de pêllo de lebre, tendo a forma d'um sino de bocca para cima. Restavam tambem algumas das velhas traquitanas do *Assembleia* (dos fins do século XVIII) guinchando, gemendo lamentosamente, puchadas por cavalos quasi transparentes, guiadas pelos imitadores do *Facaréno* que trabalhava com o *rato* e o *polaco*. XO que vulgarmente se via nas ruas de Lisboa, como meio de trans-

porte, era ainda a sége immemorial dos portuguezes, que atravessou seculos, quasi sem soffrer deformações sensiveis, veneravel amostra d'antiguidade — e que era uma capoeira infecta, ligada aos eixos das rodas por cordas duvidosas e onde chovia com tanta abundancia como no meio da rua; esta caixa desconjunctada, balanceava violentamente entre duas rodas enorines e era, no dizer do principe de Liechnowski, uma especie de termo médio, muito desagradavel, entre o *droschke* berlinéz e o *fiacre* parisiense do tempo de Luiz-Philippe; puchavam-n'a dois machos, um entre varaes, outro á ilharga, servindo de montada ao bolieiro. Por detraz, um poiso exíguo, que obrigava a prodigios de verticalidade, constituía a *tabua* dos lacaios, trepidando na carreira, oscilando com tanto delirio que obrigava os creados a ensaios preliminares de equilibrio instavel. Quando esta machina formidavel parava, o bolieiro desmontava para espécar os varaes, com um fueiro apropriado, que nunca abandonava a sége, para tornar o peso menos sensível aos animaes. ✓

Quando a cidade, aos domingos, acordava momentaneamente do seu torpôr, as séges circulavam, mais abundantes, pelas ruas da Baixa, conservando ainda o velho habito de dar umas voltas no Rocio, transformado em *corso* na ocasião. N'esse dia, os que não vehiculavam, desdenhando tambem as verduras do jardim, tinham os espectaculos habituaes a que não faltava nunca a multidão, — porque eram gratuitos. Sem se lembrar, já, das obras do Passeio, que durante mezes levaram ali uma incalculavel porção de curiosos, outros panoramas despertavam a curio-

sidade publica. O palacio da Regencia, que serviu de Camara dos Pares e depois d'Erario, tiuha ardido em 1836 : era o velho casarão onde tinham sido, em tempos idos, os Estâos do Infante D. Pedro, filho de D. João I, onde se instalou, mais tarde, a Inquisição e que fôra reconstruido depois do terramoto. As parêdes calcinadas, que o incendio de 36 deixou ali até se construir o theatro de D. Maria II, constituíam, para os visitantes, um abundante manancial de commentarios, com a particularidade curiosa de ninguem sequer affectar vê-las nos dias de semana. Por essa mesma época os cemitérios publicos aguilhoaram a attenção ; a Camara tomou posse d'elles em 35, remodelou-os, impôz, com grande protesto dos jornalistas, o nome de Nossa Senhora dos Prazêres, ao Occidental, forçou, com terraplanagens e muros de cantaria, a curiosidade do populacho que, desde então, começou visitando os campos sagrados onde havia de dormir mais tarde. Por correlação, o cemitério do Valle Escuro, onde se enterravam os animaes, era, tambem, objecto de excursões, porque n'essa época, (1841) pensava-se em removê-lo para sitio melhor, com a febre amorosa de que a vercação se tomou pela cidade, indo até á fundação da Abegoaria da Boa-Vista, no local onde ainda hoje se encontra. Não havia maior divertimento do que uma burricada ; os magôtes de pessoas conhecidas atravessavam a Baixa, cahindo, levantando-se, foliando com os pobres bichos, que tiveram a sua época de esplendor, muito procurados nos alquiladôres do Poço do Borratêm, do Campo de Sant'Anna e da rua do Arco do Bandeira ; foi o grande tempo da al-

*barda vermelha*, de Cacilhas, quando havia burros celebres, disputados pelos amadores nas correrias festivas ao Alfeite e á Cova da Piedade. As touradas fizeram sempre, tambem, a delicia dos lisboetas. Na praça de touros, do Salitre, até 1826, deram-se touros de morte; em cada doze matavam-se quatro, sendo a carne vendida em beneficio da Casa Pia; mais tarde, a do Campo de Sant'Anna, que era a segunda no mesmo sitio, inaugurada por D. Miguel em 1831, viu, egualmente, magnificas corridas, com o effusiar da alegria portugueza, já com immensos foguêtes e uma in calculavel porção d'agua fresca. E foi tambem por esse mesmo tempo que as corridas de cavalos, no Campo Grande, voltaram a sêr da' melhor elegancia depois de terem sido prohibidas, vinte e cinco annos antes, sob pena de prisão e de multa.

Já então o theatro preocupava os lisboetas. Já então os ~~clubs~~ d'amadores surgiam por todos os cantos e n'elles revelava o seu talento aquelle que, mais tarde, foi o famoso actor Sargédas. Os theatros particulares multiplicavam-se, arrastados pelo exemplo do *Thalia*, nas Laranjeiras, o primeiro de todos, onde Farrôbo representára e fizêra representar, pelos seus, muitas das obras contemporaneas; tornaram-se, logo, muito conhecidos o da rua de S. Felix, o das Escolas Geraes, o da rua da Arrabida, o *Gascão*, onde as primeiras ferocidades dramaticas de Lisboa rugiram continuamente os melodramas populares de Carré e de Saint-Neuvain — péssimamente traduzidos. Alguem, mesmo, tiveram uma celebridade merecida, como o theatro do Timbre, onde se cantou a *Lucia de Lammer-*

*moor*, de Donizetti, toda por artistas portuguezes e toda em italiano. S. Carlos não era frequentado pelas classes iletradas que tinham, ao tempo, o seu divertimento favorito no velho theatro do Salitre, inaugurado em 1782, que viu todas as companhias e todas as peças, descendo, lentamente, até exhibir prestidigitadores que faziam jogos de physica experimental com algumas artes magicas e grandissimo descáro. Justamente, em 40, um tal Leroux, charlatão que se intitulava *physico de S. M. o Rei dos Frãncezes*, fêz abarrotar de gente o velho Salitre, que ia lá expressamente para o insultar e, ás vezes, para lhe bater, porque este homem estranho, apesar da sua polidéz franceza e das suas maneiras suaves, era tido e havido como um feiticeiro dos mais perigosos. Midosi tomou, em seguida, conta do Salitre mantendo-se aos tómbos com um vago theatro nacional, até á inauguração do theatro de D. Maria II. Os bailes de mascaras, na sala de S. Carlos, resurgiram no Carnaval de 36, treze annos depois de haverem sido tentados no segundo theatro do Bairro-Alto, rompendo finalmente, um seculo depois d'elles existirem na Opera de Paris, chasqueando a opposição da Intendencia que, em 1809, os achára immoraes — e os prohibira. Em 46 o Gymnasio apparece, edificado n'um barracão d'arlequins, onde havia acrobatismos e pantomimas de salteadores, juntamente com a apresentação de danças ineditas, a *cracoviana*, o *pá di du* e a *polka*, que entrou em Portugal precisamente n'esse periodo. Este primeiro Gymnasio viveu seis annos, dando logar ao de Cinatti — que é o que ainda hoje existe. E para coroar o rejuvenescimento-

do theatro, inaugura-se, em plena Regeneração, o verdadeiro theatro nacional, o de D. Maria II, risco do italiano Fortunato Lodi—e que esteve para se chamar o *Theatro da Gloria*.

Lisboa, na rua, não careceu nunca de passatempo. Foi sempre uma cidade de *badands* que se entrelinha em vêr morrer um cão ou segnia, durante horas, o preto *Assembleia* marchando na frente das bandas regimentaes que encontrava, quer fossem para formatura em parada, quer para um simples render da guarda, no Terreiro do Paço; este *Assembleia* manejava um pau encimado por um crivo de regador, executando as evoluções d'um tambor-mór, afastando-se, de quando em quando, para apanhar uma bofetada — que consentia em receber pela escassa quantia de dez reis. Lisboa admirava tambem o foguetorio do pyrotechnico José Osti que, mais tarde, assombrou o publico com as maravilhas do *Jardim Mythologico* e da *Floresta egyptia* e que foi o primeiro, em Portugal, a fabricar os phosphoros promptos de côra, adoptando a invenção de Fréshel. Para a merenda usava os doces do celebrado pasteleiro do Rato, que elaborava magnificos doces d'ovos e uma vêz por outra, variava os seus prazeres no espectáculo d'alguza execução capital no Caes do Sodré ou no Largo do Corpo Santo, pasmando para o cynismo de Diogo Alves ou confusamente enternecida com a resignação doce de Mattos Lobo a caminho do seu patibulo. Os pequeninos gosos satisfaziem-n'a. Ao deitar das noites de domingo havia sempre gente que se tinha divertido d'uma forma descabelada contemplando pedras

queimadas ou vendo estrebuxar homens. Um nada enchia Lisboa de satisfação, forçando-a a arregalar os olhos pasmados, discutindo e apontando com a exuberancia peculiar ás cidades cheias de luz. E alguns, mesmo, ficavam repletos só por vadiar, regaladamente, ao sol, de corpo quieto e de alma quieta — vendo voar as moscas.



## UM BAILE NA CÔRTE



## UM BAILE NA CÔRTE

Nas manhãs que antecedião as noites de baile, a côrte levantava-se de um humor execrável. Até os *huissiers* da Camara faziam estalar o verniz fulgurante das suas attitudes perfiladas nos gestos bruscos, irreprimiveis de quem sente descer, impiedosamente, a mais afflictiva de todas as convenções. Os bailes da côrte empalideciam as faces, vincavam os traços, branquejavam as fontes. A faina principiava, nas Necessidades, quando a tarde enlanguescia e as luzes começavam a accender-se a uma e uma. Illuminava-se, então, a fachada do palacio, já enfeitada com verduras e festões deploraveis de papel pintado. As patrulhas da guarda municipal regulavam o transito; a escada de honra estava adôrnada de tapetes e de flores. Logo na antecâmara as mentiras decorativas exhalavam um tédio sem fim e sem principio; a guarda real dos archeiros jazia ali, perfilada no seu uniforme pittoresco, com archaismos que ainda vinham de D. José, impunhando alabardas inoffensivas. Os lacaios da Camara, fardados, recebiam os cartões de convite com gesto lento e triste, como se executassem os ritos d'uma cerimonia funerea.

e iam distribuindo, em cabides, os casacos das damas e os chapéus dos homens. Nas primeiras salas, vazias ainda, as mesas de *whist* e de *voltarêto*, fazendo brilhar mais verde o seu panno verde, sob a luz crua das lampadas d'azeite, esperam os generaes indomaveis, de bronchites cavernosas e de decisões ousadas. E, devorando a decoração monumental, o silencio do aborrecimento invade, instala-se nas poltronas, enrodilha-se nos reposteiros pesados e colhe todas as physionomias na mesma expressão affavel, polida e fatigada.

Quando a Rainha entrava nos salões, arrastadamente, pelas onze horas, com o modo grave e circumspecto com que se cumpre um dever penoso, — encontrava já os seus intimos nas habituaes posturas que destilavam o cançasso de quem executa uma *corvée* palaciana. Na *sala dos mattechaes*, onde os retratos de Saldanha, de Palmélla e de Terceira cortavam as vastas parêdes, forradas com o brocado de tres altos, com as linhas coruscantes das molduras doiradas, já o grande-escudeiro, duque da Terceira, encostado ao fogão, mesmo por debaixo do seu proprio retrato, se esmeráva em copiar a attitude com que pousára. E não se sabia bem se a téla tinha descido ao nivel do pavimento, se era o proprio duque que se evolava, como n'uma *Ascenção* do Perugino, até se pregar, miraculoso e ethereo, no muro vertical, de tal forma a semilhança era flagrante. O coronel de lanceiros dois, D. Antonio de Mello, uma torre enorme, esguia e silenciosa, brincava, n'um gesto machinal, com as dragonas do uniforme, exasperando pela sua impassibilidade immutavel, os se-

mentos d'occupação que chegavam a distrahir-se com o perpetuo rebrilhar das suas franjas doiradas. Só o capitão das guardas, o duque de Palmélla, com a mobilidade da sua face de italiano astuto, se dispndia em graças, borboleteando em torno das damas de honor, D. Maria de Vasconcellos, irmã do marquêz de Castello-Melhor, as meninas de Santa Iria, a duqueza da Terceira, a marquezia de Cantagallo, a viscondessa de Rio-Sêcco, as condessas da Lapa, de Lumiares, de Farrôbo, da Ponte, de Mello... As chammas das vélas subiam hirtas, como que retezando-se para não explodir d'enfado n'aquelle ambiente lugubre. Nos vãos das janelas, o marquêz de Niza, relampejando o seu unico olho valido, contava, entre risos abafados pela decencia, scenas orgiacas da *Sociedade do Delirio*, a que presidia e que impulsionava. O conde de Vimioso, continuando no Paço a sua vida sempre atarefada d'alquilador, simulando gestos graves de diplomata em conferencia, vendia, pela decima vez, o seu famoso cavallo d'Altér que ninguem subjugava — e que elle, depois, tornava a comprar. Uma mumia pasmosa, inverossimil, arriscava um passo ousado no espelho dos *parquets*, esboçava, aqui e alem, uma reverencia da côrte, agitando as sêdas do seu vestido de baile, de onde se desprendia um cheiro acre e doce de formiga; era a commendadeira de Calça-Pina. Sempre friorenta, a condessa de Vianna instalava-se por detrás dos biombos de laca côr de lilaz, junto de um fogão, contando as suas interminaveis historias; tinha um queixinho de rebéca e a mania dos relógios; usava-os em toda a parte, nas pulseiras, no pescoço,

nos cordões, nas carteiras, no penteado, todos preciosos, todos de repetição, ligeiros e leves como uma porcellana de Saxe, outros formidaveis, rebarbativos, desenhando reduções de mostrador de cathedral, com longos ponteiros de ferro agressivos e agudos. De quando em quando, n'uma polidéz gelada que escondia a ebulição de um enfado sem limites, cinco ou seis pares, de sorrisos convencionaes e de phrâses bem medidas, escorregavam lentamente pela téka amarellada dos sobrados, no rithmo d'uma valsa viennense, tão commedidos, tão pautados, que as abas das casacas a custo mostravam o fôrro de seda rôxa e os artelhos cobertos de setim branco, quasi se não viam, velados pudicamente pelas *blondes* das saias hieraticas. Depois, o silencio cubia de novo, mais pesado, mais soturno. Terceira continuava apoiado no rebordo da sua téla, com a vastidão mamuda de um bonzo da Birmania, o cheiro a formiga da commendadeira alastrava, immenso, Niza embalsava, agora, de si para si, uma *nova cochenonerie* para a *Sociedade do Delirio*. E, bruscamente, no torpor que augmentava, as vozes agudas e cristalinas de multiplos relogios, tentando seguir-se umas ás outras, atropellando-se apressadas, plangentes, tumultuosas, cortavam o cicjar ligeiro e abafado. Era a condessa de Vianna que *dava horas*.

Mais tarde, no salão dos deuses, onde o tédio se infiltrava mais tennz, com a teimosia da humidade, a Rainha e a infanta D. Anna de Jesus Maria ocupavam poltronas dando a direita ás senhoras do corpo diplomatico e a esquerda ás damas de honor. A Imperatriz fazia, então, uma

aparição curta, sempre nova, sempre bella no esplendor magnifico da sua belleza do norte, onde as feições accentuadas das bávaras se neutralisavam, se fundiam na incomparavel graça franceza herdada do pae e do avô, o general de Beaulharnais. No seu vestido de côres palidas, sempre recoberto pelas rendas d'Alençon, que affeição particularmente e de onde surgia o fulgôr de joias discretas, dava uma volta rapida pelos salões, desaparecia em silencio, preferindo o jardim de S. Pedro d'Alcantara onde era certo encontrar-se em todas as manhãs bonitas, ao intoleravel supplicio de um sorriso sem expressão, deixando escapar phrases de etiqueta, sem côr e sem vivacidade. Começavam a consultar-se os relógios pelos cantos de maior sombra; a condessa de Vianna era, então, muito procurada, muito rodeada, mostrador gigante e palrador, onde os innumeraveis ponteiros dos seus relógios caminhavam lentamente para a hora bemdita que, com decencia, podia aliviar aquelle martyrio solémne. Nem os proprios gelados, que circulavam, sacudiam a lethargia ameaçadora, suffocavam bocejos irresistiveis. Só D. Fernando, acompanhado pelo seu ajudante de campo, o barão de Campanhã, espalhava, a custo, uma animação ficticia n'aquella gente desolada, com a sua apparencia saudavel de forte pinheiro das dumas, irradiando saude e alegria de viver. Mas a hora da debandada aguçava as impaciencias. E de novo as faces amarfanhadas se tendiam de regosijo mal contido, ao voltar aos vestibulos onde os lacaios glabros, sempre funereos, iam entregando, com a mesma gravidade triste, os albornós de casimiras alvadias, os abaços fe-

mininos, em velludos neutros, debruçados de *filó illusion*. A guarda real dos archeiros desfallecia, muito palida; as sentinelas apresentavam armas, continuamente, no meio da largada tempestuosa das séges. As largas escadas, onde os tapetes do Khurdistan offereciam um piso suave, canalizavam o fluxo transbordante que escorria n'um impeto para se espalhar, livre, nas ruas desertas. Em baixo, no largo, a nuvem negra da multidão esperava, desde horas, pacientemente, retida por um cordão de guardas a cavallo, a sahida d'aquelle mundo longinquo que descia de salões inacessiveis. Manchas de luxo perpassavam, fugitivas, nos circulos de luz que o reflector dos candieiros desenhava nos mosaicos do átrio; o alivio sahia, em ondas, pela porta riscada brutalmente na negrura da noite, coruscante como a guélla de um forno. Os marechacs constellavam a escuridão, destacando, das altas golas doiradas, os perfis duros, mais angulosos, mais ríspidos depois d'aquelle tremendo dever palaciano, seguidos pelo dêdo agudo dos espectadores que os apontavam murmurando-lhes os nomes com pasmo e admiração. Rolam as ultimas traquitanas, relampejam agora, mais solitarias, as baionetas dos soldados da guarda, a sombra vae-se fazendo por gradações insensiveis no andar nobre, á medida que os lustres se vão apagando véla por véla. O baile finalison e a multidão dispersa por fim commentando, formulando por vezes um conceito judicioso ou amargo. Embuçados nas golas erguidas, por entre o estridor das rodas que resaltam nas calçadas, os convidados consideram, mentalmente, que tão cedo não haverá outro baile. E respiram. No silencio da madrugada

que pésa, mais ciumento, só um ou outro dos curiosos, retardado, com os olhos ainda cheios da elegancia caudalosa que viu passar por deante de si, vae cantando pelo emaranhado das travessas, n'uma voz que adormece tambem :

Toque, toque, toque,  
Vamos p'ra S. Roque,  
Para ver os peraltas  
Que vem de capote !

---



A MARIA DA FONTE



## A MARIA DA FONTE

O movimento — consideravel — da *Maria da Fonte* teve o seu inicio na irrellexão d'um grupo de minhotos, em opposição ao governo de Costa Cabral, por questões de recrutamento local e prohibição dos enterramentos dentro das egrejas. Nos primeiros dias de maio de 1846 começou a desenhar-se uma agitação que alastrou, augmentou de intensidade, já desvirtuada e fóra das suas primitivas aspirações, exhibindo mais uma vez todos os odios politicos que dormiam, como o fogo debaixo da cinza — e forçando a Rainha a demittir Costa Cabral para chamar o duque de Palmella. Esta decisão, que socegou certos grupos irrequietos, dividiu a revolta da *Maria da Fonte* em dois periodos distinctos; o segundo surgiu depois do golpe de Estado de seis d'outubro do mesmo anno, com a formação de um novo ministerio em que não figurava Costa Cabral, mas que lhe pertencia de corpo e alma. Nôvos movimentos, prisão do duque da Terceira, energica revolta da cidade do Porto, afirmação defenida do genio militar de Saldanha nos recontros que ensanguentavam as terras de

Portugal. Depois, a *Maria da Fonte* extinguiu-se lentamente, mais pelo cansaço dos combatentes do que pela victoria dos governamentaes. E tudo ficou como d'antes.

Todavia a *Maria da Fonte*, antes de se tornar uma simples revolta politica, foi, sobretudo, a inevitavel reacção contra um estado de coisas que era recente e desconhecido; de facto a theoria constitucional levou quinze ou vinte annos a chegar ao fundo dos logarejos do Minho. E em presença das innovações que apresentava e das colectas que impunha, muito differentes das antigas fórmulas de receita, uma resistencia surda, suggerida pelo frade, que não ficára de todo extinto, como de principio se suppunha, começou a organizar um systema fugidio de passividade, de inercia, que se não opunha francamente ás mais aparatosas medidas do progresso mas que, por toda a parte, desde a lareira da barraca até ao ádmo da egreja, murmurava recio e hostilidade. A noção de suffragio nunca foi comprehendida, a caca ao voto, feita sempre com impudor e violencia, um *halali* fogoso que, na sua febre, não respeitava abstinencias e espancava, com furor, opposições, — acabou por matar, na gente simples, a ideia da justiça e até a ideia do direito. O parlamentarismo, obra de advogados, sonho de philosophos pensadores, nascido na agitação das cidades e sempre instrumento de um cerebro mais astuto, não podia vingar entre o camponez. Por isso, logo descrente d'elle e das suas falsas pompas, o homem do campo alheou-se, continuou, absorvido, o seu penar eterno sobre a leiva e só relampejou de franca ira no dia em que lhe tocaram nos dois nervos fundamentaes da raça: a tradição

e a igreja. Voltou, então, a sêr a mesma multidão que falava alto e rijo ao Conde, repudiava as medidas astutas do Bispo e, às vezes, desconhecia o Rei. Debaixo das nucas vergadas germinava, perpetua e formidável, a semente da *Jacquerie*, desenvolviam-se os tentáculos da fria revolta dos Robinos dos bosques. Mas se já não havia *outlaws*, os *Jacques* eram ainda possíveis. Levar um filho, inutilisar uma rabiça, sem explicar porquê? Não. Obstar a que os pobres corpos escravos dormissem, junto dos Maiores, sob o lagêdo das igrejas, nos logares sagrados que ensombram os braços gigantes cos d'uma Cruz, sem ensinar o motivo? Não. Outrora, das margens do lago Katrine, os supplicantes ameaçavam, n'um clamor de vingança, os sombrios castellos escocêzes de Rob-Roy e de How Campbell, outros miseraveis, surtididos dos arvorêdos de Poitiers, assediavam barbacãs, pedindo pão n'um longo soluço de fome. E agora elles, outros *Jacques*, novos *Jacques* em que fremiam as mesmas dôres, as mesmas amarguras dos antigos, dos avós, tomavam a foice sêgadoira, aperravam a clavina ferrugenta e uma tarde, sahidos da Povia de Lanhoso, ululando desespero, — marchavam.

Marchavam. Levavam o lar consigo, através das serras. De cada choupana, acompanhando o homem, sahia uma mulher, com o filho pendurado na mama, sobraçando a trouxa humilde, cobrindo a cabeça com o caldeirão de cobre reluzente onde castanholava, dentro, a malga vidrada da sôpa. E as mais ricas carregavam o macho. Na rectaguarda da columna sinuosa que escalava as quebradas, torcicolava nas veigas, entre o milho já alto e dofrado,

os velhos, cançados, espreitando a terra, guiavam os pequeninos incertes, de fralda ao vento, que sorriam n'um divino sorriso. As pobres riquezas que são a doçura da vida, seguiam atrás, fraternalmente misturadas nas carrêtas ligeiras que as raparigas empurravam. Era o mólho das enxadas que, entre gotas de suor, fazem nascer, crescer e doirar o pão, o cestinho de verga que levava o jantar ao homem, além, para lá dos campos lavrados onde elle, curvado sobre a terra, era como que uma mancha escura pousada n'outra mancha escura mais larga, a infusa de barro vermelho, a jaléca de domingo, das manhãs de missa, os sapatos comprados, no Porto, para as tardes de arraial, o mantéu das noites de inverno, a gravura encaixilhada de S. João Baptista, que nos tempos de paz, sob a telha, pende junto da lareira prometiendo o Céu aos que viverem bons. Entre a poeira que a columna deslocava surgia, de quando em quando, a nódoa castanha de um boi pensativo, caminhando pausadamente, de grandes olhos humidos, levado no exodo por um mais favorecido que tinha ovelhas no curral e tinha machos na arrihana. Bruscamente as faces voltavam-se, todas, para um dos lados do caminho, as pestanas baixavam, os dedos agéis esboçavam uma persigação enterneçada: é que na sombra solitaria de um carvalho ou no recanto humido de um muro arruinado, um alpendre ligeiro abrigava uma caixa tósca onde se instalava uma Senhora com o Menipo-Deus ao cólô, hirta nas prégas do seu vestido ingenuo, com as contas dos olhos muito redondas, sem movimento, o rosto d'uma palidéz de cêra, parecendo contemplar, n'um es-

panto, aquelle estranho destile de Desgraça e de Miséria. E os olhares desvairados que as mulheres davam á Santa, n'uma supplica muda e afflictiva em que toda a alma se dava, deixavam a imagem fria e silenciosa, n'um silencio que não tinham conseguido quebrar, n'uma frialdade que não tinham conseguido aquecer outros olhares, na frente, os dos homens validos que criam na justiça da sua Causa e derramavam, ao passar, n'um movimento de palpebras, a certeza d'uma fé redemptora n'um mundo melhor onde os homens fossem todos eguaes e a fome fosse de todos desconhecida.

Marchavam. Iam ao acaso, na febre violenta de se baterem, n'um clamor immenso de revolta. E a sua vóz, que explodia no ancio d'uma aspiração louca, era enorme, sobérba, formidavel como a voz de Deus; *corria de serra em serra, como a agua das levadas*, no desejo irreprimivel de *triumphar ou morrer*. Nas aldeias adormecidas entre vinhédos, os sinos das capellas bimbalhavam um rebato continuo; a columna engrossava, já dirigida, com um plano ainda incerto, onde já irrompia a neccessidade de um itinerario que a levasse ao Porto. O Minho placido levantava-se por toda a parte; e vinham de Darque, vinham dos Arcos, vinham de Penafiel os magôtes sombrios que nenhum clarão de Aurora fazia resplandescer. Já pelas tardes, na hora exausta em que a fita bariolada de côres parava, na infinita lassidão do sen dia de marcha, junto de um burgo cinzento e quasi deserto, um longo suspiro de fome percorria o bivaque improvisado, que nenhuma alegria animava e onde os homens, rendidos de cansaço,

calidos sobre a terra, na postura macissa de bois fatigados, olhavam com angustia impotente as creanças que imploravam uma côdea. O corno formidavel da miseria subia, plangente, até aos espaços mudos; nas faces terrosas, por entre as barbas densas e rudes, os olhos dos lavradores faiscavam n'uma agonia desvairada e afflictiva. A alma popular fundia-se n'uma infinita ternura pela sorte dos recém-nascidos sem culpa e sem pousada; algumas mulheres de Vianna, mais fortes, na beira dos caminhos, offertavam, n'um impudor sublime, os seios nus ás debeis creaturinhas sem vóz e sem direitos, tornavam indistinctamente os pequeninos ás mãos esquelidas onde seccára o leite, uniam-nos ao peito, n'um largo gesto maternal, transbordante de desespero. A vóz que corria pelos montes como as torrentes d'inverno era, agora, um longo uivo de desgraça, arrastado, lento, triste. E nos adros das egrejas, nos cruzeiros das estradas, batendo furiosamente com a têsta nos braços de pedra da Cruz impassivel, vultos escuros soluçavam com estridor, com os filhos mortos nos braços. Os miseraveis continuavam, vagamente conscientes de que n'outras épocas, n'outros seculos já remotos, antigos grupos ainda mais desalentados, mais famintos tinham, tambem, expellido á face dos céus a amargura da sua vida sem pão e o desespero da sua existencia sem luz. Outros annos sem fim haviam ainda de passar sobre elles, milhares talvez, até que novos *Jacques*, inconcaveis, perdidos no impenetravel mysterio do futuro, alastrassem immensos e avassalassem a terra. Já a torpeza das cidades desvirtuava aquelle clamor de fome e o adaptava

aos seus interesses; já fardas consteladas especulavam sobre a revolta campezina, derrubando ministerios e armando batalhões; a guerra civil ia nascer, roubando o primeiro impeto dos simples para o transformar n'uma hedionda causa politica. Mas elles, vagueando pelas margens do Ave, onde enganavam a fome bebendo nas aguas claras, aglomerados por um soffrimento commum, aureolados já pela miseria cem vezes sagrada dos Vencidos, — não comprehendiam nada, não conheciam nada e os seus pequeninos apenas sabiam chorar. Perdidos no mundo vasto, tão pequenos, tão obscuros sob a infinita magestade do ceu vazio, eram como que a Esperança morta de um grande ideal desfeito. Eram espectraes, abstractos, transparentes, uma grande Lagrima rolando lentamente sobre a face desolada da Terra. E marchavam!

---



## EM VOLTA DE GARRETT



## EM VOLTA DE GARRETT

O ministro, de passagem, atirou o chapéu e a bengala para cima da secretaria e approximou-se d'uma das janelas. Fóra, fevereiro envolvia a terra com longas cordas d'agua; o Terreiro do Paço era um lago encrespado aqui e além pelas ventaneiras subitas; a estatua de D. José es-corria d'humidade esverdeada, impassivel, como que re-signada, solitaria na vasta praça debruada d'arcarias. No rio as falhas adormecidas baloiçavam-se em cadencia, es-fumadas no véu do aguaceiro. A névoa tornava indeci-sas as margens da Outra-Banda, fabricando uma atmos-pha d'algodão sujo, onde guinchavam centenas de gaivo-tas. E era tudo pesado e infinitamente tristonho.

O visconde d'Almeida Garrett encolheu furiosamente os hombros, indignado com aquella abominação dos ceus. Nunca em Bruxellas, no tempo, em que lá dera a moda garrettiana, os dias lhe tinham sido tão duros e tão agrestes. E apesar da mingua d'erario, tão parcamente dividido pelas embaixadas, uma miseria negra, uma ava-reza inconcebivel pelos contos de réis, retidos nos Nego-cios Estrangeiros, decerto a vida do *boulevard de Gaud*,

às cinco horas da tarde, tinha amenidades magnificas e confortos razoaveis. Comquanto às multiphas condecorações da sua casaca verde-bronze não pudesse ajuntar a commenda de Christo, impetrada com tanta ardencia e sempre fugitivá, — hâvia compensações n'aquella terra de belgas que quasi respirava o ar de Paris e a delicia de Paris. E estava agora ali, ministro, n'um casarão indecente e humido, sem um fogão, a vêr chover, n'uma tarde de parlamento, n'uma tarde de politica, inutil e desoccupado na hora activa em que a machina governativa mais range e mais se desconjuncta no seu eterno esforço de administrar. Era um d'aquelles dias infelizes em que, para os homens, se mostra mais accentuada e mais teimosa a resistencia bruta das coisas. O Lemos falhára-lhe uma casaca, o Andrillat polvilhára-o demais para o baile da marquezia de Vianna e o seu ultimo sinêto, uma maravilha d'engenho, com as armas em meia sinopla sobre fundo doirado, — não estava ainda prompto. Era demais em Portugal. E com aquelle tempo ignobil, ali jazia elle, sem sinêto, sem casaca, sem commenda, — e sem ter nada que fazer!

Um suspiro medonho atroou o vasto gabinete decorativo e solitario. E abandonando a janella, onde a chuva crepitava com a maior impetuosidade, o ministro refugiou-se, moribundo, na monumental poltrona da secretaria. O tecto já se ia afogando em sombra, os *reps* cahiam direitos, hieraticos, das altas hombreiras pombalinas, com as pré-gas immoveis, adormecidas. O tapete enorme e vermelho sumia-se por debaixo d'um collossal camapé Imperio, esquecido n'aquella parede desde annos; o ministro notou,

até, que estava no fio, proximo do sophá, provavelmente de tantos pés indecisos e tímidos que ali tinham pousado com esperança ou com desvanecimento. Passára por alli o espanador respeitoso e convicto do servente; havia um rigido alinhio em cima da secretaria, com as pennas, os lapís arrumados, em roda d'um monte de impressos. O visconde considerou o tinteiro pensativamente, com ar amargo, coçou uma das pernas, aterrado, com phrenesi, pasmou, d'olhos dilatados, para uma ponta de charuto deixada ali desde a vespera por um collega, atirada com negligencia para o vão de uma das janellas. Era aquella infame administração que não tinha um olhar indagador para os pavimentos do ministro! E era dia de despacho tambem! Não tardaria o horrendo Bicker, com a pasta sebacea — que bem se lembrava que era sebacea — a ciciar coisas de consulados e de bachareis, dando a assignar folhas de al-masso onde havia borrões de tinta. Jesus! Que monumental, que somnolenta massada! E novamente o ministro jazeu inerte e negro, como a ponta do charuto do collega...

No silencio, com effeito, Bicker assomou, fendeu a amplidão do gabinete, de bellas suíças grisalhas, face leonina e severa, na mais requintada das elegancias, calças á Morny, sobrecasaca felpuda, debruada d'arminhos, opulenta, rigida e magestosa. O visconde d'Almeida Garrett abriu o olho direito. E o director geral informou-se da saude de S. Ex.<sup>a</sup>

— Murcho, Bicker, muito murcho...

Seria provavelmente o frio... S. Ex.<sup>a</sup>, todavia, ha-

bituado aos frios de Bruxellas, devia resistir bem. Mas com este ceu de Portugal, tão inconstante, tão insidioso...

— Talvez, Bicker, talvez... Vou mandar vir pelles do lago Ontario. Vou escrever para o Canadá...

Sem transição Bicker abriu a pasta sebacea e cravou os olhos no visconde. Do bôjo escapou-se uma tremenda papelada e o ministro, resignado, fechou os olhos. Eram nomeações. Portugal novo nomeava com furor para paizes exóticos, para a California, para a Australia, para a China. Bicker parecia estar seguindo o roteiro do capitão Cook, entorpecendo o seu chefe com aquella geographia tão distante e tão vaga. A chuva fustigava mais os caixilhos das janellas e era bom, era delicioso ouvir aquelle excellente homem sussurrar razões de Estado, graves e transcendentales, tão propicias a uma sésta decente, leve e desprendida.

O ministro abriu ambos os olhos. A tristeza do dia anniquilava-o. De novo considerou o tinteiro, a ponta do charuto, emquanto, ao lado, a voz monótona e abafada fallava em *exquator* e em *habeas corpus*. Depois a face amortecida ergueu-se até ás suíças do director geral, toda se embeben na gravata côr de cereja, picada por uma enorme opála. Mudamente approvou, inspeccionou melhor, com mais attenção. Decididamente Bicker era um funcionario com as raras qualidades conjunctas do trajo e da sabedoria. E nas profundidades do seu ser, S. Ex.<sup>a</sup> pensou:

— Gosto d'este Bicker...

Bicker fallava agora em assignar todas aquellas coisas

e com tenacidade empurrava os papeis para defronte do ministro, fallando ainda, fallando sempre, com o mesmo murmúrio monótono e doce. Bicker, na igreja, se lá ia, devia rezar assim, com aquella voz aveludada e persuasiva. Mas Garrett, n'esse momento, pairava-lhe na sobrecasaca. E todo se regalava! Com effeito, havia gosto n'aquella machina consular. Era espantoso! Não vira melhor em Londres, nem mais concisamente britannico nem mais interminavelmente palrador. Havia de cultivar aquelle funcionario! E de subito o dia refulgiu, a chuva cessou, coou-se em claridades cristalinas: o visconde contemplava as formosissimas calças de Bicker, n'um assombro e n'uma amargura. Como aquillo era bem lançado, bem cortado, de summa elegancia e de summa sobriedade! Aquelle subalterno possuia uma coisa que elle, visconde d'Almeida Garrett, não tinha! Nem Lemos, nem Moraes, alfayates da *gentry*, igualavam aquella perfeição. De que servia ser visconde, ministro, um grande escriptor, uma grande cabeça, se não tinha, se não podia ter umas calças assim! Em dois segundos, Garrett, como Shakspeare, tocou no fundo da amargura humana e sombriamente interrompeu, desolado:

— Ó Bicker...

O director geral estacou, encolheu — e o ministro ciciou n'uma admiração:

— Que extraordinarias calças Bicker! Que extraordinarias calças!...

Bicker perturbou-se, refluiu. O senhor ministro é que interrompêra d'uma fôrma extraordinaria. Santo Deus!

Sem duvida as calças eram perfeitas, mas estava tão longo d'ellas n'esse momento!... Estava, positivamente, em ceoulas. Emfim, S. Ex.<sup>a</sup> desculpára que alguns metros de fazenda, cortados com certa habilidade, o pudessem distrahir de coisas tão graves, tão profundas... No dia seguinte vestiria outras calças...

— Não senhor, Bicker, não senhor. As mesmas, quero as mesmas! Ponha ahí os papéis. De onde são ellas? Do Moraes?

Bicker fez um signal negativo.

— Do Lemos?

— Do Right, de Londres, — marmurou elle.

— Do Right? Como, do Right? Como é que elle lhe tira as medidas?

O director geral córou, confessou, modesto, que na previsão do seu afastamento de junto do celebre alfayate, aprendera elle proprio a medir-se. Era só mandar para Londres, n'uma simples folha de papel, uma serie de numeros — e o correio traria um par de calças impeccaveis e inconfundiveis.

Garrett pulava, agora, d'olhos bem abertos, bem fagosos. E agarrou-lhe nervosamente no hombro:

— Ó Bicker, você vac tirar-me as medidas d'um par de calças!

O outro recuou, aterrado, balbuciando... Decerto, no recolhimento do seu *home*, com pachorra e á vontade, laboriosamente media coxas e canellas... Mas ali, no ministério!... E se alguém entrasse, o visse a elle, Bicker, ajoelhado, medindo com solicitude as barrigas das pernas

do senhor visconde!... — E depois, não tinha uma fita de medir!

De facto, era um objecto desconhecido n'aquellè cortiço de burocratas, onde não existiam medidas lineares. E foi o ministro que sugeriu:

— Um cordel... um simples cordel...

A chuva cahia com mais violencia. Era a hora do Parlamento. O *landau* do ministro esperava em baixo. Bicker, alfoqueado, media com uma guta vermelha, encontrada no fundo d'uma gavêta, no meio d'uma collecção de *Diários do Governo*. Garrett pousava-lhe a mão no hombro, acarinhava-o, convidava-o para jantar — promettendo-lhe *roast-beef* à escocêza e trouxas d'ovos magnificas, que lhe haviam chegado do Vizeu, dias antes. E Bicker, terminando de medir, assoberbado pela gula, refugiou-se de novo, com alacridade, na exposição do seu despacho. A legação do Rio de Janeiro haviam forçado o cofre e...

— Estarão certas, Bicker?

— As contas?

— Não. As medidas.

Que S. Ex.<sup>a</sup> se tranquilisasse. Havia de ver depois, ao receber a caixa do Right. Mas de facto aquelle caso era estranho, urgia demittir o funcionario...

— Em lamiste, Bicker, em lamiste côr de ervilha, clara...

Bicker acquiesceu n'um gesto. A promoção dos segundos aspirantes approximava-se. Elaborava-se a lista; parecia-lhe natural que fosse á assignatura...

— Oiça lá, ó Bicker?...

De novo o director geral se condensou. E o ministro balbuciou:

— Na cintura... aqui em cima... você sabe o que são estas coisas... dê-lhe mais duas polegadas... Tenho um defeito...

N'uma grande decisão, aliviado, arrebatou da penna. E no cantar da chuva áspera, automaticamente, foi assignando: Visconde d'Almeida Garrett, Visconde d'Almeida Garrett, Visconde d'Almeida Garrett...

---

## FIAT-LUX



## FIAT-LUX

A pachorra secular dos portuguezes nunca teve pressa e só adaptava ás maravilhas do progresso depois de prudentes cogitações. Em 1841 havia já, em Inglaterra, perto de mil e novecentos kilometros de linhas ferreas quando em Portugal, por essa mesma época, nem sequer se fazia ideia do que isso fosse; estava-se então, no apogeu retumbante da deligencia e da liteira. Todas as innovações pareciam provindas de Satanaz, cheirando horripelmente a enxofre, com o aspecto carrancudo e hostil de quem tenta angariar almas para os caldeirões de Pero Botelho. A ponte pensil, inaugurada, n'essa ocasião, no Porto, apenas era aproveitada pelos espiritos fortes que o alvoroço popular logo alcunhava de maçons; e a fragata franceza, a vapor, *la Couronne*, que por esses tempos arribou ao Tejo, prendeu, durante dias, nas margens alcaudoradas, uma multidão enorme embebendo-se com pavor n'aquella prodigiosa obra de maleficio que marchava sem vélas e contra o vento. Para arrancar da inercia a indolencia lisboeta os proprios governos pouco ou nada faziam,

seguindo, impassíveis, o velho preceito florentino, afirmando que *piano piano si va lontano*. De forma que Lisboa foi positivamente sacudida com a erupção do gás na iluminação das ruas, acontecimento momentoso e diabolico que teve a sua realisação em agosto de 1849, quando em Sidney, na Australia, elle existia d'uma forma commun desde nove annos.

✂ A iluminação de certas ruas de Lisboa datava ja de 1780, frouxa, lugubre, particularmente complice dos ratoneiros e organisou-se com lanternas d'azcite que eram roubadas com muita habilidade e uma constancia nunca desmentida. O governo da primeira D. Maria não podia estar fornecendo gratuitamente azeite com tanta abundancia e cortou cêrce as *luzinhas quasi extinctas*, de Fluciello, devolvendo a cidade á tréva algum tempo depois. Em 1791 reappareceram, porém, novamente, as luzes indispensaveis, utilizando os velhos lampiões de cegonha, com os contornos superiores terminados em bico. Mas este processo continuava a ser deficiente, operando de combinação com o satélite, reduzido ao estado de *meia-illuminação* nas noites em que certos quartos de lua deramavam uma luz intensa; ainda mesmo que chovêsse e o astro se conservasse ennuablado, o systema continuava porque a culpa não era da loura Selene, pontual e obediante e por consequencia ninguem tinha de que se queixar. E mesmo este primitivo arranjo dividia ainda as lanternas no grupo das *permanentes* e das *semi-permanentes*, que não se accendiam nunca, sob nenhum pretexto, embora estivessem aprestadas para isso. Como, porem, es-

tes modestos sóes portateis inundassem de vergonha os espiritos mais arrojados, que por toda a parte clamavam que Pariz ja tinha gáz desde 1829, foi necessario galvanisar as populações e Lisboa começou bravamente a abrir, nas suas ruas, o corrêgo sinuoso que havia de transportar os conductores de chumbo. O conde de Ffarrôbo, perdulario e artista, ja se tinha antecipado. Algum tempo antes inaugurou no palacio e theatro das Larangeiras os seus nunca bastante celebrados déz candieiros. E o primeiro lêque amarelinho, silvando, dobrado sob o vento, pouco mais luminoso que a veneravel lanterna de azeite, sua antecessora, fêz a sua apparição n'esse anno de 49, na via publica, como um phenomeno milagroso e raro que provocava commentarios sem fim e atrahia, até horas mortas, uma longa fila de curiosos. Só em 1850 o gáz se tornou extensivo a toda a cidade e a invenção de Philipe Lebon, datada ja do principio do seculo, alterou profundamente o aspecto antiquado das ruas de Lisboa.

De facto Lisboa, com o gáz, não se sentia á vontade. Embora Lopes de Mendonça o tivesse dithyrambisado com larga vehemencia, n'um dos seus famosos folhetins, havia contra elle uma grande hostilidade. O gáz, com effeito, quasi matava o lar, trazia consigo um largo sopro de democracia, afogando n'um arranco a aristocratica illuminação dos salões, obtida pelas vélas innumeraveis que deixavam cahir uma luz velada e doce. S. Carlos deixaria, pois, de sêr possivel sob a luz crua do gáz e para as meias tintas d'aquella sociedade que adormecia, tantos silvos, tantas claridades brutaes não convinham decerto. Essa abominação

de Parizes remotos, alastrava, agora, em terras portuguezas e parecia que no esplendor quente da sua luz um pouco de sangue novo circulava nas veias com outro sangue corrupto e morno. Isto exasperava Lisboa — que só era ousada em politica. Tudo que lhe alterasse, por ligeiro que fosse, o seu ripaço secular, lhe apparecia logo como uma cousa hispida e antipathica que era preciso varrer e aniquilar para socêgo e consolação de todos. Depois de ter pasmado para o milagre d'aquella luz implacavel e satanica, começou a olhal-a com rancôr e a amar com desespero o candieiro de tres hicos em vetusto latão para vetustos azeites. Durante um momento pareceu que o petroleo iria des-thronar o Mal, surgindo burguez, modesto e facilmente comprehensivel. Mas não. Metade do *seculo das luzes* tinha corrido já e o gás havia de guardar, por longos annos ainda, a sua soberania incontestavel que só a electricidade desmantelaria brutaemente.

Mas, com essa nova illuminação, alguma cousa, com effeito, desapparecêra. A Lisboa de D. João VI, a Lisboa do intendente Pina Manique, de Bocage e de José Agostinho de Macedo, deixára escapar a sua alma subtil na chamma triangular de um bico de gás. Decerto os *devoristas* tinham trazido do estrangeiro novas ideias e novos costumes que profundamente modificaram a vida da cidade — mas a vermelha luz do progresso veio dar o golpe de misericordia no que ainda restava de caracteristico e de proprio. Existia um antagonismo definido em todos os aspectos familiares; nos armazens, quasi centenarios, da Baixa, soturnos e graves, entre os balcões de nogueira,

polidos pelo continuo perpassar das peças de fazenda, silvava o gás, logo ao entardecer. Já dentro dos velhos muros do Castello, nos aquartelamentos que o rei D. Fernando preparava com disvelada attenção, o gás bruxuleava, vergando sob as rajadas as suas luzinhas tristes. Nos salões litterarios da Regeneração, onde as novas *leões* do néo-romantismo ensaiavam, ainda timidamente, os sa-ráus galantes de Compiègne, a mesma luz moderna apurava, com nitidez, as arestas das cousas, dando-lhes um relevo brutal que lhes tirava toda a suavidade. As canalisações meandravam indiscretamente, por toda a parte e sempre teimoso, insinuando-se com lentidão segura, o gás abria o seu léque dominador. Tinham-n'o os cafés, já o possuia a velha livreria Bertrand que, por essa epoca, vendia collossalmente Lamartine e Octavio Feuillet, o botequim do Gonzaga inaugurou-o com fausto, no barracão do Salitre elle surdiu imperioso e altivo. Aquella famosa illuminação que estava em vespas de dar a volta ao mundo, conquistava com desembaraço ferrenho, todas as resistencias de Lisboa, instalava-se mansamente n'um silencio pacato. E agora, até as tendinhas do Rocio, microscopicas e desertas, tinham o seu bico de gás solémne e deslumbrante, espalhando claridades nas garrafas refulgentes onde a aguardente de figo esperava o appetite dos consumidóres.

Havia gás no crepusculo dos Romanticos. E enquanto uma sombra de mysterio diluia, lentamente, uma sociedade que fôra tempestuosa, os pontos brilhantes cresciam e multiplicavam-se; como n'um funeral pagão, o morto en-

trava no Esquecimento rodeado por chammass de um fulgôr intenso. Para que nada faltasse n'esse occâso melancolico, a mão dos homens incendiava as cidades como o sópro de Deus costuma incendiar os horisontes. Na desolação merencoria das tardes que cahem pesadamente, os velhos contemplavam aquella invenção humana com o desespero resignado dos moribundos que não terão mais sol — porque vão morrer com a aurora. Assim aberta ao desvaio da modernidade, o que não iria soffrer a dôce Lisbôa? Os ignorantes, que não pasmam de nada porque tudo para elles é, a um tempo, inexplicavel e corrente, viam, com placidêz, o consideravel melhoramento sem presentirem o seu anachronismo latente. Mas os sonhadôres, os pensadôres refugiavam-se n'um mundo que terminava, vendo, n'aquella luz, fogáchos lugubres, sinistros que, no seu tremular, sarabandcavam em torno de uma agonia. E havia horror, com effeito. Porque motivo aquella medida, aquella que mais lentamente se fizera annunciar, rebolando, escorregadia, na inercia dos governos, se forçava, agora, d'uma fôrma tão sombria, tão positiva, triumphando no declinar d'uma época? Era a eterna desconnexidade das cousas, surgindo sem methodo, atropelando-se na vida ligeira e illusoria da pobre humanidade. O gáz que illuminava a aurora do porvir era um progresso brutal, um dos muitos progressos que apressam o fim de algumas sociedades, um fermento de desagregação, tão forte na sua simplicidade, tão nefasto na sua melhoria. Lisboa não era já a cidade dos avós que dormiam — mas, a Babilonia dos vindouros, dos netos ainda perdidos nos

limbos do nada. E a certeza d'uma cousa differente, apagando, sem reboço, todo o fulgor dos homens que julgavam as suas ideias eternas como o firmamento, era, decerto, a maior crueldade, a dôr mais violenta que podiam assoberbar os que partiam vergados, aniquilados n'uma infinita tristeza. Naquelle claridade que, de subito, triumphava, — um crepusculo descia. *Fiat-lux*. E fez-se a escuridão.





## A REGENERAÇÃO



## A REGENERAÇÃO

O movimento da Regeneração não foi um movimento notavel, nem pela sua amplitude nem pelas suas consequências concretas. As classes que o fomentaram, tinham organizado todas as sedições do reinado de D. Maria II. Foi uma tentativa revolucionaria muito menos importante que a *Belémzada*, mais escassa ainda d'effeitos do que ella, com fragilidades, frouxidões em que revelava a fadiga dos agitadores profissionaes. O nome com que se revestiu indicava uma intenção que, de resto, nunca realisou com efficacia. Toda a gente sentia a necessidade de regenerar a Causa Publica esquecendo-se, todavia, de se regenerar a si propria. A fraude governamental assumiu proporções épicas e na duvida, ainda esbatida, que se levantava, os projectos diminuiam, insensivelmente, de envergadura. Foi uma explosão fria, sem entusiasmo e sem paixões muito tumultuosas. Em summa, o movimento da Regeneração pôde synthetisar-se n'um golpe de estado, mais ou menos necessario, que tinha por objecto derrubar um ministerio e substituil-o por outro.

Mas a Regeneração marcou, todavia, dois periodos bem nitidos e bem delimitados na sociedade portugueza. Um antes d'ella, outro depois. Embora os mesmos homens continuassem a agitar-se com as mesmas paixões e os mesmos processos, mesmo em seguida a esse derradeiro arranco das dissensões intestinas, — parece que elle, com effeito, alterou o tempo, o modo de sentir e a preocupação vital das multidões. Na primeira metade do seculo Portugal crê na Constituição, bate-se por ella e encontra na sua velha alma entorpecida santos entusiasmos e sagradas effusões que o atiram para a frente com abnegação e energia. Em seguida, brusco, o paiz recae no seu torpôr, alheia-se, desinteressa-se — e adormece n'uma indolencia descuidosa que intimamente o vae roendo, levando-o ao ponto de o deixar nú e arruinado no dia em que elle, de novo, acordou. O regimen parlamentar, baseado na divisão da responsabilidade, feneceu, como de resto, em quasi toda a Europa, quando a sua mentira e a sua inutilidade se tornaram patentes; hoje, mesmo, subsiste — á falta de melhor. Deu-se, entre nós, uma profunda scisão de costumes, como em França se havia dado depois da passagem da monarchia de Julho ao segundo Imperio, pela ponte fragil da republica de 1848 e como em Hespanha havia de succeder, mais tarde, depois da quéda de Isabel II. As sementes ligeiras que germinavam, desde muito, no subsolo das sociedades, romperam, por fim, na superficie. A primeira característica que se nota é o cansasso pela politica e a indifferença quasi absoluta que, devagar, ia surtindo por ella; são os primeiros pródromos d'uma acal-

mação. Depois a vida publica retrahiu-se, os homens de D. Pedro envelheciam, refugiavam-se cada vez mais nas suas occupações privadas e os que lhes succediam, nascidos aqui, não tendo tido a mocidade batida pelos formidaveis movimentos europeus do principio do seculo, não sentindo já como os paes, fecharam a sua actividade em ambitos mais reduzidos, tornando acentuadamente portuguezas ideias quasi mundiaes, adaptando-as e, por consequente, restringindo-as a um modo de vêr ainda fradresco, quasi cenobitico. Os dirigentes não melhoraram; pelo contrario; nunca foram tão grandes a concussão e a simonia; sòmente não havia já sobre elles, vigiando e protestando, os olhos d'uma nação inteira. Toda a gente encollhia furiosamente os hombros — e se fechava em si propria. A Regeneração foi, de facto, um crepusculo, um *gottdammerung* que enterrou melhor uma multidão extincta do que cincoenta pásadas de terra, no fundo de um cemiterio. Uma sombra descia, lenta e triste, envolvendo em esquecimento as velhas dissensões, demonstrando, mais uma vêz, a inutilidade flagrante das passageiras paixões humanas. E este desprendimento, quasi absoluto, d'uma geração fatigada, aniquilou a sociabilidade, matou a elegancia e abastardou a arte.

Tudo se modificou, se substituiu sem que os pensadores o comprehendessem, pudéssem seguir, sequer, a marcha insensível das cousas. Assim uma caravana, estridente de côres e de vida, pássa por junto de um oasis fresco, toda se agita n'uma animação de viver e o deixa depois, devagar, enquanto alguns retardados pretendem

demorar-se e a custo se desprendem do logar de delicias que o seu espirito evocará muitas vezes. O Romantismo magnifico terminára. Já os homens amesquinhavam aquillo que pouco antes fizêra a sua belleza. Os esparsos, que tentavam reviver e resurgir, singularisavam-se, tão deslocados, tão lamentaveis como um franciscano dos frescos de Giotto, arrancado dos velhos conventos de Fiésola e posto, entre caricaturas de Gavarni, n'um salão de moveis de Boule onde houvesse estatuetas de Roigny-Jourdain. O néo-romantismo nasceu com o gás e com as saias de ba-lão e a sua palêta barrou de cinzento todo o colorido mor-dente e sensual que adornára a vida dos maiores; foi um filho bastardo d'essa gente, que não deixou successores, como tambem não encontrára ascendentes. Entre a pri-meira Carta dos Casacas-de-briche e o movimento da Re-generação, Portugal viveu d'uma existencia propria como nunca tinha tido antes, como, verosimilmente, nunca mais terá; dois factos séccos limitam uma época soberba que ficon expressa na Historia. Porque do resto nada mais existe. Onde estão os *snobs* da Assembleia Lisbonense, os irre-quietos de S. Carlos, os agitadores de todos os motins da rua? Onde está o mundo elegante das Lorangeiras, ple-thorico de prazer, pairando, com indifferença, por sobre as misérias da cidade? E os que amaram, os que amal-diçoaram, tremulos de odio ou de amor, agitando o fâcho do seu ideal, inundando com as vagas da sua cólera, ho-mens, senhores absolutos da terra, onde estão elles? Onde estão as creaturas soberbas que gritavam aos céus o seu desespero e o seu triumpho? Onde estão?

É procural-os, agora, nas longas ruas desertas, debnadas de capellas escondidas na sombra esguia das arvorts funéreas. Estão ali, nos Campos-Elyseos da sua cidade, no fundo dos jardins onde apodrece o que na vida soffreu e palpitou. E resurgem nos chorões, entre as lapides, e rebentam, vivazes, nas selvas frescas e erguem os braços supplicantes nos cyprestes esgrouviados e sombrios. As áleas desoladas abafam o passo dos vivos, extinguem a Vida no mysterio impenetravel da Morte. Só as pedras falam, contam ambições falsas, exaltam doçuras falsas, proclamam virtudes falsas, correctas, alinhadas, mostrando mudamente, em marmore, a mentira dos homens, a impotencia dos homens perante a morte, enquanto, por debaixo, na sombria noite da terra, uma outra vida renasce impetuosa, indomavel e eterna. *Aqui jaz... Aqui jaz... Aqui jaz...* Caminhar, andar, andar sem fim em torno do entorpecido jardim que, de subito, pôde a morte levantar, macabramente, um velho morto, branco na sua branca mortalha, inerte na sua eternidade inerte. Talvez o poeta queira, ainda, inundar as orbitas vasias com o esplendor de todo o azul dos céus, talvez o politico deseje, mais uma vez, estender o braço dominador que fulminou e vergou... E estão ali — na terra. *Aqui jaz...* As multidões dormem immobilisadas. Farrôbo, João de Lemos, Epiphanio, Passos Manuel, Fonseca Magalhães... Ali — na terra. *Aqui jaz... aqui jaz... aqui jaz...* Artistas de claro genio, pensadores de profundo scismar, letrados, philosophos, virtuósos, sabios, humanidade inquieta que procura sem fim, no eterno esforço e na eterna imperfei-

ção... Ali — na terra. E os obreiros humildes, os obscuros obreiros, também, as manchas indecisas que ondulavam nas tardes de motim, Pedro, João, Antonio, Pedro, João, Antonio... Ali — na valla. Uns na terra evolutiva e eterna, outros na pompa dos seus jazigos sumptuosos, todos eguaes em face do Desconhecido, são a materia imponderavel, gerada no abysmo dos seculos, congregada no decorrer dos seculos, dispersa no seu gotejar sem fim. Multidão immensa, multidão gelada, sem um gesto, sem um grito, cothida, para todo o sempre, na rigidez da eternidade. Aquelle grande mundo tornou-se um punhado de cinza, leve poeira cinzenta que nem mesmo é agitada pelas brisas ligeiras dos cemiterios, que parecem sussurrar as lamentações de Jeremias, paraphrasear a salomonesca vaidade das vaidades, soluçar versiculos desesperados do Ecclesiastes... E os mortos que regeneráram — são, por sua vez, regenerados também, no somno infinito que nunca mais tem acordar. Só aquelles a quem Deus concedeu o maravilhoso dom de sentir e de evocar, os podem suppôr, tarde, no mysterio negro da sombra, uivando com o uivo do vento, fremendo com o fremêr das folhas, olhando com o olhar dos planetas distantes, arremecendo n'um *sabat* furioso, as ambições que os agitaram ou roçando, lentamente, pelas campas, a extincta paixão da sua vida terrestre. E pensam com desespero ou resignação e ululam, ainda, na febre do seu ideal passado e morrem segunda vez dentro da morte, no insatisfeito anseio dos seus desejos incompletos que não realizarão nunca... Lamentações de Noite que sobem orvelinhando, até aos mysticos umbraes do espaço, para

qué chorar o eterno cyclo humano, nascer, soffrer, morrer? Para quê? Para quê? Que talvez a inutilidade da vida se possa comprehender na eternidade da morte! Velhos mortos, velhos mortos, a noite acaba. Silencio! Silencio queridos mortos... Agora...

---



ELLA



## ELLA

... agora os phantasmas desappareceram na densa neblina que cerra os horisontes. E o véu que a vela cobre amorosamente o dorso das colinas, espalha-se no rio em flôcos amarfanhados, revolteia em farrapos de algodão, silencioso, espectral, gelado. A escuridão coleia a massa indecisa com recantos de mysterio e de negrura mais intensa onde rumureja o arvorêdo dos jardins, entre balsamicas frescuras da terra molhada. Toda ella é uma grande mancha cinzenta com nodos de sombra. Nem espaço, nem horizonte, nem luz. Nada. As vibrações de um sino fremem, pelo ar, as seis horas da manhã. E enquanto ella dorme, entorpecida e indifferente, aquelle divino milagre da Força Viva opéra, lentamente, o seu prodigio habitual na nudez desolada da noite, repelle a cerração para os recortes esfumados da ponta d'Oeiras, apodéra-se com tenacidade da terra, espreita o momento opportuno para lançar o seu primeiro dardo. Começa toda a formidavel magia dos cambiantes e é devagar, com lentidão descuidosa que o acastelado de nuvens, no horizonte, abre es-

paçosas alas e enrubesce e se entrecabre lascivamente, incendiado n'um clarão de victoria, para que ella, no somno tepido que finalisa, encontre logo a luz que é a vida e a alegria da sua existencia imutavel. O ar fino amolece e ondula, as virações resaltam, carregadas d'olencias, rasgando com infinita precaução os véus cendrados que envolvem a casaria minuscula do Barreiro, a falasia barrenta do Alentejo, os mamelões redondos que se debruçam, enamorados, no Tejo. O astro vae lançar o seu primeiro olhar sobre a cidade e a natureza, no murmúrio immenso da sua immensa força, cicia a *hossannah* formidavel que acompanha o cortejo de todas as auroras, n'um crescendo divino, esplendido, que os homens não ouvem mas que vae, em ondas pelo espaço, morrer junto do Creador que nunca teve manhã e que não terá nunca tarde. O ceu espéra, apagando, n'um assombro, as suas ultimas estrellas; as folhas estremecem e as raizes impam de seiva e os bichos de conta, nos muros d'hera, espalmam a sua esphera de azeviche na expectativa serena d'aquelle milagre soberbo, — porque elle vae nascer, assombroso, colossal, infinito, n'um turbilhão de chammass que envolve o Universo n'um incendio sem fim e sem limite. E o primeiro raio do sol é um pincel terno e minucioso que movimenta e anima, accende lumes refulgentes nos vidros de todas as janellas e põe matizes de oiro liquido em todos os zincos dos beiracs, inundando de luz as casarias brancas, cabriolando nas telhas musgósas, impaciente e caprichoso, acolhedor e môço. E ella, voluptuosa, desdobra-se n'aquelle caricia, espreguiça o seu despertar na cadencia mais apressada

do seu arvorêdo e no passo mais vivaz dos que vão logo com o dia mourejar e trabalhar. À medida que o globo rubro vai subindo no horizonte, os planos de sombra fragmentam-se, desaparecem submergidos n'um oceano de luz, como ilhotas de areia que a preamar lambe por todos os lados e esconde, por fim, n'uma toalha d'agua, mais ousada. É agora, desde a torre de Belem até aos paços da velha fundição, uma perspectiva luminosa e estridente que se anima no esplendor da manhã e aquece na tepidez d'aquella atmosphera, galgando, desordenada, os tôpos das colinas para logo depois resvalar em traços bruscos até aos valles quietos que parecem dormir ainda no socêgo d'uma réstea de sol. A casaria alva, interminavel, debruçada com segurança sobre o Tejo, ergue soberbamente ao ceu os seus telhados ponteados e castanhos onde milhares de trapieiras mais escuras desenham milhares de olhos que pestenejam, abertas para o primeiro trabalho e para a primeira e mais bemdita das claridades. Na placidez das cousas longinquoas o panorama tem a serenidade eterna dos espectaculos que desafiam o tempo, com todos os recortes flagrantos de nitidez, todas as duras arestas finamente destacadas no ar lento e sensual que increspa as aguas glaucas do rio e baloiça com moleza as faluas dispersas caprichosamente ao sabor do acaso e da commodidade. Os arreboes que incendeiam o espaço, os dardos inflammados que levam o fogo aos quatro cantos do ceu, pousam com mais ternura, demoram mais a sua caricia triumphante, porque adejam n'ella, porque fremem n'ella, na doce, na meiga, na melhor, na cidade das sete

colinas, na Lisboa berndita entre as cidades, tão cheia de encanto para os que a amam, tão acolhedora para os que a estimam, tão formosa, tão desejada para os que suspiram longe d'ella, para além dos mares verdes onde existem as terras da amargura e do exilio. É ella que se ergue esplendida e eterna no abraço formidavel do sol que nasce. A muralha cinzenta do Castello debruça-se pensativa no pendor alcandorado, negro das oliveiras esparsas e acolhe na sombra das suas muralhas tórvas o dédalo emaranhado das viellas tortuosas que vão desde Alfama até ás Cruzes da Sé, velho burgo onde sempre rugiu a colera dos homens e gemem a fome dos pequeninos, velha Lisboa oito vezes secular onde rouquejou gritos d'ira a multidão negra do alfaiate Fernão Vasques, que ouviu ulular de desespero a horda altivamente esfarrapada de Phebo Moniz e onde as mais confrangedoras misérias têm a tenacidade divina que espéra, atravez da miseria e atravez da amargura, o dia radioso em que hão de surgir a bondade, a alegria e a abastança. E são, mais além, as rosaceas incompletas, as paredes esguias das antigas ruinas do Carmo, que o tempo patinou e poetizou, com os arcos botantes transformados em braços de pedra implorando mudamente, com as suas ogivas vacias enquadrando o azul, os seus gigantes, os seus arrendados maineis defendendo, ainda, com avareza saudosa, a alma mystica do Condestavel. E os arvoredos assomam e murmuram; e as escarpas da margem irrompem e saudam; e os montes desenham-se e sorriem. O zimborio da Estrella morde o espaço, flanqueado pelas suas torres que, na claridade matutina, parecem mais leves,

transparentes quasi, translucidas, contemplando de longe o cubo do palacio da Ajuda, mergulhado na fronde agitada, mosqueada, por vezes, com o verde mais escuro dos pinheiros selvagens. E ella; agora, mostra-se toda, formidavel, bella, nua, a Lisboa do chapéu alto, a Lisboa dos marêchaes, a Lisboa do Romantismo, que se agitou com a facundia romana dos casacas-de-briche, que vibrou com Passos Manuel, que rugiu com Fonseca Magalhães, que chorou com João de Lemos e riu com Sargédas. Brilha, agora, cheia de graça, repleta de visões esbatidas em penumbras de sonho, embalando espectros indecisos de um velho tempo extincto, cheia de piedade pelos miseraveis, transbordando de nobreza para os que a humilham, destilando indifference para os que a não comprehendem. Acórda fremente de soluços e de gritos, esboçando sorrisos, de pensar amargo ou hilariante, e sob as claridades refulgentes tóma todas as modalidades coleia todos os progressos, a um tempo preguiçosa e trabalhadora, aventureira e prudente, elegante e desleixada. E na hora solémne em que a vida recomeça e o luxo ainda não desceu á rua, ella é a Lisboa sagrada dos que trabalham e dos que pénam, com as suas calçadas íngremes, as suas escadinhas a pique, de pedras polidas pelo continuo perpassar dos apressados, as suas travessas abafadas onde, de repente, n'um cotovelo brusco, muralhas musgósas abrem um rasgão sobre o rio e sobre o espaço d'uma infinita doçura. A voz d'ella resôa, fresca e aguda, nos martéllos dos caldeiros da Alfandega, amortecida pela distancia, nítida, plangente e dolorosa. Nos velhos largos, onde adormecem

solares meio envolvidos nas flôres roxas das acacias amáveis, ha grades debruçadas sobre o horizonte, convidando a um pensativo seismar e é junto d'ellas, na beira do passeio, entre a mulher e o filho, que almoça um ou outro operario de bluzza, comendo gallhardamente a sua máлга de sopas. A Lisboa dos humildes triumpho, sob o sol levantando, rigidamente, para os ares as cruces innumeraveis das suas duzentas egrejas, perpetuamente plantada em face das colinas da Outra-Banda, contemplando aquelles montes venerandos, onde se pousou tanta vez a saulade dos que foram a Ceuta, dos que foram á India e que, com a mesma impassibilidade, os viram chegar, em caravelas desmanteladas, subindo o Tejo no momento recolhido em que os sinos de bordo tangiam *Avé-Marias*, quando os corações opressos abençoavam a terra da patria e os olhos rastos d'agua procuravam, ennevoados, os contornos agrestes da serra de Cintra. Todo o mysterio do nascente desabrocha, agora, n'uma eclosão soberba. E ella é, mais do que nunca, a cidade maravilhosa e sempre joven que remóça todas as manhãs e todas as tardes adormece na certeza formidavel de acordar no dia seguinte. Os homens são para ti um accidente; elles transitam e tu ficas. Nem os que passaram, nem os que vivem, nem os que hão-de vir te pudéram alterar a fôrma primitiva que recebeste da Mãe-Natureza. A secreta auréola que fulge em torno de ti é toda composta pela poesia das cousas para todo o sempre desapparecidas e ha-de adornar-te até ao dia, perdido entre os designios de Deus, em que o teu derradeiro filho vir levantar-se, para ti, o derradeiro sol. No teu

manto de egoismo, ha uma infinita piedade; na tua apparencia frivola ha uma inarcessivel meiguice. Em contemplar-te está a inexprimivel doçura dos simples que se debruçam n'um mundo morto — e chegam a esquecer um mundo vivo. Os que vivem de ti amam-te e sentem-se tão ligados a ti que te levam para toda a parte no mais remoto escaninho do seu coração, reservando-te—sempre!—o melhor dos seus sorrisos e a mais sentida das suas lagrimas. Minha Lisboa que me déste, quando nasci, a tua luz matutina, consente que, na minha hora, eu cérre os olhos na melancolia sagrada do teu entardecer. Querida!

*Fevereiro-Novembro — 1916.*

*Luís-Deo*





## INDICE



## INDICE

|                                    |     |
|------------------------------------|-----|
| I — Os «casacas-de-briche» .....   | 9   |
| II — As filhas de D. João VI.....  | 17  |
| III — A medalha da poeira.....     | 27  |
| IV — S. Miguel Archânjo .....      | 37  |
| V — A cidade do lixo.....          | 47  |
| VI — Os aguadeiros .....           | 57  |
| VII — Morrêr! .....                | 67  |
| VIII — Exílio.....                 | 77  |
| IX — O «Remexido».....             | 87  |
| X — Queluz.....                    | 97  |
| XI — O regresso.....               | 105 |
| XII — Idyllo.....                  | 115 |
| XIII — A Rua dos Condes.....       | 125 |
| XIV — Politica.....                | 135 |
| XV — A Assembleia Lisbonense ..... | 145 |
| XVI — Os actores de 1840.....      | 153 |
| XVII — Agonia .....                | 163 |
| XVIII — As Laranjeiras .....       | 173 |
| XIX — O exercito .....             | 183 |
| XX — S. Carlos .....               | 193 |
| XXI — O botequim do Gonzaga.....   | 203 |
| XXII — Os jornaes de Lisboa.....   | 213 |
| XXIII — A Sevéra .....             | 223 |

|                                    |     |
|------------------------------------|-----|
| - XXIV — O Passeio Publico.....    | 233 |
| - XXV — A móda .....               | 243 |
| - XXVI — Lisboa na rua.....        | 253 |
| - XXVII — Um baile na corte.....   | 263 |
| - XXVIII — A «Maria da Fonte»..... | 273 |
| - XXIX — Em volta de Garrett ..... | 283 |
| - XXX — «Fiat-lux» .....           | 293 |
| - XXXI — A Regeneração.....        | 303 |
| - XXXII — Ella.....                | 313 |

---

COMPOSTO E IMPRESSO NA  
TIPOGRAFIA DO COMERCIO,  
RUA DA OLIVEIRA, AO CARMO,  
10 — LISBOA.